

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

FÁBIO FELIPE DE MELO

**Atualidade do conflito territorial curdo no Oriente Médio na
perspectiva da Geografia do Poder**

**SÃO PAULO
2017**

FÁBIO FELIPE DE MELO

**Atualidade do conflito territorial curdo no Oriente Médio na
perspectiva da Geografia do Poder**

Trabalho de Graduação Individual (TGI II)
apresentado a Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas –
Universidade de São Paulo como
requisito para a obtenção do grau de
bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Élvio Rodrigues
Martins

SÃO PAULO
2017

Nome: MELO, Fábio Felipe de

Título: Atualidade do conflito territorial curdo no Oriente Médio na perspectiva da Geografia do Poder

Trabalho de Graduação Individual (TGI II)
apresentado a Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas –
Universidade de São Paulo como
requisito para a obtenção do grau de
bacharel em Geografia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Élvio Rodrigues Martins
Afiliações

Prof. Dr.
Afiliações

Prof. Ms.
Afiliações

Ao meu pai, Djalma Cândido de Melo Filho, e à minha mãe, Betânia Maria da Silva Melo. O apoio de vocês foi fundamental.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores da escola pública, do jardim de infância ao ensino médio: obrigado pela dedicação e luta por uma educação para todos. Em especial à professora Rosângela de Geografia do 1º ano do ensino médio: em uma manhã de 2006 ela mostrou a minha turma dados sobre a pequena porcentagem de estudantes do ensino básico público que ingressavam no ensino superior. Hoje em dia os dados são mais positivos, mas há 10 anos não. Desde aquela época a professora Rosângela nos provocava e nos instigava a ir atrás de nossos direitos. Aquela aula foi o despertar para uma trajetória que tem na defesa deste estudo seu final.

Aos professores do Departamento de Geografia da USP, os quais me apresentaram uma Geografia ainda mais apaixonante do que eu procurava. Agradecimento especial ao professor Élvio, o qual mostrou novos horizontes e perspectivas para o que deve ser este campo do conhecimento, ao mesmo tempo que me deu bastante liberdade e incentivo para realização do presente estudo.

Aos meus amigos da universidade, principalmente aqueles que estiveram ao meu lado nas ruas em junho de 2013 e na organização do nosso centro acadêmico autogestionado: o CEGE. Obrigado por sonharem ao meu lado!

Aos meus pais, que migraram do nordeste para o ABC paulista, onde construíram sua vida e formaram as bases para que hoje eu esteja próximo de me tornar a primeira pessoa de minha família a me formar na universidade pública. O apoio de vocês foi fundamental. Vocês sempre me disseram que o estudo era tudo que poderiam me dar, e de fato me deram tudo. E aos meus irmãos que completam o time desta família da qual me orgulho muito.

Aos revolucionários e revolucionárias curdas, ao movimento zapatista, aos trabalhadores sem teto e sem terra e todos aqueles que lutam por seu território. É inspirado na luta de vocês que este trabalho foi realizado. Eu acredito em uma Geografia Política que não invisibilize o legado de vocês!

“Os únicos amigos dos curdos são as montanhas.”

Provérbio curdo.

RESUMO

MELO, Fábio Felipe de. A atualidade de conflito territorial curdo no Oriente Médio na perspectiva da Geografia do Poder. 2017. 154f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Este trabalho busca compreender as atuais questões do conflito territorial dos curdos dentro do contexto maior da crise que se instalou no Oriente Médio no século XXI. Para tanto, ele recupera o perfil e a gênese da população curda, passa pela análise dos territórios ocupados e reivindicados por eles e, por fim, analisa o atual estágio da luta dos curdos no norte da Síria, onde o projeto do Confederalismo Democrático é conduzido pelo Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK) e o Partido da União Democrática (PYD), e a luta dos curdos liderados pela família Barzani no Iraque, dentro da perspectiva dos recursos que esses grupos, hoje divididos, tem para alcançar a almejada independência e autonomia de seu território. Como metodologia, recorreu-se à leitura crítica de fontes secundárias como livros, atlas, jornais, relatórios de organizações não-governamentais e periódicos sobre o assunto, realizando uma análise dentro da perspectiva da Geografia Política do Poder proposta por Raffestin.

Palavras-chave: Geografia Política, Regional, Oriente Médio, Curdos, Estado Islâmico

ABSTRACT

MELO, Fábio Felipe de. The current Kurdish territorial conflict in the Middle East in the perspective of the Geography of Power. 2017. 154f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

The present study sought to understand the current issues of the territorial conflict of the Kurds within the larger context of the crisis in the Middle East in the 21st century. In this essay I shall examine the profile and genesis of the Kurdish population, analyze the territories occupied and claimed by them and so on investigate the current stage of the Kurdish struggle in northern Syria, where the Democratic Confederalism project is led by the Kurdistan Worker's Party (PKK) and Democratic Union Party (PYD), and also the struggle of Kurds led by the Barzani family in Iraq, within the perspective of the resources that these groups have to conquer the independence and autonomy of their territory. The methodology used was the critical reading of secondary sources such as books, atlases, newspapers, reports of nongovernmental organizations and periodicals, within the perspective of the Political Geography of Power proposed by Raffestin.

Keywords: Political Geography, Regional, Middle East, Kurds, Islamic State

Lista de imagens:

Ilustração 1: Relatório da Corporate Watch sobre luta dos curdos contra barragens.....	78
Ilustração 2: Rio Tigres.....	79
Ilustração 3: Países afetados pela Primavera Árabe e seus principais desdobramentos.....	82
Ilustração 4: êxodo da população yazidi após ataque da Organização do Estado Islâmico.....	103
Ilustração 5: Mossul recuperada após 3 anos de ocupação da OEI.....	106
Ilustração 6: Infográfico simplificado mostra funcionamento do sistema democrático do Norte da Síria.....	128
Ilustração 7: Guerrilheira do YPJ chama por solidariedade: “O que nós temos aqui é uma séria revolução das mulheres. Vocês precisam deixar seus países e vir aqui.”.....	144

Lista de mapas:

Mapa 1: Territórios reivindicado pelos curdos nos conflitos dos anos 70.....	20
Mapa 1: Áreas de concentração da população curda. Cada círculo representa 1 milhão de curdos..	24
Mapa 1: Oriente Médio.....	32
Mapa 2: Clima - Oriente Médio.....	35
Mapa 3: Clima 2 - Oriente Médio.....	36
Mapa 4: Recursos hídricos – Oriente Médio.....	37
Mapa 5: Aspectos físicos – Oriente Médio.....	38
Mapa 6: Petróleo - Oriente Médio.....	39
Mapa 7: Petróleo 2 – Oriente Médio.....	40
Mapa 8: Indicadores de desenvolvimento - Oriente Médio.....	42
Mapa 9: Indicadores de desenvolvimento 2 – Oriente Médio.....	43
Mapa 1: Fragmentação do Curdistão.....	44
Mapa 2: Principais cidades que concentram população curda.....	49
Mapa 1: Acordo de Sykes-Picot.....	51
Mapa 2: Atual configuração do Estado da Turquia.....	53
Mapa 3: Atual configuração do Estado da Síria.....	55
Mapa 4: Configuração atual do Estado iraquiano.....	56
Mapa 5: Configuração atual do Estado iraniano.....	58
Mapa 6: Conflitos regionais no Oriente Médio entre 1945 e 2002.....	59
Mapa 1: Guerra do Iraque entre 2003 - 2010. No mapa, o triângulo sunita, também conhecido como Triângulo da Morte.....	96
Mapa 1: Configuração territorial étnica decorrente dos conflitos no Iraque.....	102
Mapa 2: Imagem aérea revela legado de destruição.....	108
Mapa 1: Conflitos na Síria: países divididos em diferentes territórios sob controle de diferentes grupos, como curdos, OEI, oposição e governo sírio.....	124

Índice:

Introdução.....	3
Capítulo 1. População curda.....	4
1.1. Poder da população.....	5
1.2. Gênese curda: nacionalidade e territorialidade.....	11
1.3. Divididos em 4 Estados.....	17
1.4. Forças curdas: confederalistas democráticos e democratas curdo-iraquianos.....	23
1.5. Dados demográficos sobre a população curda.....	24
Capítulo 2. Território curdo.....	29
2.1. Região: Oriente Médio.....	32
2.2. Territórios curdos.....	44
2.3. Gênese das fronteiras.....	49
2.4. Atualidade das fronteiras.....	59
Capítulo 3. Recursos como armas políticas: as estratégias dos curdos.....	71
3.1. Curdos Iraquianos – O plebiscito de Barzani em Bashur.....	84
3.1.1. Crise no Iraque, da Guerra ao Terror à guerra civil.....	84
3.1.2. Da Primavera Árabe à autoproclamação do califado da Organização do Estado Islâmico.....	97
3.1.3. O plebiscito pela independência: o caminho dos curdos no Iraque.....	108
3.2. Os cantões curdos – Avanço do projeto confederalista democrático no Norte da Síria.....	113
3.2.1. O confederalismo democrático.....	125
Conclusão.....	146
Referências.....	152

Introdução

A questão curda voltou a ganhar bastante destaque no ocidente no contexto das guerras civis no Iraque e na Síria, ocorridas como desdobramentos dos eventos da Primavera Árabe. Somado a isso, o surgimento da Organização do Estado Islâmico, grupo jihadista que aproveitou-se da vulnerabilidade da região durante os conflitos para proclamar um califado nas planícies que ligam ambos países, rapidamente ganhando muitos adeptos, levou o mundo a voltar os olhos para os conflitos dessa região.

Existe muita confusão sobre o assunto, de modo que as informações chegam incompletas e confusas, não abarcando a complexidade e quantidade de atores envolvidos nesse conflito. Portanto, este estudo pretende retomar o histórico do conflito dos curdos, demonstrando seu lugar no Oriente Médio, assim como acompanhar como tem sido a territorialidade desse povo após ter sido separado em 4 diferentes Estados (Turquia, Síria, Iraque e Irã) com o fim da Primeira Guerra Mundial, por fim chegar à atualidade, analisando as perspectivas dos curdos de conquistarem um território independente. Visa explicitar, também, as diferenças entre os principais projetos políticos encabeçados por esse povo: o projeto dos curdos na Síria, no qual diversas áreas têm proclamado autonomia e seguido um paradigma chamado Confederalismo Democrático, e no Iraque, onde os curdos vivem com maior autonomia e realizaram recentemente um polêmico plebiscito por independência. Em suma, apresentar as principais diferenças entre os curdos que atualmente reivindicam um Estado e aqueles que abominam a idéia.

No geral, o presente estudo faz uma análise desses conflitos territoriais colocando os curdos na centralidade. Como trata-se da maior nação do mundo sem um Estado próprio, a obra de Raffestin, que versa sobre as deficiências de uma geografia política muito dependente de figuras estatais serviu como suporte teórico-metodológico, portanto, é um estudo guiado na perspectiva da geografia do poder.

Aliando elementos da geografia regional e política, neste estudo recorreu-se à leitura crítica de fontes secundárias como livros, jornais e periódicos sobre o assunto, além da análise de mapas e atlas, realizando uma síntese do atual contexto da questão territorial curda dentro da crise do Oriente Médio, dentro de uma perspectiva essencialmente geográfica.

Capítulo 1. População curda

O atual estudo segue o procedimento metodológico proposto por Raffestin em sua principal obra, *Por uma Geografia do Poder* (1993), na qual o autor parte da geografia política clássica desenvolvida por Ratzel para criticá-la. A crítica por ele realizada deve ser entendida no sentido de destacar sua identidade e características.

Para Raffestin, a geografia política clássica é, na verdade, uma geografia do Estado, de modo que é necessário ultrapassá-la por meio de uma problemática relacional que coloque o poder no centro da análise. Sendo assim, o autor parte das discussões suscitadas a partir dos anos 70, principalmente entre os acadêmicos franceses, sobre a essência do Estado, as relações de poder, o surgimento de novos atores sociais e a crise da ordem bipolar do mundo.

Parte-se do pressuposto que o poder é exercido, não apropriado ou possuído, para propor uma geografia política capaz de analisar a realidade por um prisma que permita enxergar outros conflitos e atores que não passem pelo ou sejam, necessariamente, o Estado. Assim, o método de Raffestin já rompe com a geografia política clássica por começar sua análise pela população e não pelo território. Isto ocorre pois a população é a fonte e o próprio fundamento do poder – o poder é exercido por atores saídos da população, e o território é produto dos atores sociais.

A análise da população antes do território rompe com a tradição da geografia do Estado. Na abordagem clássica, os códigos utilizados na análise da população são: número, distribuição, estrutura, composição, entre outros. Ou seja, a população, da mesma forma que o território, é tomada como um recurso, de modo a perder seu significado próprio. Isto é: é concebida, não vivenciada. A estrutura demográfica é vista a partir de suas finalidades. Preocupa-se com a questão da homogeneidade e da heterogeneidade ao se analisar a composição desta população do ponto de vista étnico, religioso, linguístico. A homogeneidade é vista como favorável ao Estado, e portanto é perseguida.

Encontrada dividida e marginalizada em 4 Estados diferentes, fazer uma análise da população curda a partir do arsenal clássico da geografia política seria uma tarefa praticamente impossível: os dados censitários sobre essa população são escassos e de difícil acesso. Por não haver um único Estado oficial que centralize essa população, não

existem órgãos responsáveis pelo levantamento de dados desta, e nos atuais Estados em que ela está distribuída, políticas de assimilação e/ou supressão da identidade nacional são levadas a cabo, o que revela um interesse contrário ao de levantar dados que atestem a existência deste povo. Na maior parte dos casos, como se verá, o intuito se aproxima mais de um desejo que esse povo desapareça.

Como demonstra Raffestin em sua obra, a população é uma coleção de seres humanos, um conjunto finito, portanto, recenseável. A população pode ser contada, e este número, embora uma representação abstrata e resumida, já permite intervenções que busquem sua eficácia. O recenseamento se tornou preocupação importante no Estado moderno a partir do século XVIII e os primeiros recenseamentos coincidem como fortalecimento dos Estados ou a formação de novos.

Na relação de recenseamento, o Estado – ou outra organização – procura aumentar sua informação, e, portanto, o poder, o domínio, sobre um grupo. A população é concebida como um recurso, um trunfo, mas também como um elemento atuante, um entrave ao jogo relacional. Através desta informação, o recenseamento, o Estado pode assentar melhor seu sistema de taxação e determinar aqueles que estão submetidos ao serviço militar.

Sendo assim, é bastante óbvio que devem existir órgãos de recenseamento no interior de cada Estado em que se localizam os curdos, de modo que eles sejam mais controláveis. Ao mesmo tempo, também fica claro que essas informações – poder – são um trunfo nas mãos desses Estados e representam uma vantagem em relação à população curda. Além disso, diante do cenário de guerra e confronto em que esses agentes se encontram, parece bastante razoável que tais informações não sejam facilmente disponibilizadas.

Embora na quinta parte do atual capítulo sejam trabalhados alguns dados demográficos, tanto a dificuldade de encontrar tais informações como a verdadeira preocupação dessa pesquisa – fazer uma análise das relações de poder que envolvem os curdos no Oriente Médio em vez de uma geografia do Estado – farão com que a centralidade do estudo da população curda seja em seu desenvolvimento histórico.

1.1. Poder da população

Antes de falar da população curda, é necessário discutir o conceito de poder em Raffestin, pois dentro da perspectiva teórico-metodológica proposta por ele, é a partir do entendimento da essência do poder que se faz necessário analisar a população antes do território.

Em sua obra *Por uma Geografia Política do Poder*, o geógrafo franco-suíço Claude Raffestin, professor de Geografia Humana na Universidade de Genebra, baseou-se nas concepções de Foucault sobre o poder para propor uma renovação na epistemologia da Geografia Política concebida até então. Ao considerar que são as relações de poder que formam o território e que a população é o próprio fundamento do poder, ele rompeu com a geografia política clássica.

A geografia de Ratzel trabalhou conceitos espaciais, sobretudo a posição, as fronteiras, a população, a circulação, o centro e a periferia, temas caros à ciência geográfica até hoje. Entretanto, Raffestin trouxe novas concepções ao mostrar que não há política somente no Estado, pois o poder político existe em toda forma de organização – uma leitura mais atual que surgiu de autores pós-estruturalistas como Foucault e Derrida. O geógrafo franco-suíço também criticou a geopolítica por ver, segundo ele, o poder territorial sempre de modo hierarquizado e centralizado no Estado, negando o poder do povo. Em sua proposição, a dimensão política está em toda ação, de modo que toda geografia humana é uma geografia política.

Na concepção de poder foucaultiana da qual parte Raffestin, o poder não é único e unidimensional. Isto permite que se olhe para outras escalas relacionais além da estatal. Ainda, ao conceituar poder, afirma que ele é exercido, não adquirido, novamente muito influenciado pelos pós-estruturalistas. O autor considera o poder como algo relacional, multidimensional e imanente, vinculado ao espaço-tempo. Sendo assim, as relações de poder são intrínsecas a outras relações (sociais, econômicas, entre outras); são intencionais, objetivas e não subjetivas. Em geral, também são dissimétricas. Não é monopólio de ninguém, visto que os grupos subalternos também possuem poder.

De fato, tais proposições ajudam a compreender como um fenômeno tão complexo da Geografia Política, transversal a 4 países pertencentes a uma região com diversas tensões, como o Oriente Médio, e que envolve o maior grupo étnico sem Estado próprio do mundo, tem passado despercebido entre os objetos de estudo da ciência geográfica. É claro que não cabe depositar toda responsabilidade pela ausência de interesse e de estudos sobre a atualidade da questão curda à comunidade geográfica, haja vista que o

mesmo tem ocorrido em relação aos demais campos do conhecimento. Mas no que tange a nossa ciência, existem elementos e causalidades específicas que pintam este cenário, os quais podem ser melhor esclarecidos à luz da própria história do desenvolvimento do pensamento geográfico, mais especificamente da Geografia Política de Ratzel.

Até hoje a Geografia política deriva das categorias e dos conceitos de Ratzel, e as categorias de Ratzel derivam de um único conceito, o de Estado. Para ele, tudo se desenvolve como se o Estado fosse o único núcleo de poder. Isto está ligado ao contexto histórico em que viveu: a Alemanha do século XIX, sob forte influência de Hegel e seus discípulos. Esta concepção totalitária de Estado todo-poderoso faz com que a Geografia política clássica seja uma geografia do Estado. Curiosamente, Ratzel não viu o Estado totalitário, mas já fazia uma ideia dele (RAFFESTIN, 1993, pag. 16).

A renovação deste pensamento passa pela diferenciação entre poder e Estado. Diferente do Estado moderno ao qual Raffestin se refere, aquele originado da Revolução Francesa, bastante recente do ponto de vista histórico, o poder nasce muito cedo, junto com a História que contribui para construir. O Estado se revela em todas as formas de manifestações espaciais, da capital à fronteira, ou seja, ele pode ser lido espacialmente, e Ratzel forneceu categorias para decifrá-lo: centro/periferia, interior/exterior, superior/inferior. Já o poder escapa a qualquer tipo de delimitação, pois ao ser fruto de uma ação, ele não se fixa em ponto algum, está sempre em movimento.

Só existe poder dentro do Estado para Ratzel, e o conflito se faz presente na guerra entre Estados, de modo que outros conflitos, como uma Revolução que questione o próprio papel do Estado, não tenham lugar em seu sistema de pensamento. Após Ratzel, todas escolas geográficas ratificaram esta concepção. Mas do ponto de vista científico, qual foi significado geográfico desta definição? Raffestin responde que foi uma geografia unidimensional, que ignorou e ainda ignora os múltiplos poderes se manifestando nas estratégias regionais ou locais, expressando-se em uma diversidade de escalas espaciais e relacionais.

O olhar demasiadamente unidirecional do poder continuou a impedir que os geógrafos enxergassem diversas geografias. Raffestin também se desbruçou sobre o porquê disto ocorrer. De fato, a geografia política teve e tem dificuldade tanto em enxergar, quanto em falar sobre os conflitos que não contam apenas com o Estado como agente, pois até mesmo a linguagem que utilizam é enfiada por e para este Estado. Para Raffestin, a geografia do Estado foi constituída em cima de uma linguagem, de um

sistema de sinais, um código que procede do Estado.

Entretanto, as perdas são recuperáveis em uma abordagem multidimensional do poder. Para tanto, Raffestin propõe uma Geografia política concebida como a geografia das relações de poder, a qual poderia ser fundada sobre os princípios da simetria e assimetria nas relações entre organizações. O autor não deixa de ser realista sobre as dificuldades de se produzir tal geografia, pensada dentro de um complexo relacional e atenta às relações de poder, no entanto não deixa de tentar avançar nesta problemática.

Na dificuldade de definir o poder, dado o fato dele consistir em ações, Raffestin procura destacar a ambiguidade da palavra, a qual pode ser escrita com letra minúscula ou maiúscula: poder e Poder. Esta especificidade revela que não se trata de um nome ordinário, a medida que você pode investí-lo ou privá-lo de uma carga expressiva específica. Com letra maiúscula, Poder define a soberania do Estado, sendo uma concepção unidimensional do poder.

Como coloca Foucault, esta ideia de soberania do Estado, de Poder, revela apenas as formas terminais do poder. O Poder é mais fácil de delimitar por agir através do intermédio dos aparelhos complexos que delimitam e controlam o território. É, portanto, visível, maciço, identificável. Já o poder, nome comum, é uma parte intrínseca à toda relação. É como destaca o filósofo francês: “parece-me que é preciso compreender por poder primeiro a multiplicidade das relações de força que são imanentes ao domínio em que elas se exercem e são constitutivas de sua organização”¹.

O poder se esconde atrás do Poder, e se esconde melhor quanto maior for sua presença. O poder se constitui pela multidimensionalidade e imanência, enquanto é característica do Poder a unidimensionalidade e transcendência.

O poder vem de todos os lugares, embora não englobe tudo, de modo que seria inútil procurar o poder em um ponto central, em um único centro de soberania, como o faz a geografia política clássica, ao igualar poder ao Poder, e confundir este com o Estado. O poder se manifesta por ocasião da relação, em processos de troca, de comunicação.

Como um ímã, a força que se estabelece entre dois polos numa relação de poder, quando simples, formada por dois polos, define o campo do poder. O campo da relação deve ser compreendido como o terreno em que o poder organiza os elementos e as configurações. A definição de poder mais geral de que parte Raffestin, a qual ele explicita

1 FOUCAULT, 1987 apud RAFFESIN, 1993, p. 52.

a afinidade em seu livro, é compreendida por uma sequência de proposições feitas por Foucault no primeiro volume de História da Sexualidade:

1. o poder não se adquire; é exercido a partir de inumeráveis pontos;
2. as relações de poder não estão em posição de exterioridade no que diz respeito a outros tipos de relação (econômicas, sociais etc.), mas são imanentes a elas;
3. o poder vem de baixo; não há uma oposição binária e global entre dominador e dominados;
4. as relações de poder são, concomitantemente, intencionais e não subjetivas;
5. onde há poder há resistência e no entanto, ou por isso mesmo, esta jamais está em posição de exterioridade em relação ao poder.²

Neste panorama, toda relação é ponto de surgimento do poder, de modo que vem daí a sua multidimensionalidade; a intencionalidade revela a importância das finalidades; e a resistência revela o caráter dissimétrico das relações de poder.

Como ele é coextensivo de qualquer relação, torna-se inútil distinguir o poder em político, econômico, cultural, etc. Toda relação é uma relação de poder, portanto, está intimamente relacionado à manipulação dos fluxos que atravessam e desligam a relação. Estes fluxos são a energia e a informação.

Deste modo, a manipulação remete ao ato de formar, acumular, combinar e circular a energia e a informação implicadas pelo campo relacional. Tal como o poder, energia e informação estão presentes em todas relações. Isto implica um laço existente entre poder e saber. A troca oral, a comunicação, não é puramente informacional, ela requer energia para que tenha um lugar. No plano concreto não há informação, nem energia pura. O que existe é uma combinação das duas. A organização do espaço-tempo se dá pela combinação de energia e informação.

Portanto, o poder, quanto aos meios mobilizados, é definido por uma combinação variável de energia e informação. Há poderes com forte componente energético e com poder informacional. Influência e autoridade, no limite, são formas do poder que resultam da combinação de informação e energia. A energia pode ser transformada em informação, ou seja, em saber. A informação pode liberar energia, força. O poder tem esta outra característica: transmutar-se.

Para Raffestin, o poder se fundamenta no trabalho, ele se faz valer dos estudos de

² Ibidem, p. 53.

Lapierre³ para subsidiar esta afirmação. O trabalho é colocado como vetor mínimo e original, possuidor de duas dimensões, a energética e a informacional. O trabalho é a força dirigida, orientada pelo saber. Por vir de baixo, o poder está no trabalho.

Esta percepção leva o geógrafo a uma conclusão: se fosse verdade que o trabalho é livre, não haveria muita dissimetria nas relações. Mas o que ocorre é que o trabalho pode ser apropriado por outro, o que significa, em outras palavras, de privar o homem de sua capacidade primitiva de transformação. É o conceito de alienação de Marx: “A alienação do trabalho apodrece todas demais relações”.⁴

Neste mecanismo, os homens perdem sua capacidade original de transformação e passam-no para as organizações. A expressão visível disso se dá pela separação entre trabalho manual e intelectual. É deste modo que se dá a destruição da unidade trabalho.

Outra forma de se enxergar a dissimetria existente nas relações de trabalho é pela mais-valia, tempo de sobretrabalho que não é somado ao salário do trabalhador, transformando-se em lucro na mão do capitalista. Desta maneira, é a apropriação do trabalho que abre a possibilidade do poder. Quando os curdos expropriam antigos senhores de terra, autogestionam o local de trabalho e formando cooperativas, eles estão exercendo o poder, mas isto ainda será melhor trabalhado nos capítulos seguintes.

O poder utiliza seus meios para visar os trunfos, o que não deve ser confundido com o poder sendo definido pelos seus meios. O poder visa o controle e a dominação sobre o Homem e as coisas: população, território e recursos.

A população vem em primeiro lugar, pois está nela a origem de todo poder. O território, por sua vez, é a cena do poder e lugar onde as relações se estabelecem – mas sem população, o lugar é só uma potencialidade. Já os recursos serão o que determinará os horizontes possíveis da ação.

Relações podem privilegiar um dos trunfos: a população, o território ou os recursos. Entretanto, como já colocado, o objetivo declarado dos conflitos tendem a mascarar os verdadeiros trunfos. Por exemplo, o conflito entre dois Estados geralmente não é apenas por território, mas por população e recursos. Ou seja, trunfo raramente é único.

Deste modo, na maioria das vezes as relações são semelhantes a jogos de soma não-nula. Como no caso de duas empresas em concorrência, quando em vez de uma vencer e outra perder, o que há é a partilha de mercado e as estratégias de cada uma.

Organizações são definidas por seres e coisas, as quais possuem, controlam ou

3 RAFFESTIN, 1993, p. 56.

4 Ibidem, p. 57.

dominam estes. Isso faz com que dentro das relações estabelecidas pelas organizações, estes seres e coisas estejam, ao menos, parcialmente em jogo. Isto vale tanto para o Estado, quanto para uma empresa que administra seus trabalhadores e meios de produção, além de todos aqueles que se relacionam com suas mercadorias. Deste modo, como coloca Balandier, “o poder político surge como produto da competição e forma de contê-la.”⁵

As organizações que combinam energia e informação devem organizar os circuitos para circulação, distribuição, difusão ou, ao contrário, para rarefação, concentração, circunscrição. Deste modo, é dentro de um eixo que vai da difusão à concentração que a história das organizações se inscreve. O ideal do poder é jogar exclusivamente com símbolos. O perigo desta operação, a qual cria uma distância, crítica em muitos casos, entre trunfo real e imaginário, é o de gerar uma reflexão totalmente imaginária e distante da realidade no momento do processo decisório, o que pode acarretar uma desestruturação catastrófica.

Dentro do campo de atuação do poder, as trocas e/ou comunicações desiguais determinam transformações destrutivas ao longo das estruturas. Este jogo não é bilateral, mas multilateral. Deve-se admitir que há uma infinidade de campos de poder em um sistema social em razão da multiplicidade de relações possíveis. Deste modo, haja vista que o poder só é perceptível por ocasião de um processo relacional, trazer a relação para um campo de disputa com ganhos e custos pode ser uma forma simples e útil, embora rudimentar, de se apresentar o poder dos atores.

1.2. Gênese curda: nacionalidade e territorialidade

Uma nação é formada quando um grupo de indivíduos compartilham uma identidade cultural, ou seja, apresentam características em comum, como a história, a cultura, a língua, a etnia, entre outros elementos. Junto com estas semelhanças, geralmente vem a necessidade da formação de um Estado-nação próprio, no qual será exercido o poder soberano deste povo sobre um território, o qual deve ser reconhecido pela comunidade internacional.

Embora com elementos em comum, motivos diferentes fazem com que certos grupos não tenham um território autônomo, ou que este não seja reconhecido pela

5 BALANDIER, 1967, p. 43.

comunidade internacional. Estes grupos, portanto, vivem em áreas onde o poder é exercido por outras nações, o que dá origem a uma série de conflitos. Palestinos, tibetanos, bascos e chechenos são grupos que podem se enquadrar nesta descrição. Há pouco mais de uma década, os curdos também entrariam nesse grupo, mas nos últimos tempos algo diferente ocorreu: eles não querem mais um Estado. Ou ao menos uma parcela significativa deste povo, atualmente dividido.

O capítulo presente traçará um panorama da história dos curdos em perspectiva sócioterritorial, e quais fatores foram determinantes para que eles passassem de uma nação lutando pela conquista de seu Estado para as atuais divisões, na qual parcela significativa deste povo passa pela recusa total do Estado como modo de organizar a sociedade, para assim compreender a heterogeneidade de projetos e visões de mundo que esta população desenvolveu ao longo da história e da geografia.

Os curdos representam a maior etnia sem Estado do mundo, e mesmo ocupando as mesmas regiões montanhosas de seu atual território há alguns milênios, sua pré-história e origem são vagamente conhecidas devido à falta de um estudo extensivo sobre o tema. Atualmente, esta população que está dividida entre quatro países – Turquia, Síria, Iraque e Irã.

Existem duas formas de se atestar a origem do povo curdo, uma delas é a territorial, reconhecendo que os curdos se originam de todos aqueles que tenham historicamente se fixado no Curdistão, e não de um grupo em particular. Esta é a forma reivindicada pela *Encyclopaedia Kurdistanica*⁶.

Outra possibilidade é reconhecendo a descendência deste povo pelas origens genéticas e étnicas, como o faz a *Encyclopædia Britannica*⁷. Neste caso, os curdos são vistos como sendo uma população que resulta das culturas mais antigas da história: as de Halaf e Ubaid – datados da pré-história da Mesopotâmia –, passando pelos hurritas – um povo indo-ariano –, e dos medos, dos quais os curdos se consideram descendentes – povo que derrotou o Império Assírio e constituiu um Estado independente, o qual foi subjulgado pelos persas em 550 a.c.

Longe de se contradizerem, ambas versões se complementam em diversos aspectos e auxiliam a completar o quebra-cabeças da história desta etnia milenar. Há evidências na região do Curdistão de uma sucessão de ocupações que se iniciam no

6 Em: <<http://www.kurdistanica.com/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

7 Em: <<https://global.britannica.com/place/Kurdistan>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

período neolítico, cerca de 8.500 anos antes do presente. Nesta época, surgiram as primeiras aldeias da Alta Mesopotâmia, normalmente próximas do Rio Tigre devido à necessidade de água para regar e fertilizar os campos. Os assírios foram o primeiro povo a estabelecer-se na região e fundaram diversas cidades, entre elas sua primeira capital, Assur – atual distrito de Al-Sharqat, no Iraque.

Em seguida chegaram os hurritas, que formaram um reino vizinho chamado de Mitani, e posteriormente conquistaram o antigo Império Assírio. Parte de Mitani foi reconquistada pelo Império Assírio pelo sudeste, enquanto os hititas, povo indo-europeu, conquistaram a porção noroeste. Por volta de 1200 a.c., a língua hurrita havia desaparecido dos registros cuneiformes. Já o Império Assírio durou por séculos, até cerca de 612 a.c., quando a segunda capital, Nínive, foi tomada pelos medos, um povo vindo da Ásia Central, do qual os curdos afirmam-se descendentes.⁸

Por volta de 550 a.c., os antigos medos foram dominados pelos persas, seu povo vizinho, que fundaram o Império Aquemênida. É o que atesta a Encyclopædia Britannica, afirmando que "os persas, curdos e falantes de outras línguas indo-europeias no Irã são descendentes das tribos arianas que começaram a migrar da Ásia Central para o atual Irã no segundo milênio a.C.". ⁹

Dos aspectos territoriais há também, em 401 a.C., mencionados na obra "Anábasis" do general grego Xenofonte, como habitantes da região montanhosa ao norte do Rio Tigre, entre a Pérsia e a Mesopotâmia, um povo chamado *cardukhi*. Eles eram inimigos do rei da Pérsia, e Xenofonte se referiu a eles como "*...um povo bárbaro e defensor de sua residência na montanha*", o qual atacou o exército dos dez mil gregos.¹⁰

Após alguns séculos, os persas foram conquistados por Alexandre, o Grande, na Batalha de Gaugamela, em 331 a.c. Depois da morte de Alexandre, foi fundado na região o Império Selêucida, de origem grega. Os selêucidas seriam sucedidos pelo Império Parta em 247 a.C. Nesta época, um reino chamado Corduene, situado a sul e sudeste do Lago Van, na atual Turquia, emergiu do declínio selêucida, tornando-se um reino vassalo dos partos e, posteriormente, do Império Romano (66 d.c.). Ele permaneceu sob controle romano por quatro séculos, até 384. Após 384, os persas voltaram à região, incorporando-a ao Império Sassânida.

8 VÁZQUEZ, Jordi. et al., 2016, p. 43-50.

9 Em: <<https://global.britannica.com/place/Kurdistan>>. Acesso em: 08 novembro de 2017.

10 Em: <http://www.gutenberg.org/files/1170/1170-h/1170-h.htm#link2H_4_0026>. Acesso em: 08 novembro 2017.

Estes séculos foram marcados pelas disputas territoriais, ascensões e quedas de vários impérios de origem persa e romana, período que vai até 651, quando a região foi invadida pelos árabes do Califado Rashidun.

Os persas foram os primeiros entre as 3 forças regionais que hoje ocupam o território reivindicado pelos curdos a combatê-los, e suas áreas atualmente constituem o estado do Irã, antiga Pérsia. Já os principados curdos foram ocupados posteriormente em face da irrupção árabe, a qual praticamente aniquilou a religião de raiz zoroástrica que ali existia para impor o islã desde o século VII.¹¹

No século VII, os árabes tomaram castelos e fortificações dos curdos, como nas cidades de Sharazor e Aradbaz. Os curdos ainda resistiram às invasões das tribos árabes por mais de cem anos. Nos séculos seguintes, uma série de revoltas e guerras contra os califas que governavam o território foram protagonizadas pelos curdos, mas culminaram na derrota destes em todas as ocasiões, levando muitos curdos à morte. Por fim, os árabes conquistaram os curdos e foram convertendo a maior parte do povo ao Islã.

A arabização, processo que atingiu seu maior destaque a partir do século VII, ocorreu no momento em que árabes muçulmanos conquistaram novos territórios e espalharam sua língua, cultura e a religião islâmica. Com isto, deu-se a fusão de alguns elementos de origem arábica com elementos tomados das novas civilizações conquistadas. Para converter os curdos, os árabes utilizaram-se de todas as estratégias, inclusive o matrimônio.

Com o enfraquecimento do poder do Califado Abássida no século IX, os curdos passaram a se alinhar melhor politicamente. Esta aliança resultou na estratégia de se estabelecerem nos principados, teoricamente como vassalos do califado, mas, na prática, sendo autônomos. Bem sucedida, como consequência, quando o último califa da dinastia abássida, al-Mutawakkil III, foi preso pelo Império Otomano, as condições estavam dadas para que na segunda metade do século X a região curda estivesse dividida em quatro grandes emirados.

No século XI, os turcos otomanos chegaram ao Oriente Médio e se estabeleceram a oeste do Curdistão. Com o passar do tempo, foram incorporando ao seu território os principados curdos: em um primeiro momento através de pactos e acordos, mas depois por meio da conquista e da violência. Apesar do poderio militar, o que também ajuda a

11 VÂZQUEZ, Jordi. et al., 2016, p. 43-50.

entender a expansão dos otomanos foi um certo grau de tolerância com as tradições e as religiões dos povos conquistados. Com isto, os curdos foram integrados ao Império Otomano, mas, ainda assim, garantiram certa autonomia até o século XX. Por volta de 1150, o sultão Sandjar, o último grande monarca seljúcida, nomeou a província de Curdistão.

Ainda na segunda metade do século XVI, o Curdistão dividiu-se novamente em uma série de principados, mas que ainda mantinham uma identidade cultural em comum. Apesar de nunca ter constituído um estado independente, os principados curdos desfrutaram de relativa autonomia até 1639, quando ocorreu uma guerra entre Safávidas¹² e otomanos pela área. O conflito culminou com o Curdistão repartido entre os Impérios Persa e Otomano pelo Tratado de Zuhab¹³.

A ideia de Estado-nação começou a ecoar entre os curdos no século XIX, nascida com a Revolução Francesa. Na primeira metade do século, o príncipe de Rawandiz lutou contra o domínio otomano com a ideia de unificar o Curdistão. Foi derrotado, mas a partir daí diversas outras revoltas curdas passaram a ocorrer, as quais eram sempre sufocadas pelos turcos.

No século XX, inicia-se um processo de instabilidade no Império Otomano. A autonomia dada aos povos conquistados se expandia para a área econômica, de modo que suas atividades eram conduzidas por iniciativa própria, isto fez com que lentamente a economia geral do império se desintegrasse. Ao mesmo tempo, a instabilidade política aumentava, culminando na derrubada do Abdul Hamid II, em 1909, por uma rebelião.

Com esta mudança, o Império dá início a um processo de modernização, bastante influenciado pela Alemanha, ao lado de quem os turcos se aliam na Primeira Guerra Mundial. É neste momento que ocorre a ruptura do frágil equilíbrio entre árabes, persas e turcos, haja vista que a derrota destes no grande conflito mundial ao lado dos alemães e das Potências Centrais acabou por quebrar sua hegemonia.

A derrota no confronto tumultuou ainda mais o já dilacerado Império, que foi abolido pouco depois. Em 1923, foi proclamada a República da Turquia. O Império Otomano foi

12 Dinastia xiita iraniana formada por azeris e curdos que governaram a Pérsia.

13 O Tratado de Zuhab foi um acordo firmado entre o Império Safávida e o Império Otomano em 17 de maio de 1639. Este acordo colocou fim na Guerra Otomano-Safávida (1623-1639). O tratado confirmou a divisão dos territórios da Ásia Ocidental, como a separação permanente do Cáucaso entre as potências. O leste da Armênia, a Geórgia oriental, Daguestão e Azerbaijão permanecendo sob o controle do Império Safávida, enquanto que Geórgia ocidental e a maior parte da Armênia ocidental ficaram no controle do Império Otomano.

desmontado com o acordo de Sykes Picot¹⁴, sendo a república turca reduzida ao seu território atual. A parte da Síria se tornou protetorado francês, ao passo que a porção iraquiana passou a ser dependente do Império Britânico.

Em 1920, o Tratado de Sèvres, que firmou o acordo de paz entre os Aliados e o Império Otomano, incluía a promessa de um Estado curdo, mas esta nunca chegou a ser cumprida. Isto ocorreu por conta da rejeição dos turcos, mas além disso, as potenciais ocidentais traíram os curdos e voltaram atrás na promessa por terem descoberto o petróleo em Kirkuk, na região curda. Isto, inclusive, levou Londres a incluir esta parte do Curdistão no território iraquiano, assim garantido um modo de melhor controlá-lo. (LAURENS, 2003)

Foi então criado um Estado com uma constituição provisória na qual se afirmava que o Iraque era composto por árabes e curdos, com igual estatuto, inclusive linguístico, mas o que de fato ocorreu foi a hegemonia árabe sobre a minoria curda. Este acontecimento fez com que ocorressem levantes liderados por Mahmud Barzanji, mas que foram esmagados brutalmente pelo exército britânico.

Mais tarde, ainda em 1923, a traição aos curdos se consolidou quando o Tratado de Lausanne reconheceu internacionalmente que o Curdistão iraquiano estava incluído no território do Iraque. Um processo semelhante ocorreu na Síria, onde os curdos representavam 10% da população, configurando uma minoria confinada em um estado de maioria árabe. No Irã, Simko, líder da tribo dos shakak, se levantou contra Pérsia e chegou a constituir um território próprio, mas foi assassinado de maneira traiçoeira enquanto negociava com o governo.

E então, no fim do pós guerra, se concretizou o esquiteamento do Curdistão em 4: Curdistão do Norte, na Turquia (Bakur); Curdistão do Sul, no Iraque (Bashur); Curdistão Oriental, no Irã (Rojhilat); Curdistão Ocidental, na Síria (Rojava). Todos territórios respectivamente subordinados aos Estados em que se localizavam.

Nestes países, os quais são Estados de maioria árabe, os governos aplicaram a partir do século XX agressivas políticas contra população autóctone, conhecidas como “planos de arabização”.

14 O Acordo Sykes-Picot foi um ajuste secreto entre os governos do Reino Unido e da França que definiu as suas respectivas esferas de influência no Oriente Médio, considerando-se a hipótese de derrota do Império Otomano na Primeira Guerra Mundial. O acordo estabeleceu limites que ainda permanecem na maior parte da fronteira comum entre a Síria e o Iraque.

Diferente do que ocorrera no século XIX, agora a luta nacionalista curda ganha fôlego e se mostra como uma necessidade para a população. Sob diferentes regimes e dinâmicas, os curdos responderão, ao longo do século XX, aos ataques e opressões vindas desses novos Estados a partir de suas realidades locais, originando diferentes grupos e ideologias políticas, ao mesmo tempo que mantendo no horizonte o sonhado Grande Curdistão, como previsto pelo acordo de Sèvres. (PIOT, 2008)

1.3. Divididos em 4 Estados

Turquia

Na Turquia, o movimento reformador de Mustafa Kemal Atatürk substituiu o califado do Império Otomano por uma república ultranacionalista com forte discurso laicizante e etnicamente homogeneizador. Sob o manto do argumento modernizador, o regime de Atatürk massacrou as minorias da Anatólia. Em nome do estabelecimento de Estados-nação homogêneos e mono étnicos, expulsou a população grega do país e massacrou as populações assíria e armênia. A minoria curda, no Sudeste do país, impedia a hegemonia étnica turca, fato que engendrou um processo de supressão da identidade nacional, existente até hoje. Em 1924, a língua curda foi proibida, o Curdistão foi rebatizado em “Províncias do Leste”, os sobrenomes curdos foram transformados em nomes turcos e os curdos passaram a ser chamados de “turcos das montanhas”. Entre 1921 e 1936, o conjunto de guerras que atingiu o Curdistão turco vitimou, entre mortos, aprisionados e deportados, mais de 1,5 milhão de curdos.¹⁵

Entre a criação da República da Turquia, acompanhada de suas políticas de homogeneização étnico-nacional, e a organização de um movimento nacional curdo propriamente dito, foram-se quase 50 anos. É nos anos 70 do século passado que, em Ancara, um grupo de estudantes se separa de uma organização estudantil mais ampla de esquerda turca, e passa a se organizar sob a liderança de Abdullah Öcalan – mais conhecido como Apo (“tio” em curdo). Posteriormente, esse grupo ficou conhecido como Revolucionários do Curdistão e mais tarde ainda ficariam conhecidos como Apocu – seguidores de Apo.

Com o lema “A revolução turca tem que passar pelo Curdistão”, o grupo logo mudou seu foco para a grande população curda no Sudeste da Turquia. Em 1978, o grupo

¹⁵ VÂZQUEZ, Jordi. et al., 2016. p. 46.

adotou o nome de Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). Com uma estrutura já estabelecida e a aprovação do manifesto *O Caminho da Revolução no Curdistão*, o congresso inaugural adotou o lema “Curdistão independente, livre e democrático”. Desde seu início já não era um Partido de Libertação Nacional clássico, haja vista sua fundação em Ancara, capital turca, e o fato de contar desde sempre com turcos dentro do partido, que desfrutavam de certo grau de influência.¹⁶

Defendendo inicialmente uma ideologia marxista, o grupo passou a tomar parte em conflitos violentos com entidades de direita. Seus primeiros ataques não foram contra turcos, mas contra senhores feudais curdos. Em 1979, como parte de sua estratégia de propaganda pela ação, o grupo tentou assassinar o líder tribal curdo Mehmet Celal Bucak, alegando que ele explorava camponeses e colaborava com a Turquia. Este acontecimento marcou um período de intensa guerrilha urbana. O programa do grupo se centrava na questão nacional, ao mesmo tempo que aspirava a construção de um Estado socialista inspirado nas revoluções russa e chinesa.

Após o golpe de Estado na Turquia de 1980, a organização teve parte de seus membros presos, estando sujeitos à pena capital. Outros fugiram para a Síria. O golpe, mesmo previsto pelo PKK e suas lideranças – o que permitiu que parte dos militantes se refugiasse na Síria, entre eles o próprio Öcalan – afetou diretamente o partido curdo: mais de 1.790 curdos foram detidos¹⁷ e as proibições de qualquer elemento da identidade cultural curda na Turquia foram endurecidas.

Nos anos seguintes, os militantes curdos se estabeleceram no Líbano, no Vale do Beka, em acampamentos abandonados por grupos palestinos. Ali, o PKK passa a formar guerrilhas, contando com o auxílio do Fatah e da Frente Popular para Libertação da Palestina (FPLP), participando da resistência à invasão israelense durante a Guerra Civil Libanesa. Paralelamente é formada uma frente de luta dentro das prisões em resposta direta às torturas praticadas pelo governo turco, com diversas ações como protestos, greve de fome e autoimolações.¹⁸

Em um processo de radicalização, durante seu segundo congresso, em 1984, os militantes do PKK concluem que é impossível lutar em igualdade de condições contra o Estado turco. Isto leva, após anos de preparação nas montanhas, a ataques contra delegacias de Semdinli e Eruh, em manifestações que marcavam a oposição à visita do primeiro-ministro turco ao Curdistão. Iniciava-se uma guerra que perdura até hoje.

16 Ibidem, p. 52.

17 Ibidem, p. 53.

18 Ibidem, p. 43 – 50.

No campo social, os curdos criam a Frente de Libertação Nacional Curda (Eniya Rizgariya Neteweyi ya Kurdistanê – ERNK), com bases na Turquia e entre refugiados curdos na Europa, além de encaminhar às áreas urbanas militantes responsáveis por executar trabalho de base e estabelecer uma rede de contatos.

Em 1986, é formado o Exército de Libertação Nacional do Curdistão (Artêsa Rizgariya Gelê Kurdistan – ARGK), e passa-se da guerra de guerrilhas para uma guerra móvel. A Turquia fortalece suas fronteiras e cria as “Guarda de Vilas” – milícias locais que recrutam curdos camponeses, assalariando-os para que estes combatam o PKK e delatem movimentações do partido (VERRIER, 2002). Desta forma, restam aos curdos poucas alternativas, como se aliar à guerrilha, se tornar guarda de vila ou ir para prisão.

Sem resultados efetivos na repressão e com a manutenção das atividades do movimento nacional curdo, o governo da Turquia declara estado de emergência nas províncias curdas no ano de 1987. Já o PKK mantém sua estratégia até os anos 90, momento que a base popular avança e o ARGK passa a controlar algumas zonas, durante a eclosão de várias revoltas. A repressão do Estado turco nesse período tem como saldo dezenas de milhares de civis mortos¹⁹.

A repressão se intensifica em 1993 com a morte do presidente turco Turgut Özal, favorável à legalização do PKK, com o qual mantinha canais de negociação. Neste momento, o PKK, apesar de vitórias pontuais, entende o esgotamento da via da luta armada, por conta do sofrimento infligido aos civis, e passa a buscar novas estratégias.

Iraque

As lutas curdas por independência e autonomia, ao se desenvolvem no Iraque, país que recebeu grande número de refugiados curdos após as repressões dos primeiros anos da república turca, levam à formação de uma das principais forças políticas do universo curdo, a partir dos levantes liderados pelos irmãos Barzani – Ahmed e Mustafá, de uma poderosa tribo curda – e derrotados pelo exército britânico. Esta tendência se encontrará na figura da família Barzani e no Partido Democrático do Curdistão (PDK).

Ahmed Barzani liderou insurreições entre 1931 e 1937, foi um líder religioso que propagou o respeito pelos animais e a natureza, amparado numa filosofia vinculada à terra. Foi um reformador social, se opôs às lideranças tribais e procurou promover a meritocracia e luta contra a corrupção. Com o tempo, sua figura foi eclipsada pela de seu irmão Mustafá, que demonstrou superioridade estratégica e militar.

¹⁹ Ibidem, p. 54 – 55.

Foi Mustafá Barzani que fundou o PDK, ao mesmo tempo que reconstruiu laços com a sociedade curda, tanto no âmbito cultural, quanto nacional e militar. No entanto, o governo militar sufocou seu projeto sociopolítico. Diferente de seu irmão, não foi um reformador social, mas um conservador, partidário das tradições curdas e lideranças tribais, que lhe deram, em sua maioria, suporte. Mustafá seguiu liderando os curdos e protagonizou contra o Iraque duas guerras, nos anos 60 e 70 do século passado, das quais o governo central em Badgá sai vitorioso, colocando em andamento, na sequência, um programa de arabização do território curdo no Iraque, substituindo a população original curda por colonos árabes. O mapa 1 revela a área reivindicada na época, com importantes cidades, como Mossul e Kirkuk, fazendo parte do território.

Mapa 1: Territórios reivindicado pelos curdos nos conflitos dos anos 70



Fonte: Atlas of Iraqi Kurdistan. Em:

<https://commons.wikimedia.org/wiki/Atlas_of_Iraqi_Kurdistan>.

Derrotado, Mustafá se refugia no Irã. Após sua morte, seu filho, Massoud Barzani, comanda a terceira guerra curdo-iraquiana, agora contra Saddam Hussein, no contexto maior da guerra do Iraque contra o Irã. Mais de 4.500 povoados são destruídos, 180 mil pessoas são assassinadas e armas químicas são amplamente usadas pelo regime de Badgá contra os combatentes e contra a população civil curda. Ao fim do conflito, Massoud se rende e mais de 300 mil pessoas são deportadas²⁰ (GRESH, 2002).

A opressão dos curdos pelo regime de Saddam Hussein continuou até o momento em que o Iraque foi derrotado pela coalizão internacional durante a Guerra do Golfo, em 1991. Embora Hussein tenha voltado a usar sua artilharia pesada contra a minoria curda no Norte do país em outras ocasiões, após a Resolução 688 do Conselho de Segurança da ONU, ficou aprovada que as potências ocidentais criariam uma “zona de proteção” para que os 10 milhões de curdos refugiados no Irã e na Turquia retornassem a seus lares. A proteção desse território de cerca de 40 mil quilômetros quadrados, povoado por 3,5 milhões de curdos, foi garantida por uma força aérea multinacional, baseada na Turquia (NEZAN, 2001).

A partir de então, foi constituída, de fato, uma autonomia curda. O Governo Regional do Curdistão passou a ser comandado pelo PDK, de Barzani, e foi instituído um parlamento e um governo autônomos, que desde então administram partes do Curdistão iraquiano.

No entanto, vale lembrar da guerra entre o PDK e a União Patriótica Curda (YNKUPK) – uma dissidência sua que também obteve bons resultados nas eleições. Por conta do boicote que sofreram, tanto do Iraque quanto internacional, estes partidos, privados de meios mínimos de funcionamento, entraram em conflito armado sobre a partilha das magras receitas das alfândegas, em uma guerra que durou entre 1994 e 97, com o cessar-fogo sendo assinado pelos líderes dos partidos, Barzani e Talabani, em 1998 (VERRIER, 2002).

Com a Guerra do Iraque a partir de 2003 e sob proteção internacional, os curdos fizeram parte, ao lado dos xiitas, do Conselho do Governo Provisório que surgiu em decorrência da derrota de Saddam Hussein e da ocupação anglo-norte americana, onde negociaram certa autonomia para o Curdistão e até se falou em federalismo (VERRIER, 2004). Não se chegou tão longe, mas, de fato, os curdos experimentaram mais autonomia, sua língua oficial floresceu, a economia se recuperou e a calmaria durou até o surgimento da Organização do Exército Islâmico, em 2014.

20 Ibidem, p. 47 – 50.

Irã

No Irã, Simko, líder da tribo dos shakak, se levantou contra Pérsia, protagonizou duas guerras – entre 1918 e 1922, e em 1926 – e chegou a constituir um território próprio, mas foi assassinado enquanto negociava com o governo.

Em 1929, uma terceira guerra ocorreu sob liderança de Jafar Sultan. Durante a Segunda Guerra Mundial, quando a Pérsia se aliou à Alemanha nazista, a primeira organização política curda moderna, o Partido Democrático do Curdistão do Irã (PDKI), proclamou a República de Mahabad e governou entre 1945 e 1946, promoveu a língua curda e repartiu as terras entre os camponeses. Esta república, porém, dependia do apoio da União Soviética, de modo que, após a retirada desta, entrou em colapso e seus dirigentes acabaram executados pela reação.

O PDKI continua a existir e hoje se divide em duas facções, já tendo protagonizado diversas guerras contra o Irã desde o fim do experimento de Mahabad. A primeira, por ocasião da Revolução Islâmica, entre 1979 e 83; a segunda, entre 1989 e 1996, em sequência do assassinato de seu líder, Abdul Rahman Ghassemlou, pelas mãos de agentes secretos iranianos. Uma terceira guerra, entre 2004 e 2011, foi promovida pelo Partido por uma Vida Livre no Curdistão (Partiya Jiyana a Kurdistanê, PJK), ligado ao PKK curdo.

Síria

Segundo principal destino dos refugiados após a repressão turca nos 20 e 30 do século passado, a Síria concentra muitos dos curdos que se incorporaram ao movimento que desde 1924 reivindica a autonomia de Rojava.

Enquanto a Síria era um protetorado francês, sua população curda não sofria perseguição étnica, mas a situação se degradou desde que foi proclamada a independência. A maioria árabe levou em frente um processo de espoliação étnica: por meio de decreto em 1993, os curdos perderam a nacionalidade síria e passaram a ser considerados estrangeiros ou “ocultos”. Cerca de 30 mil pessoas perderam suas propriedades e em seguida foram expulsas, sendo levadas para povoados em Damasco e Aleppo. Com Assad, foi aplicada um conjunto de leis que proibiram a língua e qualquer traço de identidade curda.²¹

Na Síria, o Partido da União Democrática (Partiya Yekîtiya Demokrat – PYD), filiado

²¹ Ibidem, p. 50.

ao PKK, tem tido uma intensa atuação durante a Guerra Civil Síria, um violento desdobramento das manifestações da Primavera Árabe no país. Embora tenham se absterido em apoiar as principais forças da oposição síria, por considerar que suas visões étnico-identitárias coincidiam com as do regime de Assad, as forças curdas na Síria encontraram ali a oportunidade para aplicar seu projeto de Confederalismo Democrático nas áreas que tomaram controle ao combater a Organização do Estado Islâmico (OEI).

1.4. Forças curdas: confederalistas democráticos e democratas curdo-iraquianos

Como foi possível perceber no capítulo anterior, os curdos não são um grupo homogêneo. Embora as notícias trazidas pela mídia muitas vezes causem confusão e façam parecer que os curdos sejam um grupo homogêneo e com apenas um programa político, a realidade é que a divisão desse povo em 4 Estados diferentes levou ao desenvolvimento de diferentes perspectivas de luta a partir da realidade local de cada um.

Na Turquia, por conta da forte repressão do Estado, a força que emergiu dessa situação foi o Partido dos Trabalhadores Curdos, o PKK. Inicialmente com uma orientação marxista-leninista, mas que após os desdobramentos da guerra fria e a reorganização mundial das forças políticas, esse grupo, que tem Abdullah Ocalan como liderança, optou pela estratégias de apropriação territorial do Confederalismo Democrático, que será analisado mais detalhadamente nos próximos capítulos. O PKK é considerado um grupo terrorista pela Turquia e diversos outros Estados ocidentais. Conta com os aliados do PYD na Síria, e do PJK no Irã. Esse grupo político atualmente se encontra na posse de diversos cantões em Rojava, na Síria, como desdobramentos dos conflitos territoriais da Guerra Civil da Síria e dos ataques do Estado Islâmico.

No Iraque, a família Barzani há muitos anos já detém a hegemonia das forças curdas. Após sangrentos conflitos contra Saddam Hussein, a ONU garantiu proteção ao território iraquiano dos curdos, o que levou essa região a se desenvolver e se tornar um dos locais mais seguros e prósperos do Iraque, principalmente após a guerra que assolou e destruiu o país com a invasão anglo-americana do começo do século. Atualmente, esse grupo desfruta de bastante autonomia e de um governo e instituições regionais próprias. Ao contrário do PKK, este grupo de curdos desfruta de certa simpatia do Estado turco, e mantém relações comerciais e de apoio com este. Sua perspectiva de luta segue um viés mais democrata e diplomático, tentando conquistar mais autonomia através de diálogos e acordos com o poder central. A invasão do Estado Islâmico e auto-proclamação de seu

califado na região alterou bastante as dinâmicas dos Barzani na região, que precisaram pegar em armas para defender seu território após o abandono do governo central.

1.5. Dados demográficos sobre a população curda

Mapa 1: Áreas de concentração da população curda. Cada círculo representa 1 milhão de curdos.



Fonte: Today in Politics. Em: <<https://tipolitics.com/iraqi-forces-surround-kurdish-city-of-kirkuk-judge-wont-dismiss-menendez-charges-bergdahl-admits-a9331a15b483>>.

Sem censos oficiais, e sendo apagados e marginalizados em vários Estados em que vivem, a população curda total hoje varia entre 25 e 45 milhões de pessoas. Destas, na Turquia há aproximadamente entre 11 e 25 milhões (16 a 30% da população total); no Irã, de 6 a 10 milhões (7 a 10%); no Iraque, entre 6 e 8 milhões (15 a 23%); na Síria, entre 2 e 3 milhões (9 a 13%), além disso, há uma importante diáspora em lugares como Azerbaijão, Líbano, Anatólia turca, Armênia, Geórgia e, recentemente, Europa (800 mil na

Alemanha e 150 mil na França, aproximadamente)²².

A língua curda, filologicamente, pertence às indo-européias, como catalão, espanhol e português. Ela se divide em 4 dialetos, destacando-se o curmânji, utilizado por 75% dos falantes. A área falada inclui o Curdistão da Síria e da Turquia, norte do Curdistão Iraquiano, noroeste do Irã e antigas regiões da União Soviética.²³

A língua curda foi e continua sendo razão para conflitos, principalmente nos Estados na qual ela foi proibida. Como coloca Raffestin (1993), a língua é um poderoso meio de identificação de uma população, é também um recurso que por si só pode gerar conflitos, é um trunfo, e por consequência está no centro da relação de poder. A cultura é uma língua para semiótica, na qualidade de instrumento, a língua pertence a uma cultura²⁴.

Como resultado dos diversos planos de arabização pelos quais esta população foi submetida, 75% dos curdos hoje são muçulmanos sunitas – prática religiosa bastante pessoal e não rigorosa, na maioria dos casos.

A escola de jurisprudência sunita mais seguida é o chafeísmo, mais moderna, moderada e aberta. Além dela, existem outra tendência, como as ordens místicas seguidas no norte da África, dirigida por xeiques e líderes espirituais – fato ligado às estruturas tribais²⁵.

Existe ainda uma minoria xiita, encontrada principalmente no Curdistão do Irã²⁶ e na República da Turquia. Neste último, o xiismo aparece misturado com espiritualidade pré-islâmica, de culto à natureza e xamânica. Este movimento exotérico muçulmano não é aceito por sunitas radicais como parte do Islã, sendo considerado uma heresia.

Na sua origem, o curdo não era muçulmano. Sua religião de origem é denominada yazidismo, um culto sincrético. Os yazidis são uma minoria religiosa endogâmica que emprega o curdo em sua variante curmânji como língua sacra. Outra minoria são os shabaks (entrelaçados), mescla de islamismo com cristianismo. Usam a língua turcomana, da família do turco, como língua sagrada.

Não existem muitos curdos cristãos e os seguidores do judaísmo foram deslocados para Israel a partir dos anos sessenta. O cristianismo, entretanto, é adotado por outras minorias étnicas que vivem nas regiões curdas, como os assírios e as siríacas, de origem ortodoxa e heterodoxa. Por fim, há também os caldeus católicos, os quais mantêm

22 Ibidem, p. 36.

23 Ibidem, p. 37.

24 RAFFESTIN, 1993, p. 99 – 106.

25 VÁZQUEZ, Jordi. et al., 2016, p. 37 – 39.

26 Após a Revolução Islâmica, o Irã passou a ser um Estado islâmico xiita.

comunhão com Roma – estas últimas minorias formam uma comunidade étnica, ainda que empreguem dialetos diferentes.

Para Raffestin, a religião também não escapa da problemática relacional e das relações de poder. O homem religioso crê na existência de dois mundos: sagrado e profano. Sendo assim, a religião administra o sagrado, a vida religiosa é a interação entre o homem e o sagrado. Assim como a língua, a religião é um instrumento com funções complexas e múltiplas, como comunicação e comunhão²⁷.

Portanto, como já destacado, o fato é que o Curdistão não é formado por grupos homogêneos. No Iraque, os curdos desfrutam de certa autonomia e são liderados desde o início do século XXI pelo PDK, de Barzani, entre eles há mais de meio milhão de turcomanos. Este grupo é aliado do Erdogan e da Turquia, opondo-se ao projeto de autogoverno confederalista defendido pelo PKK e pelo PYD, na Turquia e na Síria. No Curdistão iraniano e no turco vivem mais de 60 mil armênios, majoritariamente cristão de 3 grandes confissões – evangélica, ligada à Roma e apostólica armênia.

A comunidade cristã assíria, por sua vez, se proclama descendente do antigo Império Assírio, o qual subjulgou o povo curdo. O ano novo curdo comemora uma vitória decisiva dos medos (ascendentes dos curdos) que pôs fim ao Império Assírio. Portanto, há uma relação tensa entre eles e os curdos, haja vista que os assírios são perseguidos desde o século XIV e muitos foram assassinados por curdos. A principal matança, entretanto, tanto de armênios, quanto assírios, foi propagada pelos turcos, com baixa de mais de 1,5 milhão, evento conhecido como Holocausto Armênio.

No quarto capítulo de seu livro, Raffestin fala sobre o significado das diferenças étnicas e raciais. Trata-se, acima de tudo, de um fator político. Embora diversos discursos e teorias racistas tenham sido desenvolvidos na academia durante os séculos XIX e XX, todas essas tentativas de provar diferenças qualitativas entre raças fracassaram. A diversidade é um fator a ser preservado e cultuado. Toda tentativa de reduzir as diferenças, toda tentativa de impor um modelo único, para o geógrafo, é genocídio. A questão da superioridade e da inferioridade são relativos, de modo que as diferenças quando colocadas nesses termos são assim feitas para o triunfo de um poder. Os preconceitos derivam de razões políticas, econômicas, sociais e culturais e as estratégias para esmagar essas diferenças têm sido a exploração e a supressão²⁸.

A sociedade curda é ainda muito marcada por elementos tradicionais como o tribal

27 RAFFESTIN, 1993, p. 119 – 132.

28 Ibidem, p. 130 – 142.

e matriarcal. O elemento tribal diz respeito à forma ancestral em que se estruturam os clãs, os quais constituem uma base consolidada, embora perca importância nos centros urbanos. Ao mesmo tempo, este elemento consagra a forma de se organizar de forma descentralizada através de agrupamentos semiformais de tribos, contando com a fidelidade ao grupo e um rígido código de normas coroado pela honra. Além disso, há principalmente na parte iraquiana uma estrutura feudal encabeçada por agás – uma espécie de hierarquia militar, de guerreiros.

O elemento matriarcal fará da sociedade curda bastante avançada nas questões de gênero, seguindo alguns parâmetros ocidentais. Muitas mulheres foram chefes tribais e dirigiram a resistência armada curda, geralmente são elas que recebem os estrangeiros em âmbito doméstico, dando início a conversa com eles. As mulheres curdas nunca cobrem o rosto e desfrutam de bastante autoridade para mediar conflitos entre os homens. Ao mesmo tempo, este modelo sustenta aspectos negativos comumente associados ao dote das noivas, aos casamentos arranjados e circuncisão feminina. Estes problemas têm diminuído nas regiões curdas liberadas pelos revolucionários, inclusive, nas áreas do Confederalismo Democrático, o papel delas volta a ser de liderança.

Embora a estrutura tribal tenha um papel predominante, é possível identificar uma estrutura hierarquizada de classes transversal a ela. As classes abastadas são compostas pelos chefes das tribos mais poderosas. Os Estados que oprimiram o povo curdo com políticas de empobrecimento ao mesmo tempo mantiveram os privilégios das classes abastadas através de acordos – desde que elas abdicassem de suas reivindicações nacionalistas.

Portanto, se fizéssemos uma análise de classe identificaríamos que a maior parte da população curda é composta por trabalhadores pobres, com uma mínima parcela pertencente à classe média, e, por fim, uma classe alta que se legitima e se mantém através de estruturas tribais, ao mesmo tempo que nos últimos anos tenha aderido a dinâmicas burguesas ou criado estruturas de governo como meio de preservar seu controle, como ocorre com a família Barzani no Iraque²⁹.

Calcula-se que os curdos são 60% dos pobres da Síria, sendo que são 15% da população, segundo Dr. Ahmad Yousef, ministro da economia de Êfrin³⁰. Portanto, o PKK e o PYD, em seus territórios, também tem um papel decisivo na conscientização de

29 VÀZQUEZ, Jordi. et al., 2016, p. 35 – 42.

30 Ibidem, p. 104.

classe, na luta por libertação, trazendo a questão a nível nacional.

Capítulo 2. Território curdo

O segundo elemento a ser analisado no estudo sobre a luta da população curda será seu território, ou o território por eles reivindicado, o que não fará muita diferença no conceito de território aqui evocado. Na sequência serão apresentados seus desdobramentos: os sistemas territoriais e territorialidade.

O conceito de território que será trabalhado neste estudo é o mesmo usado por Raffestin, no qual esse é entendido como produto dos atores sociais, inclusive por isso estudado após a população. Como coloca Raffestin, a população é estudada em primeiro lugar porque ela está na origem de todo poder. Já o território é a cena do poder e lugar de todas relações.

Raffestin faz questão de diferenciar espaço e território, os quais não são sinônimos, mas assim têm sido confundidos e utilizados – muitas vezes pelos próprios geógrafos. Para o geógrafo francês, o espaço é uma noção, enquanto o território é um conceito. O conceito é mais formalizado e preciso que a noção. Desta forma, o território se forma a partir do espaço, quando este é conduzido – apropriado concreta ou simbolicamente, através de representação – por um ator sintagmático, aquele que realiza um programa.

Raffestin parte de contribuições marxistas, principalmente de Lefebvre³¹, para conceituar o território. Assim, o compreende como um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia ou informação – relações marcadas pelo poder. Para o marxismo, o espaço só tem valor de uso, não de troca, portanto o espaço é preexistente a qualquer relação. Já o território é uma produção a partir do espaço. A produção se inscreve no campo de poder, de modo a ser útil para uma problemática relacional. A forma que o poder se inscreve nesta relação é na construção de malhas na superfície do sistema territorial para delimitar campos operatórios.

Assim, chegamos a noção de sistema territorial, também na perspectiva de Raffestin. Como demonstrou o geógrafo, povos civilizados têm buscado uma universalidade ao mesmo tempo que sempre dividem seu espaço e procuram se diferenciar de seus vizinhos. As práticas espaciais, ainda que embrionárias, quando induzidas por um sistema de ações ou comportamentos configuram uma produção

31 Henri Lefebvre, filósofo marxista e sociólogo francês, famoso por seus estudos sobre o espaço urbano e pelo termo “Direito à cidade”.

territorial – nenhuma sociedade escapa a necessidade de organizar o campo da ação.

A ocupação do espaço pelos indivíduos são geralmente respostas dadas à distância e à acessibilidade, pode ser uma interação econômica, política, cultural ou social, resultado de jogos de oferta e procura. O território ao se constituir de um sistema de redes, nós e malhas se realiza em uma diferenciação funcional e hierárquica. É esse sistema territorial que possibilita o controle sobre aquilo que pode ser distribuído, alocado e/ou possuído, na busca por coesão e integração do território. Tais sistemas estão sempre presentes, independente do princípio da propriedade privada ou coletiva, e constituem o invólucro das relações de poder.

O destaque de tais conceitos e noções desenvolvidas por Raffestin se deve ao reconhecimento que os atores sintagmáticos que produzem o território se encontram do Estado ao indivíduo. Desta forma, supera-se a deficiência da geografia política clássica que só enxergava os Estados enquanto atores da geografia política, abrindo a perspectiva para compreensão de outras formas de organização do território (sistemas territoriais), que podem ser entendidos desde uma ocupação de um latifúndio por um movimento social que luta por reforma agrária até uma gestão coletiva de um grande território, como fazem os zapatistas no México. Em suma, a produção de território se inscreve no campo do poder de nossa problemática relacional: todos nós elaboramos estratégias de produção que se chocam com outras estratégias em diversas relações poder.

Por fim, Raffestin compreende o sistema territorial como produto e meio de produção. Como objetivo, pode ser decifrado a partir das combinações estratégicas feitas pelos atores, como meio, por custos e ganhos que acarretam aos atores. O meio é o próprio território; o fim, a ideologia.

Outro conceito fundamental para compreensão das dinâmicas envolvendo os curdos no Oriente Médio é o de territorialidade. Para Raffestin, a territorialidade permite a multidimensionalidade do território vivido pela sociedade no geral, ou seja, a territorialidade é a face vivida da face agida do poder. Os homens, por sua vez, vivem o processo e o produto territorial através de um sistema de relações existenciais e/ou produtivas – todas relações de poder.

A relação triangular entre território, os homens e os outros procede de uma problemática relacional. A territorialidade é o conjunto de relações que se originam em um sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo em vias de atingir a maior autonomia

possível, compatível com os recursos do sistema. As relações podem ser simétricas ou dissimétricas, gerando territorialidades estáveis e instáveis nos extremos; as relações de troca e comunicação estão em sua origem. Toda produção de sistema territorial determina e condiciona a consumação deste³².

A partir de tais conceitos e noções, o capítulo presente procurará traçar um perfil das quadrículas de poder que subscrevem o território reivindicado pelos curdos. Para tanto, começaremos explicitando as características do Oriente Médio, região onde os países nos quais os curdos foram divididos se encontram, posteriormente a geografia específica desses países será alvo de investigação.

A motivação para tal empreendimento novamente é o método proposto por Raffestin, o qual compreende que para se realizar uma problemática relacional é preciso delimitar um campo, pois toda relação depende deste movimento, deste modo, os limites e fronteiras existentes neste campo delimitado serão o foco desta análise.

Para Raffestin, toda quadrícula expressa ao mesmo tempo um projeto social que resulta das relações de produção e do campo ideológico. O geógrafo entende as fronteiras como a expressão de uma interface biossocial, que não escapa a historicidade, podendo ser modificada e ultrapassada. Os limites se caracterizam enquanto um sistema sêmico utilizado pelas coletividades para marcar seu território, eles manifestam modos de produção. Desde que o homem surgiu as noções de fronteira e limite evoluíram sem nunca desaparecerem.³³

Disto advém sua crítica à Ratzel e à noção de fronteiras naturais, o que Raffestin entende como absurdo. Falar em fronteiras naturais só é possível na condição de subtração de sua historicidade: tirar a história para naturalizar.

A funcionalização ou desfuncionalização das fronteiras têm como motivações aspectos socioeconômicos ou sociopolíticos e afetam o território e o tempo social. Os limites devem ser vistos como parte do jogo da reprodução social, superando o senso comum que os enxerga ora como ou inocentes, ou naturais, ou arbitrários.

Finalmente, toda mudança de malha implica uma nova estrutura de poder. Todo período de crise, toda insurreição, toda revolta se traduzem por modificações mais ou menos fortes nos sistemas de limites. É esta mudança de malha o principal alvo de investigação do presente estudo.

32 RAFFESTIN, 1993, p. 150 – 157.

33 Ibidem, p. 164 – 185.

2.1. Região: Oriente Médio

Mapa 1: Oriente Médio



Fonte: World Atlas. Em: <<http://www.worldatlas.com/webimage/countrys/mecaps.htm>>

O Curdistão, ou o território reivindicado pelos curdos, o qual, como se verá mais adiante, também tem recebido outros nomes, se insere em um contexto mais geral dentro do Oriente Médio.

Para compreender o lugar do território curdo no Oriente Médio, procuraremos analisar este último dentro da categoria região. Isto porque, como um trabalho que se

propõe geográfico, e principalmente dentro do campo da Geografia Política, esta categoria surge como fundamental.

De grosso modo, podemos dizer que não há geografia sem região. A região é um modelo empírico regional plenamente identificável na esfera do espaço mundial. Esta categoria, não por acaso, está presente nas três escolas clássicas da Geografia, seja enquanto região natural, na perspectiva do determinismo alemão; região histórico-humana, do possibilismo francês; ou diferenciação de áreas, em uma visão hartshorniana.

Para Correa (1990, p. 45 – 46), a região, a qual se caracteriza enquanto uma realidade concreta, produto intelectualmente produzido, portanto, repleta de abstração, é:

(...) resultado da lei do desenvolvimento desigual e combinado, caracterizada pela sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação das relações de produção distintas; entidade concreta, resultado de múltiplas determinações: efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já previamente ocupado, caracterizado por uma natureza já transformada, heranças culturais e materiais e determinada estrutura social e seus conflitos.

É preciso atualizar o fato de que hoje em dia as relações políticas e econômicas não mais ocorrem no plano nacional, mas inseridas em um sistema mundializado, no qual o Estado geralmente ocupa o papel de agente intermediador entre as escalas local e global.

Como demonstrou o historiador Isaac Akcelrud (1986), o nome e as dimensões dessa região do mundo variaram bastante ao longo do tempo. Como bem coloca o autor, “as denominações geográficas andam e mudam porque são, também elas, história humana”³⁴. Sendo assim, pode-se falar em Ásia Ocidental ou Ásia Anterior, o berço da civilização, local onde nasceram os Estados e estruturas governamentais. Já a alcunha Oriente Próximo, já em desuso, designou os territórios europeus dos estados balcânicos, incluídos no Império Otomano sob domínio turco-muçulmano. Termo político, com o tempo passou a incluir áreas não-europeias, expandindo as dimensões de acordo com o crescimento das atividades comerciais, militares e diplomáticas, servindo para a expansão colonial das potências europeias.

A expressão Oriente Médio é uma criação de cunho técnico e influência militar. Foi

34 AKCELROD, 1985, p. 5.

selecionada no início do século XX para demarcar a área entre a Arabia e a Índia, tendo o Golfo Pérsico como centro do ponto de vista naval. A elasticidade deste conceito geográfico representa o “momento preciso em que os interesses petrolíferos entraram definitivamente no planejamento dos estados-maiores das grandes potências”³⁵. As exclusões e adições dos países que integram esta área foram redesenhadas no mapa-múndi até o fim do século XX a partir das necessidades do imperialismo e, mais tarde, da globalização.

Não há consenso sobre os Estados e territórios que compõem o Oriente Médio, de modo que a própria ONU não considera Turquia, Irã e Afeganistão como parte dessa regionalização. Entretanto, a maioria das publicações, como o IBGE e diversos estudiosos, consideram como Oriente Médio o Sudoeste Asiático composto por 16 Estados, além da Palestina. Embora permaneça a imprecisão sobre quais países compõem o Oriente Médio, geralmente são considerados parte a Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Chipre, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Israel, Irã, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Palestina, Síria e Turquia, sendo que destes, apenas Turquia e Egito não fazem parte totalmente do continente asiático.

Localizado predominantemente na porção ocidental da Ásia, a sua extensão territorial é de aproximadamente 6,8 milhões de quilômetros quadrados e sua costa é banhada pelas partes leste e sul do mar Mediterrâneo. Com esta extensão longitudinal seus fusos horários vão da UTC +2:00, no Egito, à UTC +3:30, no Irã. É um território que se estende desde o leste do Mediterrâneo até ao golfo Pérsico. É também uma sub-região da África-Eurásia e sobretudo da Ásia, além de partes da África setentrional. Sua população é estimada em cerca de 300 milhões de habitantes.

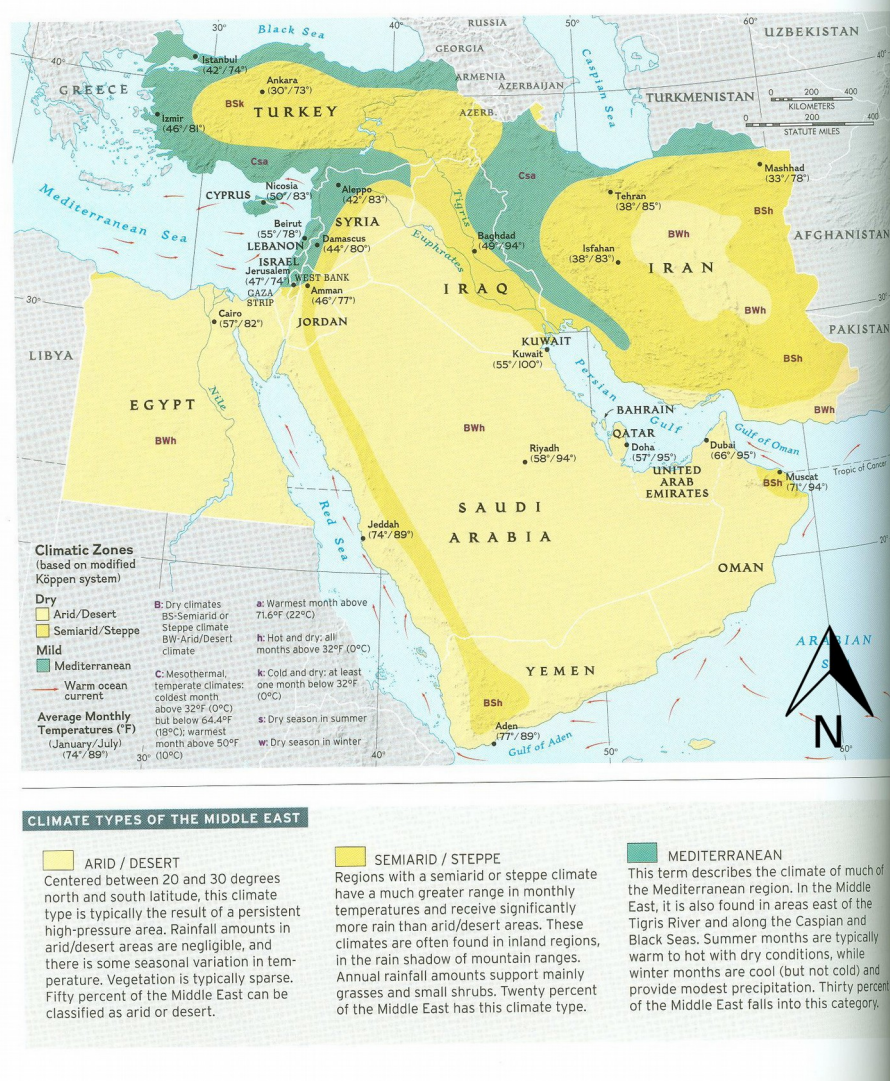
As informações sobre os aspectos físicos, como coloca Fisher (1952), são bastantes incompletas, principalmente acerca dos aspectos geológicos. Esse aspecto, é claro, não diz respeito a todo território. Nas regiões de interesse do ponto de vista do petróleo muitos estudos foram realizados, mas infelizmente tais estudos ficaram limitados a determinados pontos. Os países que tem informações mais precisas são geralmente a Síria e o Iraque, por conta de seu passado colonial, e a Turquia, por sua proximidade com a Alemanha até a II Guerra Mundial. Geólogos e estudiosos franceses, britânicos e alemães realizaram bons estudos sobre essas áreas. Os exageros acerca das riquezas minerais do Irã também levaram estudiosos europeus, e também russos, para esse país.

35 Ibidem, p. 5 – 6.

Na maior parte do Oriente Médio predominam os climas áridos e semiáridos, marcados pelas chuvas escassas e temperaturas elevadas, exceto nas proximidades do litoral, no qual o clima é mais ameno e a umidade mais elevada, existem algumas áreas de clima temperado, além do clima mais frio nas áreas montanhosas e de maior altitude. Nesta região, do ponto de vista natural, há predomínio de paisagens desérticas, com formação de oásis – terrenos com vegetação e água –, em algumas áreas.

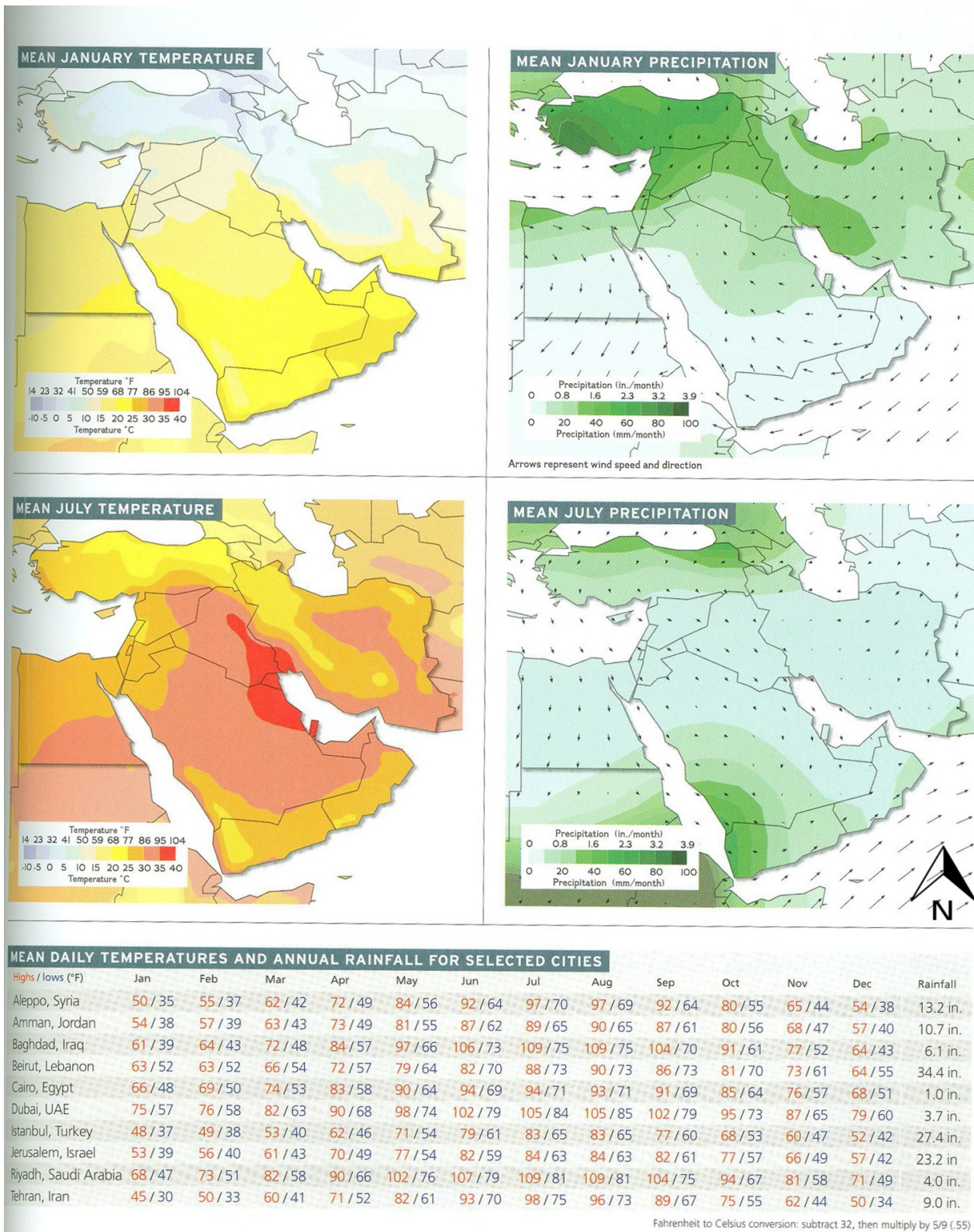
Mapa 2: Clima - Oriente Médio

Clima



Fonte: Atlas of the Middle East, 2006.

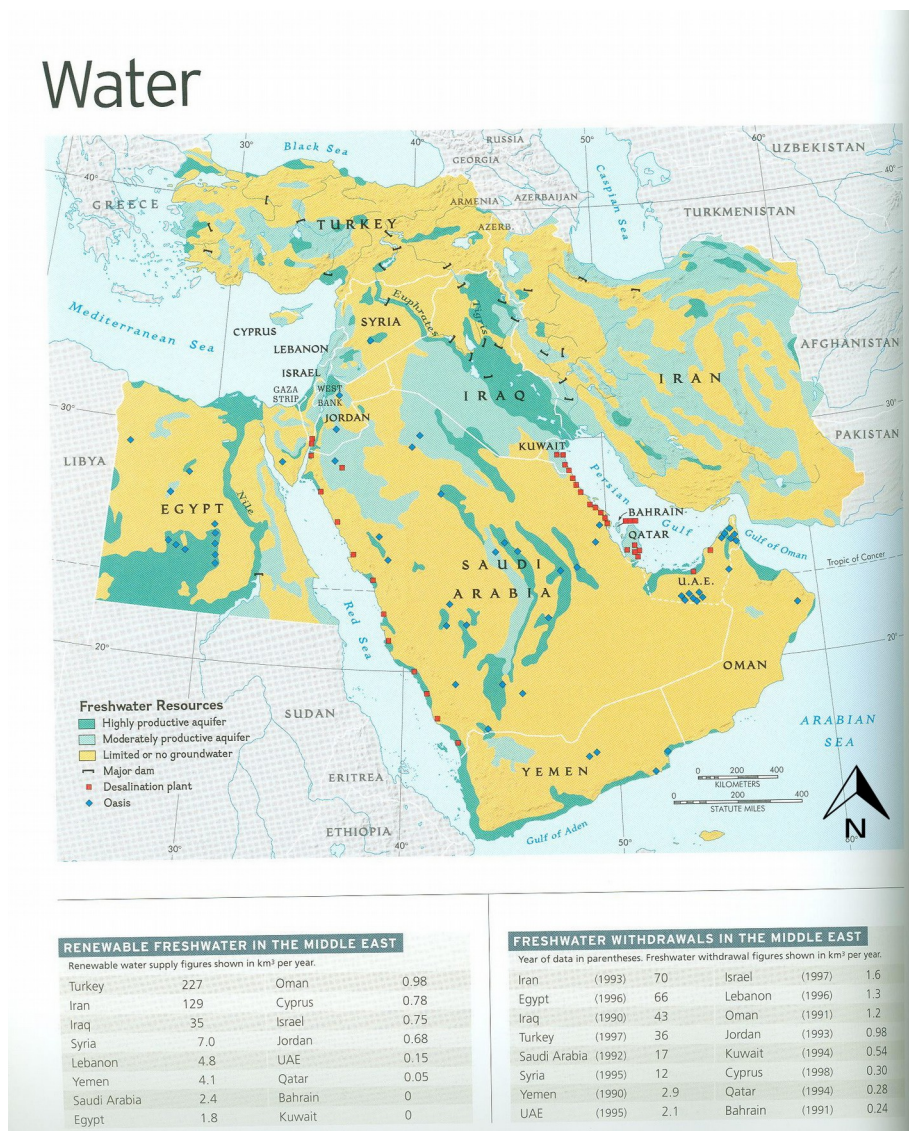
Mapa 3: Clima 2 - Oriente Médio



Fonte: Atlas of the Middle East, 2006.

Do ponto de vista hidrográfico destacam-se os rios Tigres e Eufrates, além da formação de diversos lagos ao longo da região. Sua importância é atribuída por serem grandes rios perenes, os quais possibilitam práticas agrícolas em uma região caracterizada por climas áridos e semiáridos. A Turquia e a Síria mantêm controle sobre a vazão dos rio Tigre e Eufrates, enquanto o rio Jordão e as colinas de Golan são zonas de disputas de controle hídrico por parte de Israel e Síria.

Mapa 4: Recursos hídricos – Oriente Médio

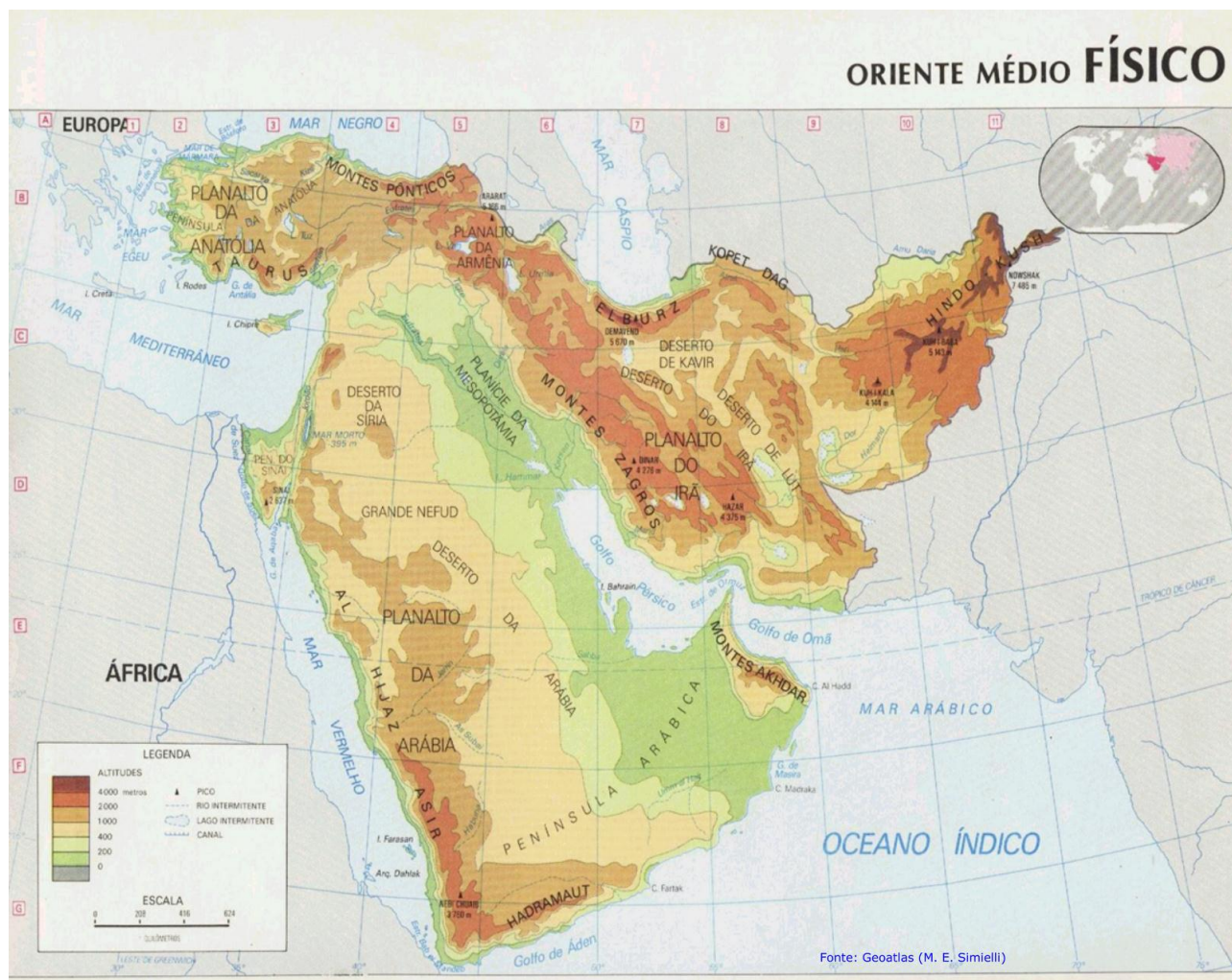


Fonte: Atlas of the Middle East, 2006.

O relevo é bastante diversificado: há montanhas, planaltos, planícies e depressões. Os planaltos predominam, destacando-se o planalto central onde se localiza Anatólia, na Turquia, o planalto iraniano e planalto da Arabia. A franja setentrional é coberta por um

conjunto montanhoso de formação recente, cenozoica, que se estende do Cáucaso, passando pelo sul do mar Cáspio e seguindo à zona montanhosa do Himalaia.

Mapa 5: Aspectos físicos – Oriente Médio



Fonte: Atlas of the Middle East, 2006.

As principais cadeias montanhosas situam-se a norte e nordeste, principalmente nos territórios do Irã, Paquistão e Afeganistão. Estas montanhas são dobramentos modernos e nos contam bastante sobre a geologia da região. Isto ocorre pois o Oriente Médio encontra-se no limite entre as placas tectônicas concordantes Árabe e a Euroasiática. A principal cadeia montanhosa é a Zagros. A sismicidade da região é muito frequente, ou seja, há bastante a frequência de terremotos.

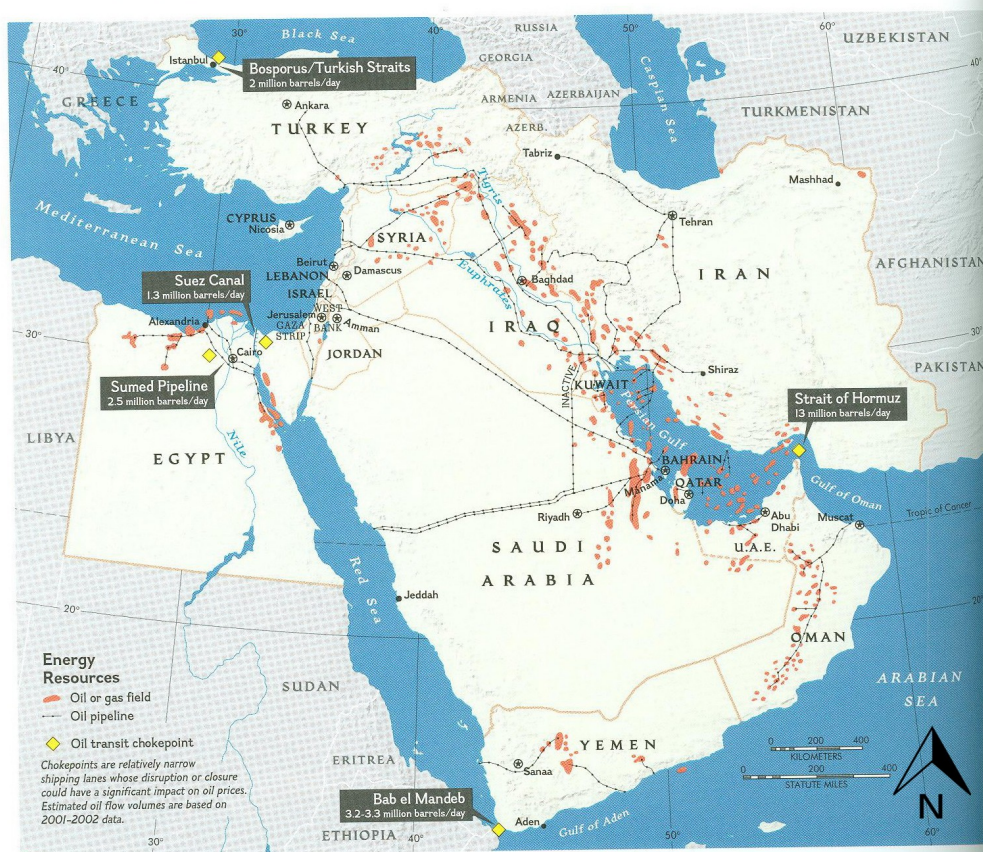
As planícies se encontram majoritariamente no território iraquiano e correspondem às bacias hidrográficas dos rios Tigre e Eufrates, os dois mais importantes da região.

O solo é formado por limo, argila e todas as espessuras de areia, todos eles tipos de granito. A vegetação também apresenta diversidade, pelo menos 4 tipos diferentes podem ser encontrados: a vegetação mediterrânea, principalmente nas áreas mais úmidas e próximas do litoral do Chipre, Líbano, Síria, Israel, Turquia e Palestina; os estepes, caracterizados pela oscilação estacional da temperatura e baixa pluviosidade, presente nas áreas mais centrais da Síria e do Iraque; a vegetação desértica e a de montanha.

O petróleo, recurso que mais se destaca na região, concentra-se ali por uma soma de fatores ambientais, sendo o Golfo Pérsico a localidade responsável por 65% do total distribuído para o mundo deste recurso energético. A região passou por vários processos naturais que favoreceram o acúmulo desse óleo.

Mapa 6: Petróleo - Oriente Médio

Petróleo



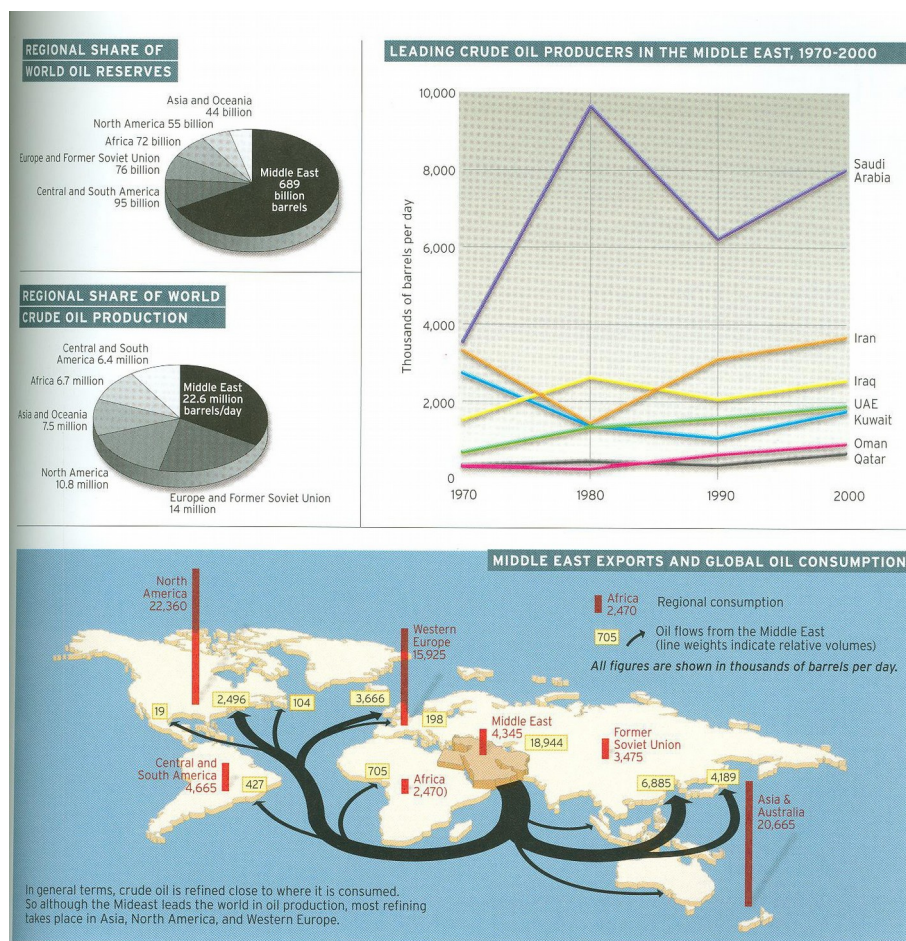
Fonte: *Atlas of the Middle East*, 2006.

Há 40 milhões de anos, o movimento das placas tectônicas contribuiu para o

fechamento dos oceanos primitivos da região. O choque entre as placas teve como efeito o desprendimento da Península Arábica da África; já a colisão entre as placas Arábica e Eurasiana criou muitas dobras nas camadas do subsolo. A medida que a água se evaporou e minúsculos vegetais marinhos se depositaram nestes fundos de mares e dobras, houve a decomposição destes materiais – devido ao aumento de pressão e temperatura –, e o material orgânico desses micro-organismos deu origem à formação do petróleo. O petróleo ficou armazenado entre grãos de areia e rochas sedimentares, materiais muito porosos, nesses enormes reservatórios subterrâneos, deixando o petróleo fluir com facilidade.

Outro importante fator é que devido a evaporação dos mares se formou uma importante camada impermeável de sal que funciona como uma tampa protetora, a qual não permitia que o óleo escapasse do subsolo. O clima seco ajudou para que a água e as bactérias não rompessem a dura e seca camada de sal.

Mapa 7: Petróleo 2 – Oriente Médio



Fonte: Atlas of the Middle East, 2006.

Desta forma, o petróleo tem sido o principal produto responsável pela economia dos países do Oriente Médio. Foi inclusive essa concentração de petróleo, aliada a fatores econômicos e políticos, que criou as condições para a formação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), em 1960, um dos mais importantes cartéis do mundo. Este recurso encontra-se distribuído de forma desigual na região, desta forma, países como Arábia Saudita, Iraque, Emirados Árabes, Kuwait e Irã concentram a maior parte deste recurso, enquanto países como Síria, Turquia e Bahrein tem quantias bem menores.

É fundamental, ao se analisar o Oriente Médio, também atentar-se a questão do acesso à água. Para além de discutir se este recurso é ou pode ser fonte de conflitos, compreender o acesso à água auxilia a compreender as dinâmicas econômicas e o desenvolvimento da agricultura na região. Ao analisarmos o mapa 5, vemos como os aquíferos – fonte de água doce e potável – se concentram em países como Egito, Iraque e Irã. Vale destacar que é na região fronteiriça, justamente onde vivem os curdos, onde tal recurso é mais abundante. É também nessas áreas onde se desenvolve com mais facilidade a agricultura irrigada.

Sendo assim, uma outra atividade econômica importante no Oriente Médio é a agropecuária. Por ser realizada predominantemente de forma tradicional, com uso de pouca tecnologia e mecanização, essa atividade incorpora mais de 1/3 da população economicamente ativa. Ao mesmo tempo, a participação desta atividade no PIB, justamente por suas características, raramente ultrapassada os 20%, com exceções para Irã e a Síria. Novamente, ao analisar o caso de cada país especificamente esta realidade pode variar bastante, como é demonstrado pelos mapas com indicadores de desenvolvimento, 10 e 11.

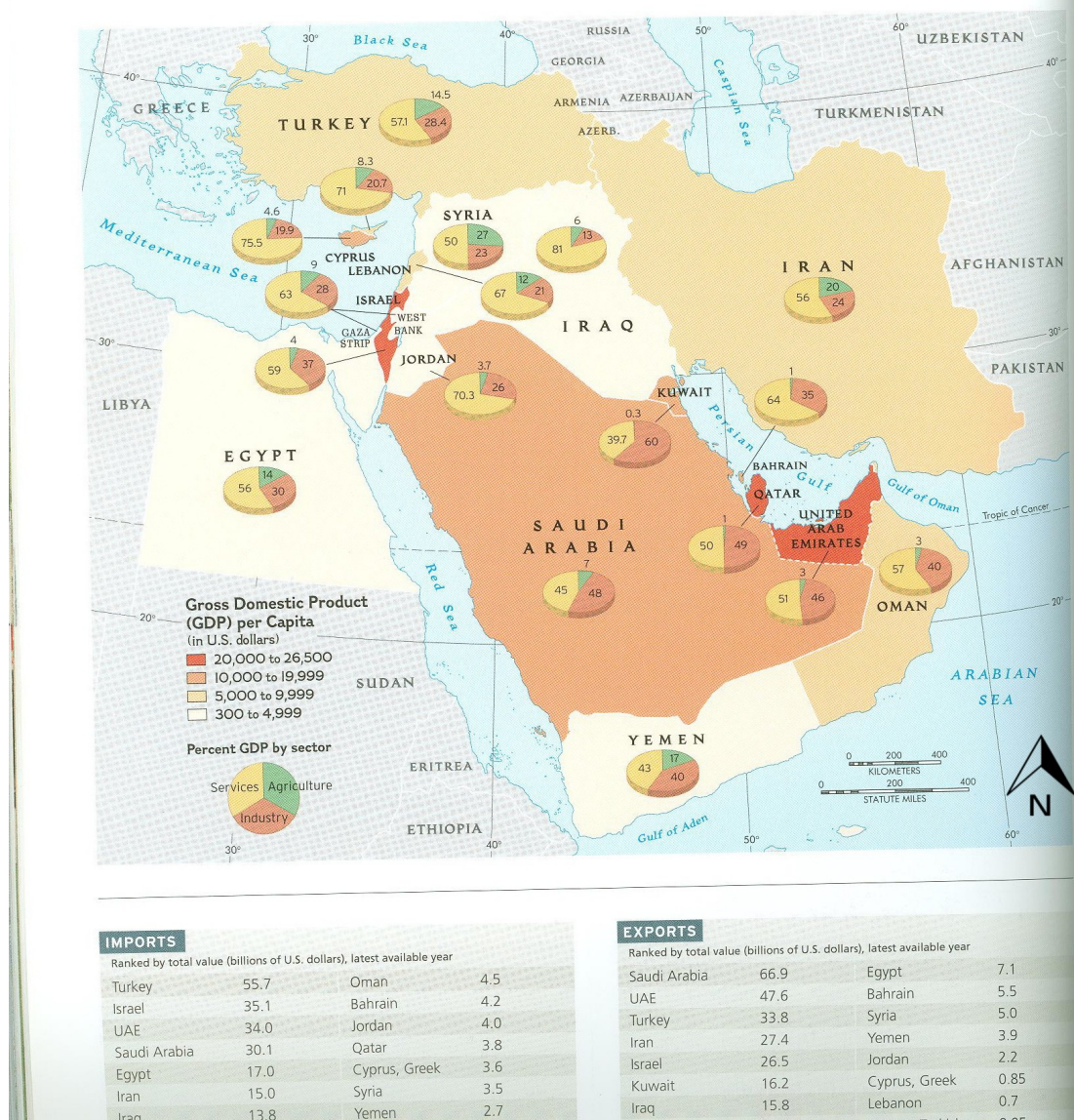
A atividade industrial no Oriente Médio ocorre de forma mais desenvolvida nos países petrolíferos, nos quais há a existência de refinarias e petroquímicas. Outras indústrias se relacionam aos setores mais tradicionais, como o têxtil e o alimentício. Os países nos quais este ramo desempenha maior peso no PIB são Arábia Saudita, Qatar, Kuwait e Emirados Árabes. Iraque, Síria e Líbano, por outro lado, tem um peso deste setor em seu PIB. No caso do Iraque, por exemplo, a indústria não chega a constituir nem 15% do indicador.

Tais dados revelam o caráter extremamente desigual da produção do espaço no Oriente Médio, o que, em suma, se expressa em discrepâncias no desenvolvimento de

cada país. No Oriente Médio encontraremos realidades como a dos Emirados Árabes, Qatar, Israel e Arábia Saudita, com alto PIB, ao mesmo tempo que países como Iraque, Síria e Yemen ficam nas últimas posições nesse indicador. As guerras civis que eclodiram nestes países neste século tem inclusive contribuído para uma rápida queda de suas receitas.

Mapa 8: Indicadores de desenvolvimento - Oriente Médio

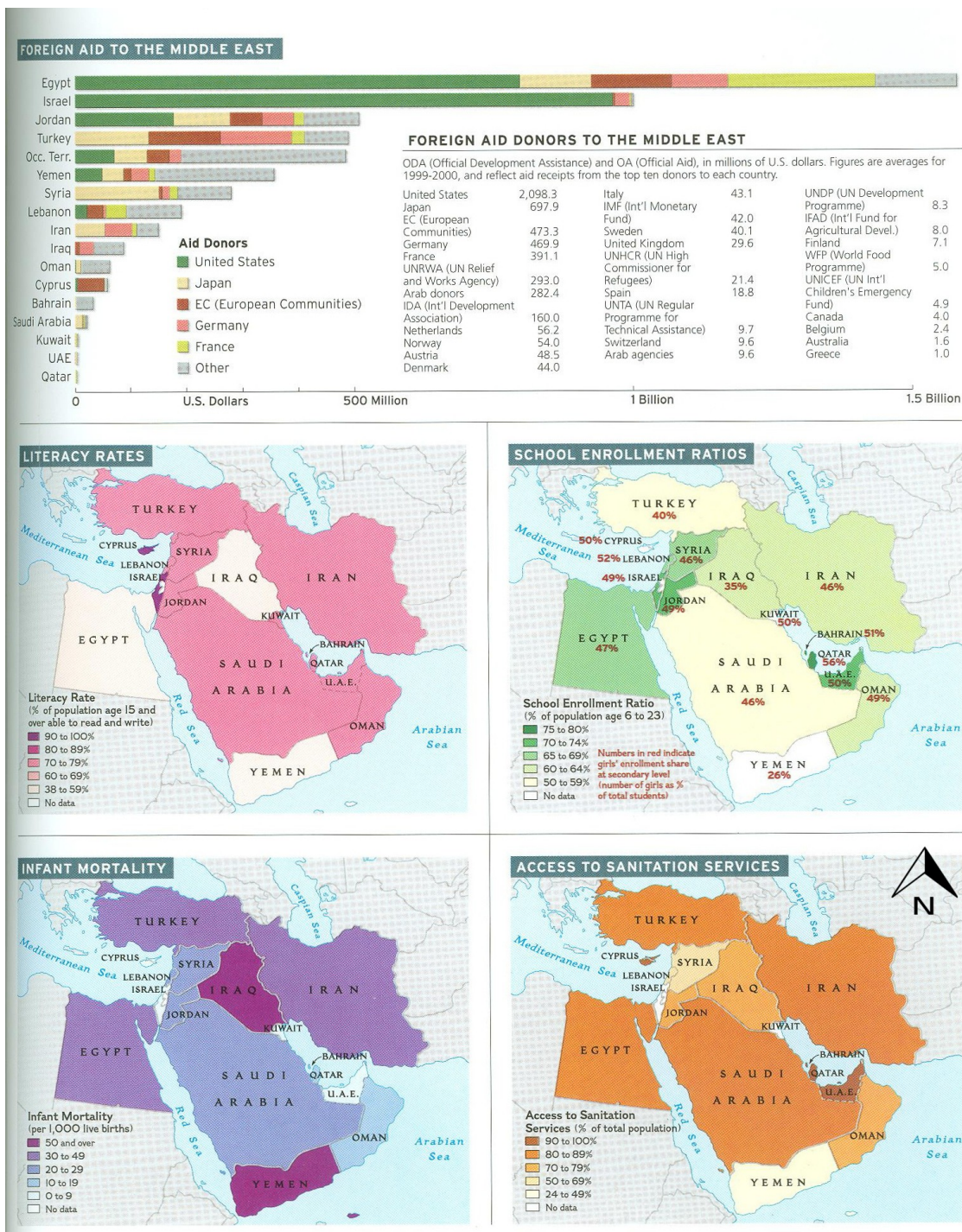
INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO



Fonte: Atlas of the Middle East, 2006.

Outros fatores como mortalidade infantil, analfabetismo e acesso a saneamento básico também ajudam a expressar a discrepâncias entre essas diferentes realidades. Em todos os casos, vemos um desempenho baixo de países como Iraque a Síria, nos quais se concentram as maiores tensões com os curdos.

Mapa 9: Indicadores de desenvolvimento 2 – Oriente Médio



Fonte: *Atlas of the Middle East*, 2006.

As maiores cidades da região são Cairo, Istambul, Teerã, Bagdá, Riad, Ancara e Jidá. Das 7, vale destacar, 4 localizam-se em países em conflito com os curdos. Istambul e Ancara, na Turquia, a capital do Irã, Teerã e Bagdá, capital do Iraque. Na Síria, menor Estado entre os 4 em conflito com os curdos, destaca-se Aleppo, com mais de 2 milhões de habitantes, cerca de 10% da população do país. Os fenômenos das grandes cidades na periferia do capitalismo, as quais concentram concomitantemente a riqueza e a pobreza desses países, tem sido um fator geográfico revelador das tensões sociais e culturais neles presentes.

Por fim, ao analisarmos esses indicadores expressos nos mapas, fica bastante claro como, dentro do Oriente Médio, a região norte e nordeste, onde se localizam os Estados em confronto com os curdos, é a que concentra os piores indicadores. Na etapa seguinte, analisaremos a localização específica dos curdos no interior desses quatro Estado, para melhor compreender a natureza dos atuais conflitos.

2.2. Territórios curdos

Mapa 1: Fragmentação do Curdistão



Fonte: EsquerdaOnline.

Como visto no capítulo sobre a população curda, no fim do pós guerra o Curdistão esteve mais próximo de conquistar seu Estado, mas o interesse das potências era outro, o qual se concretizou no esquiteamento do território curdo em 4: Curdistão do Norte, na Turquia (Bakur); Curdistão do Sul, no Iraque (Bashur); Curdistão Oriental, no Irã (Rojhilat); Curdistão Ocidental, na Síria (Rojava).³⁶

Dentro do Oriente médio, o território reivindicado pelos curdos, conhecido como grande Curdistão, ocupa cerca 500 mil km², localizando-se na região fronteira dos estados da Turquia, Síria, Iraque e Irã. Curdistão é um nome de origem persa que significa "Terra dos Curdos", foi cunhado em 1150 pelo sultão seljúcida Amade Sanjar para designar a parte do Irã povoada pelos curdos até então.

O relevo desta região é, em sua maior parte, formado por montanhas de grande altitude, destacando a Cordilheira de Zagros e parte dos montes Tauro e Hamrin – inclusive o bíblico Monte Ararat, com mais de 5 mil metros de altitude, onde, na história bíblica, foi ancorada a arca de Noé.

É nesta região montanhosa do Curdistão onde se define boa parte da hidrografia do Oriente Médio. Os rios Tigres e Eufrates nascem em boa parte do território curdo. O curdistão, embora não tenha acesso a mares, conta com grandes lagos, como o de Van e o de Úrmia.

A parcela atualmente ocupada pelo Curdistão no interior de cada país corresponde a aproximadamente 215 mil km² na Turquia; 125 mil km² no Irã; 76 mil km² no Iraque; e na Síria, 19 mil km². Essas dimensões, é preciso ressaltar, são extremamente voláteis, haja vista que os combatentes curdos encontram-se inseridos em conflitos contra os Estados da Turquia, da Síria e contra a Organização do Estado Islâmico. A evolução territorial deste conflito será trabalhada mais adiante.

Esse território se localiza dentro da região da Alta Mesopotâmia, designação para as terras altas e a grande planície do noroeste do Iraque, nordeste da Síria e sudeste da Turquia. Essa região estende-se desde o sul das montanhas da Anatólia, a leste dos montes da margem esquerda do rio Eufrates, a oeste das montanhas na margem direita do rio Tigre e inclui a planície de Sinjar. Do Tigre se estende até Samarra; do Eufrates, até Hīt.

Essa planície é percorrida ao longo de 400 km pelo rio Chabur, ao norte, pela

36 Em: <<https://esquerdaonline.com.br/2017/09/21/iraque-incertezas-em-torno-do-referendo-no-curdista/>>.

Turquia, até desaguar no Eufrates. As maiores cidades são Mossul, Deir ez-Zor, Raca, al-Hasakah, al-Busayrah, Diarbaquir e al-Qamishli, diversas delas palcos de confronto contra o Estado Islâmico, como veremos em mais detalhes.

A parte oeste, na Síria, é em grande parte contígua com o distrito de al-Hasakah, conhecido como o celeiro da Síria. A parte leste, no Iraque, inclui e estende-se um pouco para além da província de Ninawa. Ao norte inclui as províncias turcas de Şanlıurfa, Mardin e partes da de Diarbaquir.

Segundo arqueólogos, a região do Curdistão possui evidências de uma sucessão de ocupações que inicia-se no Neolítico, cerca de 8.500 a.c.. Nesta época, surgiram as primeiras aldeias da Alta Mesopotâmia, normalmente juntas ou próximas do rio Tigre devido à necessidade de água para regar e fertilizar os campos.

As últimas expedições organizadas por arqueólogos lançaram a hipótese de que estes armazéns foram colônias no norte da região, onde a terra era mais fértil, como cidades-satélite que abasteciam de matérias-primas o sul, onde as cidades eram maiores.³⁷

Este território é reivindicado pelos curdos por ser onde, de fato, eles ocupam desde que os relatos orais, artefatos arqueológicos e documentos históricos conseguem alcançar. É o lugar de origem da sociedade e da cultura curda.

Como discutiu Raffestin, esta relação com o lugar se define a medida que o poder sempre se cristaliza em algum lugar antes de se esgotar ou se expandir. Este fato pode ser comprovado com o lugar reservado aos “Monumentos do Poder” na maior parte das sociedades. Esses lugares sacralizados são os espaços de poder onde uma unidade funda uma coletividade, partindo-se, muitas vezes, de uma relação com a religiosidade³⁸.

A partir disto, deste nó – o geógrafo usa o conceito de nodosidade – estabelece-se relações de centralidade e marginalidade. Em outras palavras, o que se chama atenção aqui é para o fato da centralidade não ser uma pura questão geométrica: é, primeiro, a existência de uma coletividade soldada por ações criadoras de relações, que fundamentam diferenças específicas.

Assim, centralidade e marginalidade se definem uma em relação a outra, são

37 Em “Arqueólogos mostram evolução de sociedades mesopotâmicas.” <<https://exame.abril.com.br/ciencia/arqueologos-mostram-evolucao-de-sociedades-mesopotamicas/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

38 RAFFESTIN, 1993, p. 186 -199.

especificamente relacionais, ou seja, podem se inverter no território, sem que o mecanismo seja questionado. É a relação de poder que fundamenta a situação de centralidade ou marginalidade. Portanto, nodosidade, marginalidade e centralidade estão conectados pelos atores que as fazem e desfazem, em suas relações de poder específicas.

É a partir desta dinâmica relacional que podemos especular acerca do surgimento da civilização curda e das primeiras cidades por ela construídas. Novamente, Raffestin será o geógrafo que fornecerá as ferramentas para tal ação, pois suas proposições escapam de uma análise do caso demasiadamente atrelada às visões do Estado e suas instituições. Raffestin reconhece o nascimento de uma capital mais como um fato sociopolítico do que uma ação institucional. Para ele, tal processo passa pelos mecanismos de nodosidade, marginalidade e centralidade, sendo, por fim, a expressão de uma crise: nasce no momento de subida de um poder e descida de outro.

Como um conjunto de sistemas sêmicos que mediatizam as relações de poder, a capital é a expressão de uma representação política. Ao simbolizar uma centralidade, ela define também sua marginalidade. A capital concretiza materialmente as grandes tendências da estratégia nacional.

A centralidade pode ser política, econômica e cultural e nem sempre uma capital comporta essas 3 centralidades. Além disso, capitais ao concentrarem muita energia (informações, população, recursos) podem ser responsáveis pelas divergências econômicas e disparidades regionais.

A capital cria mais-valia sobre outras cidades e regiões e esta mais-valia pode ser espacial, quando suas ações e normas restringem o campo das outras regiões; ou temporal, quando seu modelo é progressivamente mais seguido que os outros.

Os sistemas de interações e de ações são controlados por uma capital, ou centralidade. Assim, o quadro espaço-temporal do local de produção nunca é autônomo, dependendo de uma centro de decisão. Sua difusão pode ser contínua, descontínua, homogênea ou heterogênea.

Esses conceitos de Raffestin auxiliam a compreender as relações de poder na Alta Mesopotâmia, e o por quê da Turquia, Síria, Iraque e Irã serem tão relutantes em conceder autonomia e soberania à população curda. Cidades como Mossul, Deir ez-Zor, Raqqa, al-Hasakah, al-Busayrah, Diarbaquir e al-Qamishli ainda tem uma centralidade e

importância para administração territorial da região justamente pela relação de centralidade-marginalidade que exerce com seu entorno. Essas cidades concentram serviços, infraestruturas e recursos que teriam sua importância reduzida com o surgimento de novas centralidades na região.

Mossul, por exemplo, é a 3ª maior cidade do Iraque e a capital da província de Ninawa. Seu centro histórico margeia ao oeste o rio Tigre. Não atoa, foi ali o cenário dos momentos mais trágicos dos conflitos contra o Estado Islâmico, o qual chegou a ocupar a cidade e a definir como sua capital no Iraque por quase 3 anos – entre 2014 e 2017. A cidade de Mossul, atualmente destruída pelo conflito, contava com universidades, centros hospitalares, grandes mesquitas, ferrovias e aeroportos.

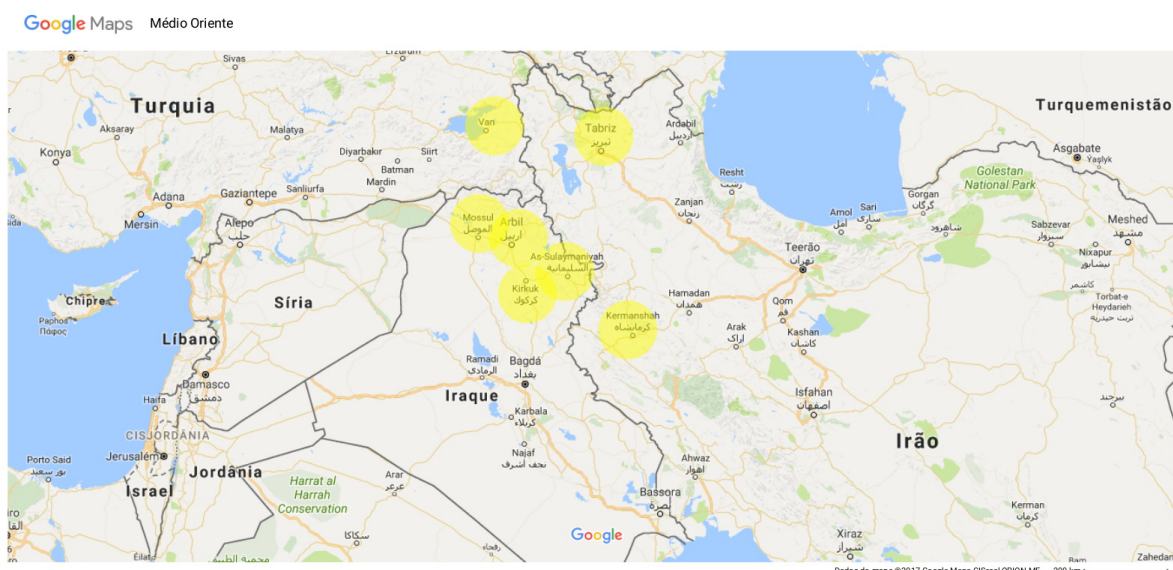
Deir ez-Zor, cercada pela OEI também no mesmo período, é, por sua vez, a maior cidade da parte oriental da Síria e a sétima maior daquele país. Sua centralidade é revelada pela resistência que demonstraram as forças pró-Assad ao não permitirem que o Estado Islâmico ocupasse a cidade.

Raqqa é uma cidade do centro-norte da Síria, situada na parte ocidental da Mesopotâmia Superior e capital da província homônima, estando na margem norte do rio Eufrates. A cidade foi palco de grandes batalhas durante a Guerra Civil Síria. Primeiramente foi capturada em março de 2013 por militantes da oposição síria. Posteriormente, a OEI tomou a cidade e expulsou tanto os simpatizantes da oposição quanto do regime Assad da região. O Estado Islâmico proclamou a criação de um califado sob a lei da sharia e fez de Raqqa sua nova capital na Síria em 2014.

Al-Hasakah é a capital da província de Al-Hasakah, no nordeste da Síria, sendo a maior cidade da província e estando entre as 10 maiores cidades da Síria. Diarbaquir é uma cidade e área metropolitana do sudeste da Turquia. É a capital da província homônima e faz parte da Região do Sudeste da Anatólia, sendo a segunda maior cidade do sudeste da Turquia a seguir a Gaziantep.

Qamishli, por sua vez, é uma cidade da Síria, junto a fronteira com Nusaybin, na Turquia. É a capital do distrito de Al-Qamishli. Esta última, sob controle dos curdos, é reivindicada como capital de Rojava, o Curdistão Sírio. No geral, todas essas cidades contam com populações que chegam, facilmente, as centenas de milhares. Como se vê, dificilmente se mexe nas tessituras do poder nessa região sem redefinir radicalmente suas marginalidades e centralidades.

Mapa 2: Principais cidades que concentram população curda



Fonte: GoogleMaps (editado por Fábio Melo)

Em sua obra, Raffestin recupera o conceito de *core areas* para falar explicar do porquê existir essa tensão e instabilidade com as áreas centrais. Para ele, a centralidade pura é uma raridade, pois nenhum centro ou capital consegue, geralmente, possuir todos os recursos necessários para a manutenção do exercício do poder. Desta forma, as centralidades e capitais estão sempre apoiadas em outras regiões.

As *core areas*, conceito de Whittlesey, são caracterizadas por Raffestin³⁹ como nodosidades fundadoras: locais de emergência de recursos. E qual seu significado? Está em seus recursos e na sua produção de energia. Estas que geram o nascimento da nodosidade, a medida que atores sintagmático lançam uma estratégia de controle que define esta centralidade. O autor também chama a atenção para o poder de uma massa demográfica, a qual para além de se caracterizar por seu tamanho (ou número populacional), tem seu significado potencializado pela concentração. Desta forma, o número da população de um lugar ganha ou perde significância dependendo de seu grau da concentração.

2.3. Gênese das fronteiras

39 Ibidem, p. 196.

Outro fator importante para a compreensão da questão curda no Oriente Médio são as atuais fronteiras separando 4 países com relações tumultuosas nas quais o Curdistão está localizado. Desta forma, além do conflito dos curdos com os países em que seu território está localizado, emergem os conflitos entre esses próprios países, de modo que os curdos acabam sendo usados. Muitas vezes, quando a concessão de autonomia e soberania aos curdos não é um problema, o medo da expansão e do empoderamento do Estado adversário diante desta concessão aparece como um motivo para adiar a autonomia curda.

Primeiramente, procurarei expor a gênese dessas fronteiras no Oriente Médio. Embora as nações do Oriente Médio sejam milenares, muitas, inclusive, sendo os povos mais antigos ainda ativos, a formação dos Estados modernos na região e suas fronteiras são bastante recentes. O fim do Império Otomano e da Primeira Guerra Mundial são os acontecimentos que germinaram essas formações.

O Acordo Sykes-Picot está no embrião das fronteiras que se consolidariam na região. Escrito em 1916, este acordo foi um ajuste secreto entre os governos do Reino Unido e da França para definir suas respectivas esferas de influência no Oriente Médio, já considerando a hipótese da derrota do Império Otomano na guerra. Este acordo estabeleceu limites que ainda permanecem na maior parte da fronteira comum entre a Síria e o Iraque. Este acordo previa:

1. à Rússia caberá as províncias de Erzedum, Iribizond, Van e Blilits assim como o território na parte sudeste do Curdistão através da linha Mush-Saint-Ibn Umar-Amária até a fronteira persa. O limite das aquisições na costa do mar Negro serão determinadas mais tarde em um ponto a oeste de Tribizord;
2. a França obtém uma faixa litorânea ao longo da costa da Síria. A vila de Adama e o território fronteiriço ao sul pela linha Aitab-Mardin até a futura fronteira da Rússia e, ao norte, pela linha Ak Dargh-Jildiz-Aagh-Zara-Egin Hharput;
3. Grã-Bretanha obtém a parte sudeste da Mesopotâmia com Bagdá e estipula para si própria na Síria os pontos de Haifa e Acre;
4. por acordo entre França e Inglaterra a zona entre França e os território britânicos formam a Confederação dos Estados Árabes ou um Estado árabe independente, aos quais as zonas de influência são determinadas ao mesmo tempo;
5. Alexandreta é proclamada como um ponto livre. (MONROE, Elisabeth. The Midde East: a politic and economic survey. London, The Royal Institute and

Mapa 1: Acordo de Sykes-Picot



Em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Sykes%E2%80%93Picot_Agreement>.

40 Em <https://wwi.lib.byu.edu/index.php/Sykes-Picot_Agreement>. Acesso em: 08 novembro de 2017.

Confirmada a derrota do Império Otomano, com o fim da Primeira Guerra Mundial, o Tratado de Versalhes (1919), tratado de paz assinado pelas potências europeias com o término do conflito mundial, ratificou a preponderante posição britânica e francesa na região.

Turquia

Diante disto, o reino turco ficou à mercê de desaparecer. O Tratado de Sèvres (1920), viria a consolidar essa tendência. Entre suas cláusulas, o tratado consagrava a perda, pela Turquia, da Palestina, Síria, Líbano, Mesopotâmia e também de praticamente de todos os territórios turcos na Europa, com exceção de Constantinopla e da região de Esmirna, ambas entregues à Grécia.

A retirada da Rússia após revolução de outubro consolidou a inviabilidade de Sykes-picot, de modo que a primeira metade do século XX ficou marcada como a máxima ingerência europeia no Oriente Médio. Sèvres foi um tratado truculento, no qual o principal afetado, a Turquia, não podia opinar. Deste modo, o mesmo não se confirmou. O oficialato turco, liderado pelo supremo Mustafá Kemal, rebelou-se contra essa afronta e a submissão do sultão, o qual estava predisposto a aceitar o acordo, iniciando um levante armado. A revolta foi responsável pela deposição do monarca e fim do califado, o último da história muçulmana (pelo menos, até pouco tempo).

Após a deposição do sultão, foi proclamada a república turca, marcando o momento de ascensão ao poder dos jovens turcos, cerca de dois anos após a derrota turca na Primeira Guerra. Assim, nascia a primeira república e país independente do Oriente Médio, liderado por Kernal, o qual mudou seu nome para Ataturk, “pai dos turcos”, após a revolução.

O novo regime não reconheceu Tratado de Sèvres e partiu para uma ofensiva atacando as ocupações estrangeiras já iniciadas, em um contexto que ficou marcado pelo massacre de muitos gregos e armênios. Também reconstituiu-se o domínio turco na Anatólia de sudoeste.

Ataturk assinou o Tratado de Lausanne, em julho de 1923, assegurando as fronteiras turcas da forma que permaneceram até hoje. Os regimes europeus reconheceram o governo kemalista e assinaram, a contragosto, o tratado.

Mapa 2: Atual configuração do Estado da Turquia



Fonte: Atlas of the Middle East, 2006.

Síria

Desde a insurreição contra o Império Otomano, a Grã-Bretanha se comprometeu a reconhecer a independência aos árabes e dos territórios por eles conquistados. Feisal, um líder nacionalista árabe, entrou em Damasco em outubro de 1918 e seu desejo era fundar o Reino Árabe idealizado por seu pai. Para isto havia entrado na guerra e confiado na palavra britânica.

Em 1919, ano da Conferência da Paz, a população local desejava unidade entre Líbano, Síria e Palestina, e o princípio da autodeterminação dos povos ganhava força. As deliberações de Versalhes provocaram tumultos na Síria e no Iraque, eclodindo em diversos conflitos nas fronteiras ocidentais sírias.

O congresso sírio, em 1920, proclamou a independência da Síria de modo unilateral e outorgou a coroa a Feisal. No mesmo ano, na conferencia de San Remo, a Liga das Nações Unidas conferiu à França o mandato pela Síria e pelo Líbano. Enquanto isso, conflitos tribais, agora munidos com restos de armamentos da guerra, se

intensificaram. Essa confusão favoreceu o imperialismo francês. A intenção colonizadora da França levou o conselho árabe, em Damasco, a declarar rapidamente Feisal como rei da Síria e da Palestina.

A França deixou de lado a diplomacia e com tropas ocupou o palácio real, expulsando Feisal e o retirando do poder. A Inglaterra organizou um reordenamento geográfico no Oriente Médio: revogou a promessa da monarquia iraquiana à Abdullah, e empossou Feisal. Para Abdullah, inventou-se um Estado na Palestina oriental, a leste do Jordão. Em ambos os casos, os tronos ficaram submetidos à Grã-Bretanha.

A conferência de San Remo, por fim, fatiou a Síria em 3: Síria (contendo Damasco, Alepo e Homs), Líbano e Palestina. Síria e Líbano ficaram sob administração francesa por 25 anos; enquanto a Palestina e Mesopotâmia ficaram sob tutela da Grã-Bretanha. A Liga das Nações Unidas garantia a legalidade dos mandatos, de modo que esse sistema de mandatos ganhou legitimidade, principalmente após a aceitação do sistema pelos Estados Unidos da América.

O mandato não foi tranquilo para a França, e os conflitos contra as forças nacionalistas eclodiram e aumentaram ano a ano. Ocorreu um grande levante árabe, e os protestos levaram a França a reconhecer a independência da Síria em 1936. Entretanto, com chegada da 2ª Guerra Mundial no Oriente Médio, a medida foi cancelada e a França retomou o controle, visando abafar a proximidade dos sírios com Hitler.

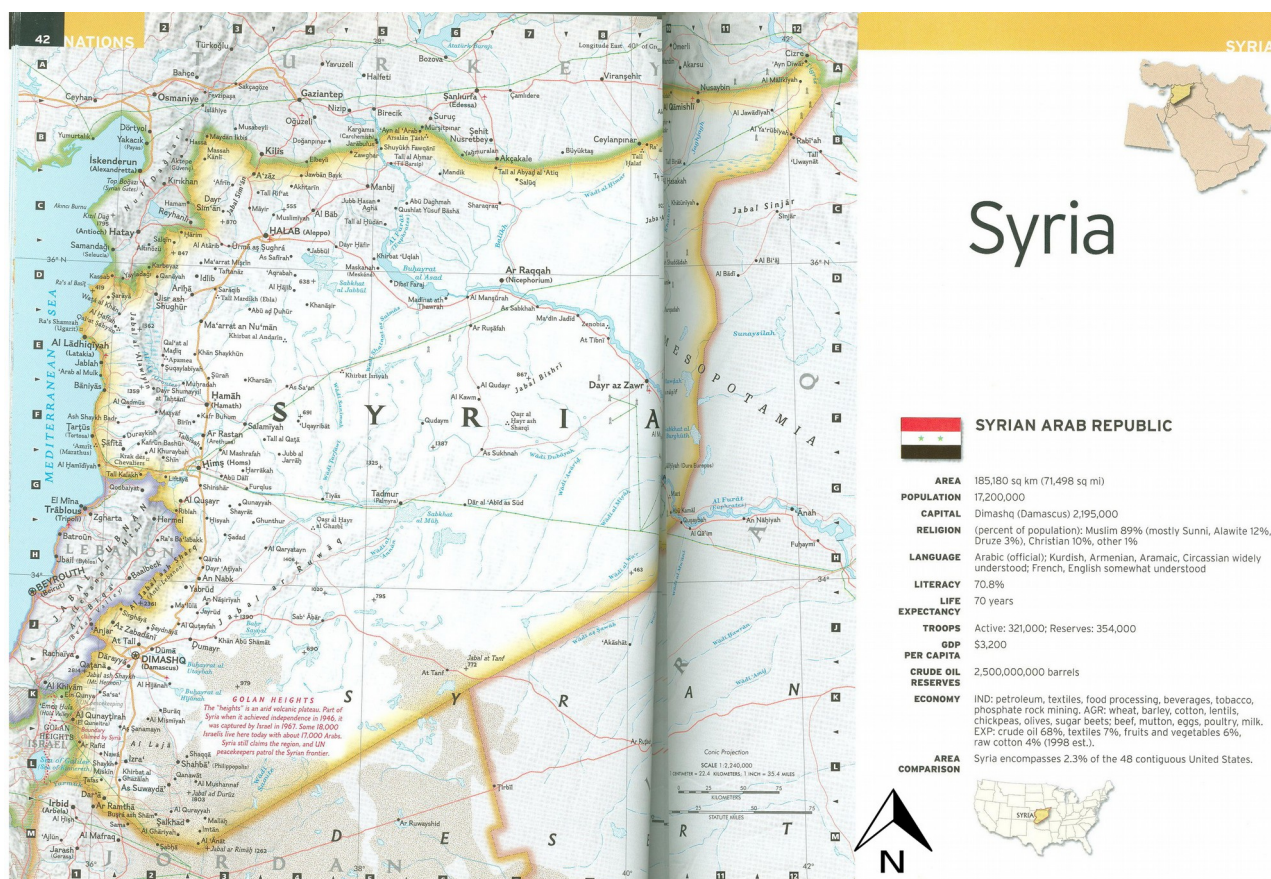
Com a ocupação da França por tropas alemãs, uma situação inusitada ocorreu: uma resistência francesa fixou-se na Síria e virtualmente foi transformada em governo pleno. Após o fim da guerra, a França estava solidamente instalada na Síria e no Líbano.

O novo contexto internacional aliado à criação de uma organização mundial, a qual congregava as nações de todo o mundo, a Organização das Nações Unidas (ONU), forçou a retirada das forças francesas e britânicas da Síria. A ONU reconheceu a independência da Síria e do Líbano em 1946. Neste período, as fronteiras já estavam bastante modificadas em relação ao país original, o qual continha Síria, Líbano, Palestina e Transjordânia.

Como coloca Silva (2003)⁴¹, as fronteiras foram estipuladas não pela vontade árabe, mas por uma sucessão de fatos históricos, contando sempre com a interferência externa à frente do processo de formação territorial.

41 SILVA, 2003, p. 105 – 149.

Mapa 3: Atual configuração do Estado da Síria



Fonte: Atlas of the Middle East, 2006.

Iraque

A liga das nações pôs o Iraque sob mandato britânico. Os nacionalistas sofreram um baque ao perceberem a troca de um colonialista por outro. Os clamores por independência não tardaram a surgir no país, o qual passou por uma sucessão de protestos nacionalistas em Bagdá.

Concessões foram dadas pelos britânicos para manter o controle social, mas as medidas não foram suficientes para inibir a animosidade nacionalista que explodia no Iraque. Winston Churchill recomendou um plebiscito para que os árabes escolhessem um monarca: Feisal foi escolhido de forma unânime.

Em 1920 uniram-se 3 regiões: Mossul, ao norte; Bagdá, ao centro; Basra, ao sul, junto à foz do Tigre-Eufrates. As fronteiras com Kuwait foram aceitas posteriormente, inclusive, ambas nações tentaram construir uma federação nos moldes da União dos Emirados Árabes, mas a Inglaterra interveio, no espírito de dividir para reinar. O Iraque saiu beneficiado por zonas petrolíferas em Mossul e Kirkuk, mas prejudicada ao sul

restando pequeníssima zona litorânea.

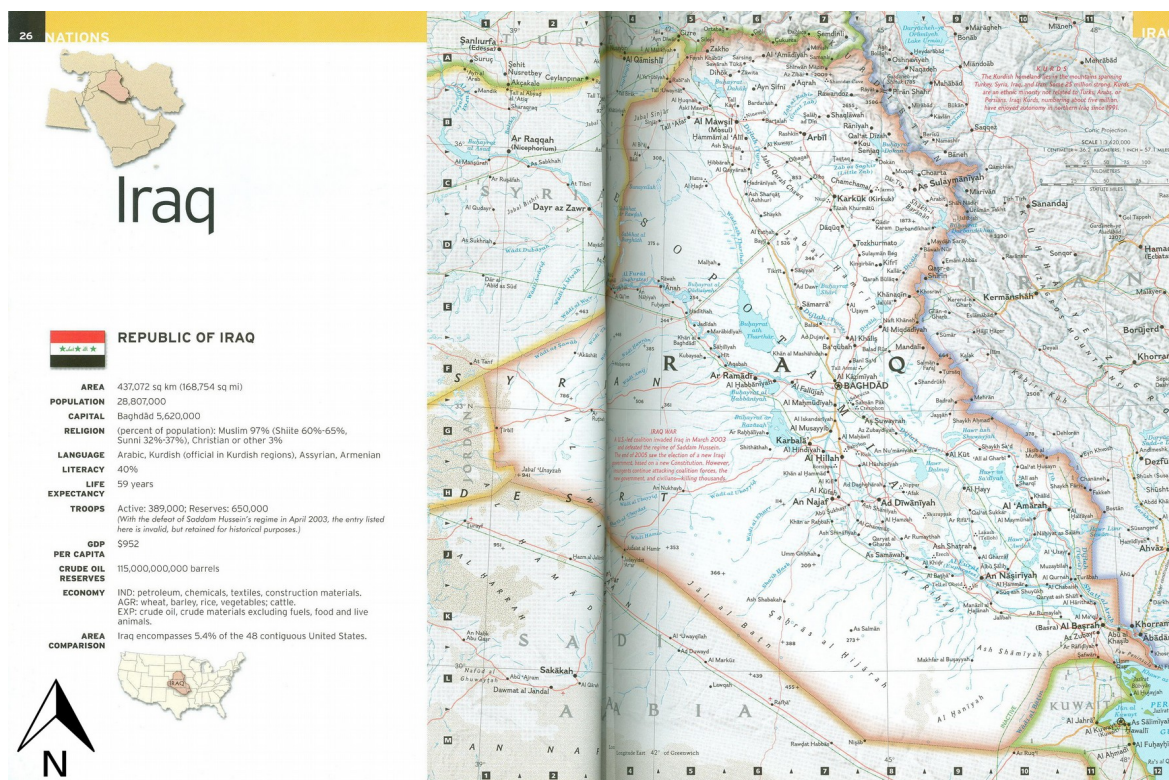
Já em 1921, o Iraque foi reconhecido como um Estado moderno submetido à Grã-Bretanha, e no ano seguinte, Feisal arrancou da Inglaterra o prazo de 10 anos para término do mandato e consequentemente o reconhecimento da independência iraquiana.

As fronteiras modernas do Iraque em muito foram mantidas em relação à antiga Mesopotâmia e ao Império Babilônico, mas distinguiram-se do que eram no período Otomano (SILVA, 2003).

A formação das fronteiras passou por uma série de dificuldades: polêmica em relação a Mossul, reivindicado por Ataturk como parte da Turquia; questão fronteiriça com a Pérsia no Chat el Arab, junto à desembocadura do Tigre-Eufrates; o sudoeste foi e ainda é habitado por babuínos, nômades do deserto, os quais não se importam se ali é Iraque ou outro país, tendo uma cultura tradicional que menospreza esta noção ocidental de Estado-nação.

Com o descobrimento do petróleo, essas fronteiras ganharam novos complicadores entre 1930 e 1940, momento em que o petróleo passou a ser explorado por empresas britânicas, e na sequência por holandesas e norte-americanas.

Mapa 4: Configuração atual do Estado iraquiano



Fonte: Atlas of the Middle East, 2006.

A convivência entre Inglaterra e Iraque nunca foi harmoniosa. Os britânicos mantinham um regime híbrido: o executivo era iraquiano, na figura de Feisal; mas o legislativo era majoritariamente controlado pelos britânicos. Essa situação não satisfazia nacionalistas, os quais sonhavam com Iraque totalmente autônomo, de modo que continuaram reivindicando isso.

A Inglaterra exigiu a expulsão dos agitadores nacionalistas e um período de negociação começou após isso ocorrer: o Iraque foi admitido nas Nações Unidas em 1930, em contrapartida, a Inglaterra ganhou o direito de explorar petróleo em Mossul e alguns domínios territoriais, além da concessão de livre trânsito britânico em caso de guerra. E foi o que ocorreu quando a Inglaterra voltou a ocupar o Iraque na Segunda Guerra Mundial, utilizando-o como base.

Irã

Há uma longa história persa de resistência à dominação estrangeira. Os persas passaram por um processo de islamização no século VII, através do xiismo, mas conseguiram manter sua língua e cultura. Sua formação se dá pela fusão de povos arianos, medos e outros povos minoritários.

Esse povo teve seu território dominado pelo império turco, e após a queda deste, foi a dinastias safávidas quem assumiu. Depois, estes também sucumbiram em decorrência da invasão mongol, a qual não teve longa duração, de modo que logo os safávidas voltaram ao poder.

Os safávidas enfrentaram sua dinastia rival que estava ascendendo na Anatólia: os otomanos. Essas dinastias permaneceram em estado de beligerância por séculos, situação que as enfraqueceu e favoreceu ascensão europeia (SILVA, 2003). A disputa da Pérsia durante dois séculos por britânicos e russos resultou no domínio da Grã-Bretanha pelo golfo, ao sul; e da Rússia pelo norte, mais acidentado e geograficamente desfavorável. Após a conquista do norte, no início do século XX, os russos avançaram para o leste.

As fronteiras foram fixadas por britânicos e russos: ao leste com Afeganistão; à oeste com Império Otomano – nos dois casos, a Pérsia perdeu território; na fronteira Irã-Iraque fica o estuário Chat et Arab, o qual a comissão anglo-russa designou integralmente aos otomanos. A Pérsia saiu perdendo nessas instalações portuárias economicamente, pois se descobriu que esses estuários eram uma importantíssima zona petrolífera.

Mapa 5: Configuração atual do Estado iraniano



Fonte: *Atlas of the Middle East*, 2006.

Sentindo-se acuada, a saída persa foi explorar ao máximo a divergência russo-britânica. Fatos novos, como a derrota do Império Russo para o Japão, em 1905, trouxeram esperança aos persas. A Primeira Guerra Mundial, na qual os persas se aproximaram da Alemanha, deixou claro o papel de fantoche do Império Russo, aumentando as expectativas dos persas. Com o desdobramento dos episódios de 1917, na Rússia, os britânicos se tornaram absolutos na Pérsia.

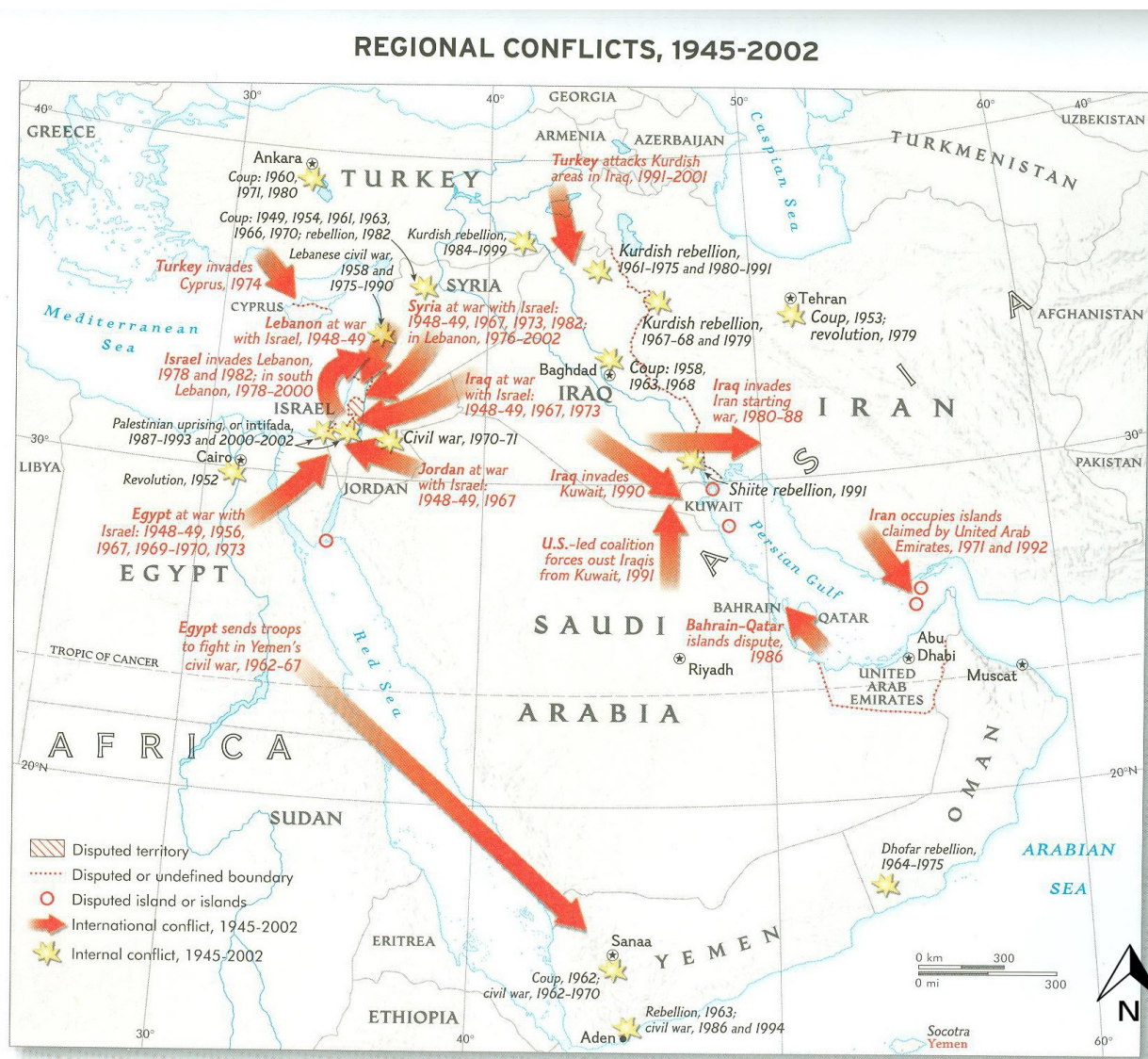
Influenciados pelos acontecimentos no Império Otomano, ascendeu igualmente na Pérsia um forte movimento nacionalista. O mentor deste movimento foi um oficial Reza Khan, o qual conseguiu uma série de acordos favoráveis com a Rússia. Reza Khan pacificou tribos rebeldes no interior, assim como o fez com os povos curdos.

Em 1925, Reza Khan rebatizou-se como xá Reza Palhevi, e em 1935, mudou o nome de Persia para Irã, impondo forte resistência à presença estrangeira e anulando tratados depreciativos. Neste período, iniciou-se uma ocidentalização, o xá xiita foi substituído por um militar, e um regime constitucional foi instalado.

Na Segunda Guerra Mundial, o Irã manteve sua posição e se recusou a expulsar alemães de seu território. Reza Khan acabou deposto pela Inglaterra e União Soviética, os quais colocaram o filho de Reza Khan, Muhammad Reza Palhevi – mais maleável –

em seu lugar. O regime Reza Palhevi durou mais de 3 décadas, sendo deposto pela Revolução Islâmica.

Mapa 6: Conflitos regionais no Oriente Médio entre 1945 e 2002



Fonte: Atlas of the Middle East, 2006

2.4. Atualidade das fronteiras

Na fronteira entre Turquia e Irã, por exemplo, localiza-se uma das áreas mais tensas para a questão curda. Trata-se de uma das áreas mais acidentadas e de difícil acesso, com altitudes que ultrapassam os 3500 metros. É nesta área montanhosa, na

região do planalto da Armênia, que militantes curdos se escondem e fazem seus treinamentos.

As cidades do Irã mais próximas da fronteira são Urmia e Tabriz. Urmia, capital do Azerbaijão Ocidental, destaca-se pelo lago homônimo, um dos principais do Irã. Ambas cidades contam com uma infraestrutura bastante completa, com aeroportos, universidades, centros hospitalares, comerciais, administrativos e industriais.

Na Turquia, a cidade mais importante próxima a fronteira é Van. Trata-se da capital da província homônima e parte da Região da Anatólia Oriental. A cidade de Van conta com um importante lago de mesmo nome, além de infraestrutura completa, com aeroporto. É o centro da indústria de peles, cereais, frutas e vegetais. A maior parte de sua população é curda.

A relação entre Irã e Turquia tem sido conturbada. A Turquia e o Irã são historicamente rivais e não aliados, embora possam compartilhar certos interesses econômicos e de segurança. Politicamente, seus interesses estão em desacordo em muitas áreas em todo o Oriente Médio, haja vista que ambos têm identidades políticas e ideologias bem diferentes, quando não antagônicas.

Ambos são vizinhos, com uma extensão de 499 km na fronteira entre os dois países. Os países estabelecem relações diplomáticas um com o outro, a Turquia possui embaixada em Teerã e consulados em Tabriz e Urmia, o Irã possui embaixada em Ancara e consulados em Istambul, Erzurum e Trabzon.

As necessidades turcas por energia e os vastos recursos de petróleo e gás natural do Irã têm sido um importante motor da crescente cooperação turco-iraniana na última década. O Irã é o segundo maior fornecedor de gás natural para a Turquia, atrás da Rússia, além de uma importante fonte de petróleo bruto.

No entanto, desde as manifestações da Primavera Árabe, a rivalidade política e ideológica entre os Estados se acentuou. O fator mais importante que contribuiu para as tensões crescentes nas relações têm sido o apoio da Turquia à oposição ao presidente sírio, Bashar al-Assad.

O Iraque também se tornou um campo de crescente concorrência entre a Turquia e o Irã. Desde a retirada das tropas americanas do Iraque, o Irã tentou ocupar o vazio de poder criado. A radicalização do conflito sectário entre xiitas e sunitas colocaram Turquia e o Irã em campos opostos.

A questão curda também surgiu como uma fonte de tensão entre Ancara e Teerã. O governo turco suspeita da Síria e do Irã de apoiarem o principal grupo insurgente curdo, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). Além disso, à medida que os distúrbios na Síria se espalharam, o controle do regime de Assad sobre as áreas curdas ao longo da fronteira turco-síria tem diminuído, aumentando as ansiedades turcas de que isto fortalecerá os apelos para maior autonomia entre a própria população curda da Turquia. Entretanto, na prática o que tem ocorrido é que tanto a Turquia quanto o Irã têm atacado sistematicamente os revolucionários curdos nas montanhas.⁴²

As tensões na fronteira turco-síria são ainda maiores. Já na planície da Mesopotâmia localizam-se cidades turcas importantes, como Diarbaquir e Batman. Diarbaquir é capital da província homônima, sua população é quase de 1 milhão, sendo em sua maioria curda. Esta cidade é inclusive conhecida como capital do Curdistão turco.

Batman, por sua vez, é uma cidade e distrito da província homônima, da qual é capital. Faz parte da região do Sudeste da Anatólia da Turquia. Conta com aeroporto e tem uma centralidade em relação aos campos de petróleo da região. Outras cidades importantes com considerável população curda são Şırnak, Cizre e İdil, todas palcos de confrontos com a OEI.

Na Síria, se destacam as cidades de Al Qamishli, Raqqa e Aleppo. Al Qamishli têm uma população de cerca de 230 mil habitantes e é considerada a capital do Curdistão Sírio, sendo a maior parte de sua população curda.

Aleppo é a cidade síria de maior população, mais de 5 milhões, é uma cidade com infraestrutura completa e diversificada. Desde a guerra civil, no entanto, tem sido palco de violentos conflitos e sua população tem diminuído sistematicamente. Raqqa, outra cidade importante, foi primeiramente dominada pela oposição síria, mas desde 2014 se encontra nas mãos do Estado Islâmico.

As relações têm sido amargas desde o nascimento de ambas as nações após a Primeira Guerra Mundial, quando um desentendimento territorial sobre a província turca de Hatay foi o primeiro ponto de conflito. Na época, Ancara reivindicou a área no âmbito do Pacto Nacional Turco de 1920, mas Hatay permaneceu como parte do protetorado Francês da Síria até 1938. Após isso, o parlamento autônomo da província decidiu se juntar à Turquia em 1939, mas a proposta foi recusada pela Síria, enfraquecendo a

42 VÁZQUEZ, Jordi. et al., 2016, p. 94.

relação.

A partilha de água causou outro problema de longa duração quando foram construídas as barragens nos rios Eufrates e Orontes, limitando o fluxo através da fronteira da Turquia. No entanto, o maior desentendimento entre os Estados ocorreu quando al-Assad pai forneceu bases e apoio ao PKK no final do século passado.

Diante disto, a Turquia decidiu agir contra a Síria para cortar o apoio ao PKK. Em 1998, ameaçou de atacar militarmente Damasco caso o refúgio aos militantes do partido e sua liderança, Abdullah Öcalan, continuassem. Na ocasião, os dois países assinaram o Protocolo de Adana e as hostilidades terminaram.

Nos dez anos seguintes, os dois países foram aliados firmes e Ancara até mesmo ajudou o regime de Assad a escapar do isolamento internacional, após o assassinato do primeiro-ministro libanês Rafik Hariri. A Síria tornou-se uma peça-chave para a resolução de problemas políticos da Turquia com seus vizinhos e a sua abertura para o Mundo Árabe. Desde os acontecimentos da Primeira Árabe, a qual se desdobrou em guerra civil na Síria, a relação entre os países voltou a se deteriorar, principalmente em relação ao apoio que Ancara tem dado à oposição ao Assad.

Atualmente, os movimentos da Turquia tem demonstrado que ela deseja derrubar o governo da Síria. A Turquia, que controla a fronteira, permitiu em diversos momentos a passagem de jihadistas em seu território em direção à Síria.

Além disso, Ancara participou diretamente da invasão de Latakia, na costa Síria, com os rebeldes atravessando alguns quilômetros na Turquia para surpreender os soldados sírios na retaguarda. Esta operação, no entanto, deu errado e o governo sírio reconquistou o território, impondo perdas aos rebeldes e fazendo com que os turcos se retirassem.

A política da família Assad em relação aos curdos têm sido ambivalente: eles apoiaram estrategicamente durante alguns anos o PKK permitindo a instalação de algumas bases na Síria, mas a principal posição tem sido de hostilidade. A existência dos curdos e de qualquer outra minoria são negadas sob afirmação de que todos os sírios são árabes, além disso, proibição de se falar em sua língua ou de dar nomes curdos aos filhos foram aplicadas.

A Síria é o único aliado verdadeiro do Irã no Oriente Médio. Desde 1979, o regime baathista sírio e a teocracia xiita iraniana têm fortemente apoiado um ao outro. A queda de

Assad seria um sério golpe estratégico para o Irã e poderia resultar no crescimento da influência da Turquia.

Na fronteira da Turquia com o Iraque e nas cidades em seu entorno há uma grande concentração da população curda. Também próxima do Irã e da Síria, nessa região montanhosa, os principais conflitos ocorrem devido à presença de militantes do PKK no norte do Iraque.

Com uma extensão de 352 km na fronteira entre os dois países, as relações entre Iraque e Turquia tem sido de colaboração. Desde 2011, o Iraque se tornou o segundo maior parceiro comercial da Turquia. Além do comércio, empresas turcas têm participado de contratos de construção e investimentos no setor energético iraquiano.

Por outro lado, os problemas decorrentes das guerras, embargos e conflitos internos no Iraque têm afetado mais a Turquia do que qualquer outro país na região. Desta forma, a Turquia tem priorizado em sua política externa a restauração da estabilidade no Iraque, o qual é um microcosmo do Oriente Médio.

Na Turquia, as principais cidades são Diarbaquir e Van, ambas apresentadas acima. Ao lado iraquiano, destaca-se principalmente Mossul, a terceira maior cidade do país, depois apenas de Bagdá e de Baçorá. Por sua maioria curda, também destacam-se Arbil e Kurkuk.

Mossul está localizada a cerca de 400 km a noroeste de Bagdá. Essa cidade é a antiga Nínive, citada na bíblia. A cidade original fica na margem oeste do rio Tigre, oposta à antiga cidade assíria de Naīnuwa, na margem oriental, mas o crescimento de ambas cidades têm acarretado um processo de conurbação a ponto de abranger áreas significativas em ambas as margens, com cinco pontes ligando os dois lados, dentro de um processo maior de metropolização. A maior parte de sua população é árabe, com os assírios, armênios, turcomanos e curdos. Esta cidade esteve sob o domínio do grupo terrorista autointitulado Estado Islâmico, que a ocupou em junho de 2014 e a declarou sua capital em solo iraquiano. Em meados de outubro de 2016, o governo iraquiano, apoiado pelos curdos e por uma coalizão internacional, lançou uma grande ofensiva militar para retomar o controle de Mossul e das regiões vizinhas, conseguindo finalmente reconquistá-la entre julho e agosto de 2017.

Arbil, por sua vez, é a quarta maior cidade do Iraque. Está localizada 80 km a leste de Mossul, e é a capital da região do Curdistão iraquiano. A vida urbana na cidade de Arbil

iniciou-se em 6.000 a.c., de modo que ela seja uma das mais antigas cidades continuamente habitadas do mundo. Os hurritas foram os primeiros a se estabelecer e expandir seus domínios ao restante do norte da Mesopotâmia. Após, a cidade esteve sob o domínio de muitas potências regionais, incluindo assírios, babilônios, persas, gregos, árabes e otomanos.

No coração da cidade está a antiga Cidadela de Arbil, e o museu arqueológico da cidade abriga uma grande coleção de artefatos pré-islâmicos, sendo um centro para projetos arqueológicos na área.

Kirkuk é uma cidade do Iraque, localizada no nordeste do país, sendo capital da província de mesmo nome. Atualmente, a cidade têm uma população de cerca de 230 mil habitantes e é considerada a capital do Curdistão sírio. Antes dos conflitos e guerras que assolaram o Iraque, no entanto, a cidade chegou a cerca de 650.000 habitantes.

Nos anos 1970, o antigo regime de Saddam Hussein mudou o nome da província de Kirkuk para Taamim, em um processo de arabização da região, no qual as fronteiras administrativas também foram alteradas, visando-se o aumento da população árabe. Este nome permaneceu oficial na província até 2017, embora a maior parte da população local seja curda. De origem remota, a cidade é principalmente habitada por curdos, que somam quase a metade da população, árabes (28%) e turcomanos (21%).

Quando o Estado Islâmico avançou para as cidades do norte do Iraque, em 2014, o Estado abandonou as cidades menos centrais e importantes do ponto de vista econômico e administrativo, entre estas cidades estava Kirkut, mesmo com seu enorme contingente populacional. Desde então, o Exército curdo, conhecido como Peshmergas, se encarrega da segurança de Kirkuk. Além disso, a Constituição do Iraque de 2005 estabelece que deve ser realizado um referendo na província para decidir se seus habitantes querem que esta faça parte do Curdistão iraquiano, o qual está em processo atualmente.

Na fronteira entre Síria e Iraque, os principais conflitos têm envolvido o autoproclamado Estado Islâmico e seu califado decretado nas planícies mesopotâmicas, localizadas justamente a oeste do Iraque e leste da Síria, região fronteira destes países.

Os países são vizinhos na histórica e conturbada região do Oriente Médio, com uma extensão de 605 km na fronteira entre ambos. A população do Iraque é de maioria xiita, enquanto que a população da Síria é de maioria sunita. Em 1982, a Síria rompeu relações diplomáticas com o Iraque, após Hafez al-Assad acusar os iraquianos de incitarem revoltas protagonizadas pela Irmandade Muçulmana no país. Além disso, os

sírios foram a única nação árabe a apoiar os iranianos na Guerra Irã-Iraque (1980-1988). Estas relações só foram restabelecidas em 2006, período em que o Iraque já se encontrava imerso em uma Guerra Civil, decorrente da ocupação anglo-americana e subida dos xiitas ao poder.

Com esse histórico conturbado, ocorreu que a região fronteira não se desenvolveu muito nos últimos anos, e, pelo contrário, tem sido uma área de perda populacional. No lado Sírio, destaca-se a cidade de Hasakah, capital da província de Al-Hasakah, no nordeste do país. Com uma população de 188 mil residentes em 2004, Al-Hasakah está entre as 10 maiores cidades da Síria e é a maior da província. É também o centro administrativo do subdistrito de mesmo nome, composto por 108 localidades, com uma população total de 250 mil pessoas em 2004. A população é sobretudo de curdos e árabes, como também uma significativa minoria de assírios e um pequeno número de armênios.

Do lado Iraquiano, destaca-se Sinjar, cidade do distrito homônimo, na província de Ninawa. Localizado no norte do Iraque, perto das Montanhas Sinjar, próximo a fronteira com Rojava, o Curdistão sírio. Sua população em 2013 era estimada em 88.023 pessoas. A cidade é habitada principalmente por yazidis – comunidade étnico-religiosa de minoria curda cujos membros praticam uma antiga religião sincrética, o iazidismo –, além de minorias de árabes e assírios. A cidade era uma famosa diocese da Igreja Assíria do Oriente no século VIII. Justamente por isso, tem sido alvo de ataques de jihadistas desde 2007. Neste ano, várias explosões desencadeada pela al-Qaeda no Iraque mataram centenas de yazidis em Sinjar.

Em agosto de 2014, o cerco do Monte Sinjar foi travada entre os militantes sunitas do autoproclamado Estado Islâmico e os soldados curdos, os peshmergas. A derrota dos peshmergas levou a um êxodo em massa dos moradores, especialmente os da comunidade yazidi, considerados pelo Estado Islâmico como “adoradores do diabo”. Após diversas batalhas e tentativas, em meados de novembro de 2015, as tropas curdas da Peshmerga retomaram a cidade e expulsaram os militantes do Estado Islâmico da região. Foi mais um caso do abandono pelo Estado iraquiano das cidades menos centrais no momento de ataques do Estado Islâmico.

Estas duas últimas cidades também ficam próximas à fronteira norte com o Irã. As relações entre Irã e Iraque são conturbadas. Desde a Antiguidade, estas relações foram marcadas diversas vezes por épocas conflituosas.

A região onde atualmente é o Iraque chegou a fazer parte dos impérios iranianos,

inclusive os dois países compartilham uma antiga herança cultural e religiosa. As modernas relações bilaterais entre ambos foram afetadas por conflitos de fronteiras, disputas de petróleo – recurso que se concentra mais ao sul da fronteira –, questões étnicas entre árabes e iranianos, tensões entre sunitas e xiitas e a Guerra Irã-Iraque (1980-1988), que custou a vida de milhões de pessoas. Embora o Iraque tenha se tornado uma nação árabe, a maioria de sua população seguia o ramo xiita do islamismo, que também era seguido pela maioria da população do Irã.

Desde a invasão anglo-norte-americana, os líderes de maioria xiita governam o Iraque, o qual junto com o Irã e o Paquistão são os únicos países de maioria xiita do mundo, a qual representa uma minoria dentro do islamismo global. As atuais lideranças no Iraque dividem lealdade entre os EUA e o Irã, conforme os ventos sopram. As denúncias de corrupção e os assassinatos têm sido frequentes, e desde a queda de Saddam Hussein, o país tem mergulhado em uma dura guerra civil.

A partir de 2011, o Iraque também vem enfrentando sérias crises de segurança interna, com ascensão de grupos terroristas como a al Qaeda e a Organização do Estado Islâmico (OEI). O Irã, temendo a desestabilização do vizinho – que havia se tornado um importante aliado nos últimos anos, após os xiitas assumirem o poder –, se tornou o primeiro país a enviar tropas terrestres ao Iraque para lutar com eles contra os extremistas da OEI. Além disso, equipamentos e armas também foram enviados. O Irã tem usado da desestabilização do país vizinho para aumentar sua zona de influência na região. Atualmente, o governo iraniano segue como um dos principais aliados de Bagdá, algo impensável há vinte anos, quando os países estavam se digladiando em um sangrento conflito.

Atualmente, o Irã possui uma embaixada em Bagdá e três consulados gerais em As-Sulaymaniyah, Arbil e Karbala. O Iraque possui uma embaixada em Teerã e três consulados gerais em Kermanshah, Ahvaz e Mashhad. Do lado Iraniano, destacam-se na fronteira as cidades de Kermanshah e Ahvaz.

Kermanshah é a capital da província de Kermanshah, no Irã. Localiza-se no oeste do país, na fronteira com o Iraque. Sua população era estimada em 822 mil habitantes em 2005, majoritariamente curdos. A cidade foi fundada pelos sassânidas no século IV. O idioma mais falado é o curdo, e a maior parte da população segue o xiismo dentro do islamismo. Nessa região montanhosa de clima moderado, localiza-se o cinturão agrícola ocidental do Irã, com produção de grãos, arroz, vegetais, frutas e sementes. Kermanshah

também é uma cidade industrial emergente, contando com centros industriais e centenas de manufaturas, geralmente nos setores de petroquímica, refinaria, têxtil, processamento de alimentos, fabricação de tapetes, entre outros.

Ali também se localiza a Kermanshah Oil Refining Company, criada em 1932 por companhias britânicas, sendo a maior indústria na cidade. Após a aproximação com o Iraque, a cidade se tornou um dos principais centros de importação e exportação entre os países. Ela ainda conta com uma infraestrutura avançada, com centros hospitalares, universidades e aeroporto.

Ahvaz, por sua vez, é a capital e a maior cidade da província do Cuzistão. Localiza-se no sudoeste, nas margens do rio Karun, único rio navegável do país. Tem cerca de 683 mil habitantes. É uma cidade muito antiga, mas o seu desenvolvimento é recente e se deve à descoberta de petróleo no início do século XX. É uma das cidades mais quentes do mundo, alcançando regularmente temperaturas superiores a 45°C, chegando por vezes a 50°C no verão. No inverno a temperatura pode descer a 5°C, embora nunca neve. O clima é desértico e as chuvas, raras.

Por fim, a Síria e o Irã, embora não compartilhem fronteiras terrestres propriamente ditas, tem uma relação que exerce forte influência nos países da região, de modo que se faz necessário levantar alguns pontos sobre seu histórico.

Os dois países mantêm laços estreitos desde a Revolução Iraniana. Na guerra Irã-Iraque, em contraste com quase os demais países árabes, a Síria apoiou o Irã. Em 1982, as duas nações negociaram um acordo permitindo que a Síria recebesse remessas de petróleo iraniano subsidiado e, em troca, deveria fechar o oleoduto petrolífero iraquiano através do seu território. Com a ausência de uma ameaça iraquiana desde 2003, as relações entre Teerã e Damasco se aprofundaram, sustentadas por seu apoio compartilhado a organizações como o Hezbollah e o Hamas, assim como a sua inimizade com Israel.

Em sua discussão sobre as fronteiras, Raffestin revelou como estas tem sua funcionalização ou desfuncionalizam motivadas por modificações socioeconômicas ou sociopolíticas, afetando o território e o tempo social. As fronteiras têm implicação direta nas redes do poder e afetam e são afetadas pela circulação e comunicação dos atores envolvidos. Como coloca o geógrafo, a circulação e a comunicação fazem parte das estratégias dos atores para dominar as superfícies e os pontos terrestres.

Em todo transporte existe circulação – de seres, de bens – e comunicação – de informação. Homens e bens também são portadores de informação, de modo que ambas ações estão ligadas, embora sejam diferentes. A circulação é o significante; a comunicação, o significado⁴³.

Já nos anos 1980, Raffestin demonstrava como a tecnologia moderna havia desassociado as redes de comunicação e informação, as quais eram as mesmas até o período contemporâneo. Tal fenômeno, também conhecido como revolução técnico-científica-informacional, aboliu as distâncias em termos de comunicação. Ao mesmo tempo, essa discordância entre distância e tempo na comunicação e na circulação criou problemas: a vantagem da informação instantânea e a desvantagem caso seja necessário enviar um ser ou bem de um ponto a outro do espaço, pois o ideal do poder é agir em tempo real.

As redes são representações de caminhos que ligam pontos: diagrama formado por uma instante, pluralidade de pontos, pluralidade de ramificações. Redes modelam o quadro espaço-temporal e são inseparáveis dos modos de produção: enquanto são traçados, enquanto são construídos e enquanto são utilizados/consumidos. Dependem dos meios à disposição e dos códigos técnicos.

Essas redes de circulação são redes geográficas, contendo seus índices de centralidade e periferismo, haja vista que a rede é móvel no quadro espaço-temporal, ou seja, depende dos atores que geram e controlam os pontos em relação aos fluxos. A decifração das redes se dá por meio da história, do território e por meio dos modos de produção, segundo Raffestin. Novamente, isto deve ser compreendido dentro da perspectiva que o espaço não é dado, é construído. Controlar as redes é controlar os homens.

A circulação tem sido um ponto de conflito dos curdos com os Estados no qual seu território encontra-se dividido. Enquanto os curdos, principalmente aqueles que vivem nas regiões mais fronteiriças, têm uma rede de circulação e comunicação com os outros curdos que não obedece a acordos internacionais e externos, impostos por Estados que eles não reconhecem, esses Estados têm lidado de maneira truculenta com a população curda que precisa atravessar a fronteira ou para visitar um parente próximo, ou simplesmente ordenhar seu rebanho.

Foi o caso do massacre que ocorreu em 28 de dezembro de 2011, no qual 34 curdos, muitos deles adolescentes, foram massacrados na região de fronteira com a Síria

43 RAFFESTIN, 1993, p. 200 – 222.

por militares turcos. Na época, foram mortos por bombardeamento de dois aviões militares F16 no momento que atravessavam as montanhas para buscar açúcar e combustível com parentes do Curdistão do sul.

Como revela o relatório da organização Corporate Watch (2016), a equipe de jornalistas ficou espantada com o grau de militarismo que se encontrava na região quando a visitou em 2015. Em entrevista com os moradores, o relatório revela que no momento do bombardeamento, quando as pessoas dos vilarejos foram questionar o motivo, os militares disseram que estavam “apenas tentando assustar os curdos”⁴⁴. Ainda, os militares não permitiram que a ambulância socorresse os feridos, impossibilitante que mais vidas fossem salvas.

Servet Encu, um dos poucos sobreviventes do massacre, perdeu 11 parentes; a sua esposa, 9. Entretanto, a maior parte dos outros sobreviventes foram comprados pelo governo turco, alguns se tornando guardas de vila. Para combater o PKK, o governo turco usa desta estratégia, que consiste em empregar curdos como guardas de vila. Estas pessoas têm na realidade como função delatar curdos envolvidos em movimentos de contestação. Servet conta que também recebeu a oferta, mas a recusou. Hoje tem reivindicado justiça. Eventualmente, denuncia, tem sofrido ataques desde então.

Mais tarde, tal ataque foi justificado sob acusação dos curdos fazerem parte do PKK. O povoado, entretanto, afirma que apenas estavam tentando sobreviver fazendo comércio transfronteiriço, como suas famílias já fazem há gerações.

A organização ainda responsabiliza os EUA, pois o ataque foi realizado após os EUA terem reportado a presença de curdos na região, detectados por drone. Além disso, o modelo de avião é desenvolvido pela companhia estadunidense Lockheed Martin⁴⁵.

A comunicação desses atores, por sua vez, pode ser analisada sobre o ponto de vista dos Estados nos quais o território curdo se encontra aprisionado. Não atoa, em todos esses Estados, pelo menos durante algum período, foram aplicadas leis que proibiram que os curdos se expressassem em sua língua nativa. A disseminação de uma língua só facilita na expansão e o controle do território, no domínio da periferia pelo centro, e tem sido uma das estratégias para manutenção do exercício do poder.

Os curdos, por sua vez, demonstram resistência, recuperando o direito a se expressar em sua língua nos Estados em que conseguiram garantir maior autonomia, como o Irã, ou nas áreas libertadas pelos curdos envolvidos com o projeto do

44 CORPORATE WATCH, 2016, p. 118.

45 Em: <<https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702303877604577380480677575646>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

confederalismo democrático. Nestas regiões, inclusive, os curdos têm desenvolvido meios de comunicação próprios, como uma cadeia de televisão vinculada aos conselhos populares e diversos jornais descentralizados. Eles entendem que as mídias devem servir para informar e educar a população.

Raffestin, por sua vez, entendeu esses meios de comunicação como instrumentos do poder, o que vai de encontro com a perspectiva curda: educar, informar, também são formas de exercer o poder, inclusive de modo menos centralizado. Para o geógrafo, toda sociedade e todo indivíduo estão envolvidos em uma rede de comunicação. Toda rede obedece a uma estrutura formal, são instrumentos de poder. As redes informacionais de massa são instrumentos de poder importantes para passar para uma coletividade o que ela deve ou não fazer.

Neste capítulo, procurou-se apresentar melhor o território curdo e o espaço no qual os atuais conflitos têm se desenvolvido. Seguindo a metodologia de Raffestin, no próximo capítulo serão analisados os recursos que os curdos têm usado para alcançar seu objetivo: a autonomia de seu território.

Capítulo 3. Recursos como armas políticas: as estratégias dos curdos

Para Raffestin, as noções de matéria, recurso e tecnicismo, dentro da problemática relacional, têm paralelos com os conceitos de espaço, território e territorialidade. Sendo assim, a matéria é compreendida como um “dado”, algo preexistente, encontrado na superfície, de modo que o espaço é seu equivalente. A matéria não é uma consequência da prática, mas é oferecida à prática, abrindo um campo de possibilidades que pode se realizar por meio do objetivo relacional⁴⁶.

A valorização da matéria depende, portanto, das relações que esta desempenha com os homens. É o homem, por seu trabalho, que inventa as propriedades da matéria: as propriedades não são dadas, mas inventadas. Novas relações implicam em novas possibilidades e propriedades para matéria. É uma prática que não é estável, mas evolui no espaço e no tempo, de modo que o homem não esgota nenhuma realidade material.

Pode-se medir o poder sobre a matéria pela quantidade de propriedades e de utilidades que ela recebe. A matéria, no entanto, por si só não é um recurso, pois ela precisa passar por um processo de produção complexo. O recurso possui um caráter relacional (termo que Raffestin prefere usar em vez de função) e ele muda a partir dos fins e dos objetivos.

Toda relação com a matéria é uma relação de poder circunscrita pelo modo de produção. Assim, o recurso surge como produto de uma relação. Em outras palavras, não existem recursos naturais e sim matérias naturais. É a concepção histórica da relação com a matéria que cria a natureza sociopolítica e socioeconômica dos recursos: sem intervenção, uma matéria continua aquilo que é.

A tecnicidade, por sua vez, se caracteriza como um conjunto de relações que o homem, enquanto parte de um grupo, mantém com as matérias com as quais têm acesso: é o apêndice da territorialidade. Assim, tecnicidade e territorialidade podem ser simétricas, ou seja, não destrutivas ao meio material, e também dissimétricas, destrutivas ao meio material.

As práticas hegemônicas da sociedade moderna são dissimétricas, quer dizer, ou mudamos essas práticas, ou faltarão matérias no futuro. Quanto mais complexa a tecnicidade, mais frágil. A tecnicidade revela o campo das relações de poder tanto por parte do ator com a matéria, quanto dos atores entre si. A relação com a matéria é também com espaço e com o tempo.

46 RAFFESTIN, 1993, p. 223 – 236.

Sobre os recursos, existe uma característica fundamental para compreender as relações de poder que os subscrevem: ser renovável ou não. No geral, todos os recursos renováveis dependem de alguma forma da fotossíntese. Deste modo, é preciso ter visão sistemática e entender que a ruptura na cadeia energética de qualquer elemento biótico ou abiótico pode comprometer o conjunto. Como seres autotróficos, sem vida vegetal não existe vida animal.

Como coloca o geógrafo, a limitação dos recursos pode ser expressa pela lei de decrescimento de rendimento na agricultura, embora esta precise ser revista do ponto de vista energético. No geral, a questão chave é compreender o paradoxo entre o rendimento econômico e o rendimento energético. Isto traz a necessidade de uma rigorosa administração para bens essenciais como o solo e a água para que os ecossistemas agrícolas funcionem bem.

O solo é um recurso renovável, ou seja, por estar constantemente sendo produzido, sua quantidade é ilimitada. Mas a pressão sobre seu uso pode acarretar problemas: o solo se renova dentro de um espaço-tempo bem diferente daquele das necessidades do atual modo de produção. O aumento da erosão e da poluição dos solos a nível mundial já pode ser visto como uma consequência da ausência dessa regulação. Assim, o solo cultivável é o primeiro recurso renovável a ser preservado.

Entretanto, a relação com a terra quase sempre é dissimétrica porque dentro da atual sociedade ela é sustentada por uma relação de propriedade. As relações de produção e propriedade se constituem em relações de poder, e a questão da dissimetria se encontra no centro de todas reformas agrárias, embora até hoje não se tenha resolvido essa questão. A terra sempre foi um trunfo mais ou menos disputado conforme lugar e momento, as lutas dos camponeses através dos últimos séculos servem como testemunho deste fato.

A água é um outro recurso renovável fundamental. Antes, a gestão da água só era endêmica em algumas regiões de fraca precipitação e temperatura média elevada, mas hoje, por conta do aumento da densidade demográfica e do consumo, todos os países se confrontam com problemas relacionados à água.

Também motivada por relações de poder e de conflitos, a água é trunfo tão valioso quanto a vida que ela cria. O controle e posse da água tem natureza política, pois é um fator de interesse do conjunto de uma coletividade. Por fim, solo e água estão integrados em técnicas que evoluem constantemente.

Se mesmo os recursos renováveis precisam de uma administração rigorosa, o que

dizer dos recursos não-renováveis. Esses recursos são matérias, portanto objetos de apropriação técnica, armazenadas no solo ou subsolo ao decorrer da história da terra. Assim, carvão, petróleo e gás natural; jazidas de cobre, ferro e chumbo, entre outros, não são renováveis na escala da história humana, o que quer dizer que eles têm diminuído drasticamente pelo ritmo de sua exploração.

Neste caso, a regulação pode ser no máximo normativa: usar pouco ou não usar. Trata-se de uma escolha social. Desta forma, esses recursos são trunfos particularmente importantes. Trazem consigo um problema socioeconômico: os países mais avançados tecnicamente, e conseqüentemente os mais consumidores, terão que mudar a fonte de suas tecnologias.

Desta forma, surge a problemática em torno da mobilização desses recursos. Toda mobilização de recursos supõem uma certa quantidade de energia e de informação, de modo a preparar um plano, inventário ou programa para sua exploração potencial. A decisão de explorar se prende a redes econômicas e políticas, e é sempre relativa a este contexto. Trata-se de uma estratégia técnico-política que envolve todo um conjunto de atores sintagmáticos. Neste panorama, os principais comportamentos são o exploracionismo, preservacionismo ou conservacionismo.

O exploracionismo exprime o interesse em produzir o máximo possível. É a lógica da economia clássica, a qual consiste em privilegiar um bem presente em detrimento de um bem futuro. Este comportamento não privilegia informação reguladora, e portanto não privilegia uma visão a longo prazo. Sua problemática se acentua diante da dissimetria histórica na distribuição desses recursos pelo globo. Os exploracionistas seguem a lógica econômica clássica que se encarrega de privilegiar um mesmo bem no presente em detrimento desse bem no futuro. Como, nesse caso, o futuro não conta, os recursos podem e devem ser esgotados, não levando em consideração o meio físico e o ser humano.

O preservacionismo, por sua vez, pressupõe uma estagnação. Aqui é a informação reguladora que domina. Entretanto, não trata-se de uma política ecológica, mas deriva, na realidade, da vontade de conservar certa ordem política e social. Ao impor uma forte política preservacionista, países industrializados condenam os países mais pobres ao atual estado das coisas.

O conservacionismo é o comportamento intermediário. Tende para relações simétricas e gestão a longo prazo, cujo foco é tanto otimização desses recursos no presente e no futuro, quanto na perspectiva das necessidades de uma coletividade.

Na maior parte dos casos o ator político responsável por essa regulação é o Estado, supostamente representante da população e escolhido para manusear os recursos, embora esta visão seja um tanto idealista. Na realidade, na maioria dos países os recursos estão nas mãos da iniciativa privada, e nos lugares em que os recursos estão nas mãos do Estado essa situação de apropriação privada por uma minoria não é muito diferente. Assim, o problema reside em outra parte: no desequilíbrio entre informação funcional, ou seja, “aquela que interessa a todas as técnicas de valorização, em qualquer nível”⁴⁷, e a informação reguladora dos preços, de modo que a segunda é sempre usada em detrimento da evolução do primeiro.

A forma como Raffestin classifica as diferentes formas de mobilização dos recursos é oportuna para interpretar as diferentes estratégias dos atores que dissimulam as verdadeiras formas de apropriação e mobilização das matérias e dos respectivos recursos por meio de ideologias. Assim, enquanto exploracionistas fazem uso das informações funcionais e se regulam pelo mercado ou pela planificação, só levando em conta a maximização da produção e desconsiderando o ritmo dos esgotamentos; os preservacionistas são regulados pela informação reguladora dos preços, portanto primam pela estagnação da mobilização das matérias e recursos. Entretanto, para estes, segundo Raffestin:

[...] o meio é pouco tocado e os atores renunciam a um ganho elevado imediato [...]. As razões não se devem unicamente à preservação de um recurso, mas também à vontade de evitar a desordem nas estruturas econômicas nacionais, que não estariam em condições de absorver e de utilizar enormes ganhos sem sobressaltos. Pode-se, por outro lado, imaginar que os preservacionistas potencializam momentaneamente, para atualizar com mais benefícios ainda no futuro. Seria um erro pensar que essa estratégia é ecológica.⁴⁸

Essa distinção na forma de mobilizar os recursos será bastante útil para compreender as dinâmicas e conflitos envolvendo os curdos no Oriente Médio. Raffestin faz um esquema bastante didático para demonstrar as consequências no entendimento do complexo relacional ao se fazer a distinção entre matéria e recurso. Assim, podemos posicionar atores em diferentes situações diante dos recursos:

47 Ibidem, p. 235.

48 Ibidem, p. 235 – 236.

A (ator sem controle das técnicas nem das matérias);

Ar (ator com controle das técnicas);

Am (ator controle da matéria);

Arm (ator com controle do recurso e da matéria).

Deste modo, um recurso (P) só será liberado quando $ARM > P$. Essas diferentes situações (A, Am, Ar, ARM) não são homogêneas, nem qualitativamente, nem quantitativamente. Representam, na realidade, três tipos de transferências: de tecnologias, de recursos e de produtos acabados ou semiacabados.

Haja vista que todos os atores estão necessariamente territorializados – a matéria, renovável ou não, está ligada a um território – e cada um lida com suas tessituras, nós e redes. Chegamos na seguinte hierarquia: $ARM > AR$, $AM > A$.

Desta forma, os atores que têm M ou R devem maximizar o tempo e o espaço em suas respectivas estratégias, enquanto ARM controla o mercado. A maior parte dessas estratégias são, pelos menos, oligopolistas.

Como consequência, surge o problema da degradação dos termos de troca, característico de países produtores de matéria-prima. Isto ocorre, em suma, pois quem controla R tem situação mais confortável do que quem controla M. Ainda que R também precise levar em conta técnicas de distribuição e comercialização.

Isto ocorre, pois até a 2ª Guerra Mundial a busca dos países era para ser um ator ARM, mas isto mudou com a entrada dos novos países produtores de matéria-prima no terceiro mundo. Assim, a nova estratégia se centrou nos atores AR, ou seja, as multinacionais e países desenvolvidos que controlam a tecnologia e as técnicas. Possuem a diversificação e complexidade da técnica, ou seja, controle sobre os recursos: $AR > AM$.

Outra consequência foi o surgimento de acordos tipo OPEP, nos quais os atores procuram recuperar suas matérias-primas para fazer frente a AR. No entanto, essa estratégia dificilmente dá certo, seja por dificuldades de distância, diversidade cultural, entre outros, o que leva ao papel preponderante de AR.

O cenário atual demonstra que se está bem longe do estágio de cooperação ideal, a qual seria uma relação que tenderia a simetria. Alguns países, como Japão, conseguiram superar essa situação de desvantagem através da transferência de tecnologia, o que levou cerca de 100 anos. Quer dizer, o atual estágio das relações de produção dificilmente facilitaria a reprodução dessa estratégia. Além disso, a maior parte da tecnologia está patenteada nas mãos das multinacionais, as quais centralizam a

produção de conhecimento – circulação interna e externa de informação. É essa estratégia que garante o controle real dos recursos.

Dentro do contexto das empresas, a transferência da informação geralmente se dá de forma interna, no espaço da própria empresa, em uma rede de circulação privada. A internacionalização da produção e a taxa de lucro explicam tal estratégia. Raffestin invoca a classificação de Maximo Halty⁴⁹ para os diferentes tipos de tecnologia:

- a) alienada, cedida em virtude de um acordo particular, secreta, não-livre;
- b) socializada, acessível sem restrição;
- c) encarnada, saber-fazer assimilado pelos homens.

As tecnologias podem ser usadas para definir e até mesmo para superdeterminar os territórios, assim o problema da transferência de tecnologia é de base política e ilustra a luta pela informação. Essa questão tem trazido indagações à comunidade internacional, principalmente através dos países do dito terceiro mundo, afinal de contas, nesse panorama, como os países já em desvantagem no cenário econômico internacional terão acesso às técnicas e tecnologia? A Assembleia da ONU de 1974 trouxe tal questão à tona e saiu sem respostas também, como coloca Raffestin⁵⁰.

Desta forma, surge como alternativa as tecnologias intermediárias, geralmente desenvolvidas pelas universidades e pelo Estado e de grande importância para os atores AM. A tecnologia intermediária busca criar instrumentos pouco dispendiosos e que utilizam muita mão de obra, de modo a aumentar a capacidade produtiva e diminuir o deslocamento dos indivíduos de uma comunidade até o local de trabalho. É uma estratégia que se situa entre técnicas ancestrais e sofisticadas. Neste panorama, o objetivo não é o mercado de exportação, embora ele também possa estar incluído, mas as necessidades de uma coletividade.

Técnicas criadoras de empregos e polos de desenvolvimento são uma possibilidade de desviar das relações assimétricas de poder com os atores AR dos países desenvolvidos, pois as tecnologias avançadas são devoradoras de energia, recurso que começa a sumir. Raffestin ao se indagar sobre a possibilidade de substituir as relações dissimétricas, afirma que a resposta só pode ser encontrada na perspectiva da cooperação.

49 Ibidem, p. 247.

50 Ibidem, p. 246.

Por fim, isso traz a possibilidade de se pensar os recursos como armas políticas. Como a utilidade de uma matéria, elemento básico do recurso, é determinada por uma estrutura técnico-econômica e por sucessivas conjunturas, os recursos são instrumentos do poder, variando de acordo com sua eficácia, conjuntura e estrutura.

Desde que o homem existe há conflito pelas coisas úteis. Assim, os recursos podem ser transformados em armas. As armas econômicas são as mais vantajosas: o cerco econômico a uma cidade é menos dramático do que sua destruição, por exemplo. Nessa perspectiva, o mercado surge como local de relação de troca, mas também relação de poder.

Existem diversos exemplos no mundo. Como coloca Raffestin, o trigo, por exemplo, é paradigmático devido aos maiores produtores desse recurso não serem os maiores consumidores. A dependência do trigo é seguida pela do milho. Além disso é preciso ressaltar as características desses países importadores: dependentes, geralmente pobres, com solo infértil para agricultura e/ou devastados pela guerra.

Os EUA concentram boa parte da produção de trigo, sendo o maior produto agrícola de exportação. À América Latina, no entanto, resta a dependência. Raffestin é bastante cético em relação às vantagens da dependência exterior para alimentação de base como uma boa escolha em um contexto internacional de relações dissimétricas de poder.

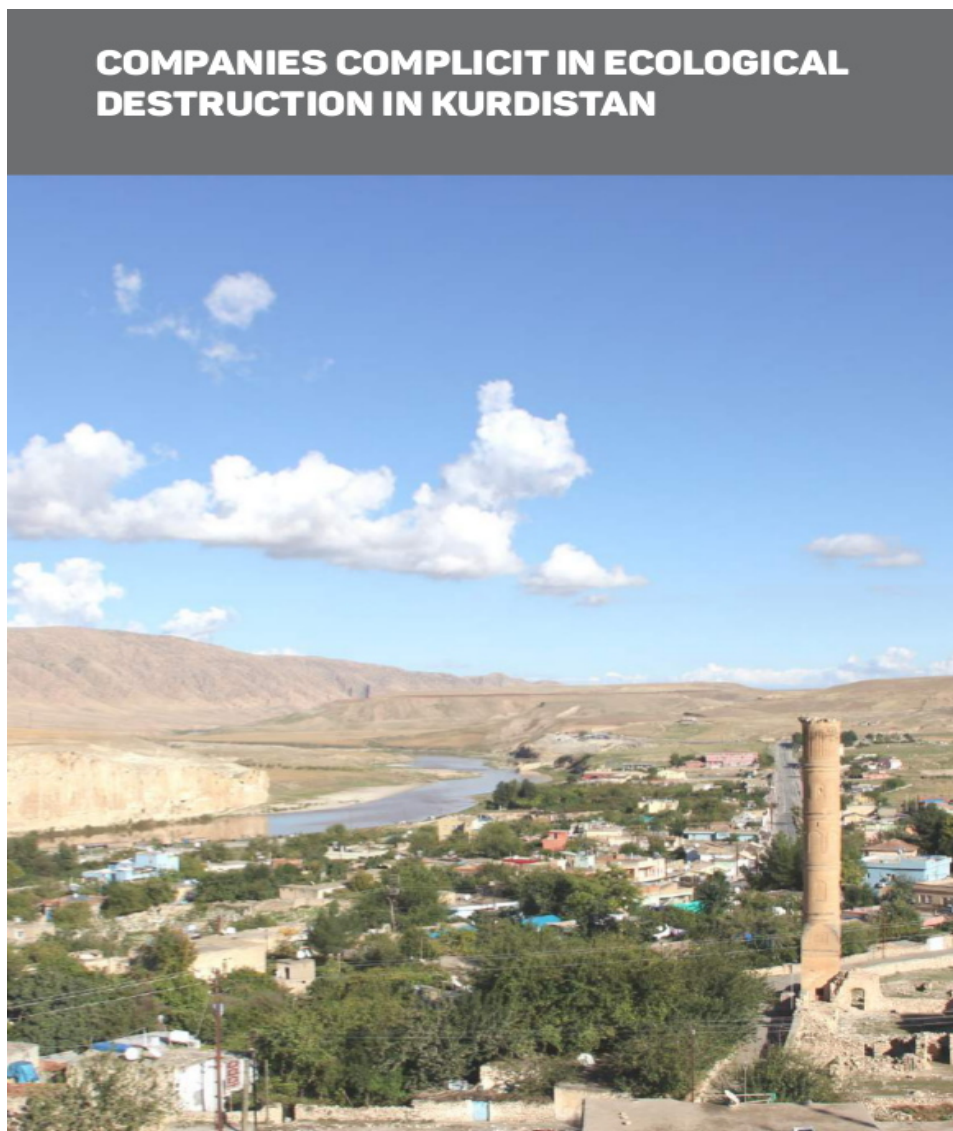
Essa mesma tensão aparecerá em relação aos combustíveis fósseis, embora a OPEP tenha redefinido a matriz energética mundial após a crise dos anos 70, de modo que pela primeira vez os atores AR se viram encurralados por uma estratégia de atores AM.

O cobre e o alumínio, representantes da maior parte dos metais não-ferrosos do mundo, se concentram no EUA. A tendência atual é de controlar a produção mundial sem possuir as minas. Essa estratégia conta com 3 eixos: diminuição dos riscos financeiros e garantia de renda em um nível suficiente; diversificação em direção ao aval; e recursos mínimos e autofinanciamento. É outro exemplo paradigmático das relações dissimétricas de poder entre AR e AM, cujo desenvolvimento depende da superação desta dinâmica.

Coincidentemente ou não, a luta do povo curdo para conservar seus recursos está no germe de sua organização e luta por autonomia. Nesta luta pelo meio ambiente, a defesa do solo e dos recursos hídricos colocou o povo curdo, um ator AM na maioria das situações, em confronto direto com atores AR como o Estado turco e multinacionais.

Como demonstra o relatório da organização Corporate Watch⁵¹, a questão ambiental tem centralidade na resolução dos problemas dos curdos, de modo que um dos principais inimigos desse povo têm sido as barragens. Aproveitando-se das fracas legislações e fiscalizações ambientais, além da fragilidade de áreas devastadas pela guerra, as quais precisam de recursos para se reconstruírem, companhias multinacionais desenvolvem diversos projetos envolvendo a construção de barragens para exploração de monoculturas, como o seguimento de papel e celulose. É o caso, por exemplo, de Andritz Group. Esta companhia austríaca, com sede em Graz, é a responsável por barragens em Ilisu, estando presente em outros países como Brasil, Peru e Laos.

Ilustração 1: Relatório da Corporate Watch sobre luta dos curdos contra barragens



Fonte: Corporate Watch, 2016.

51 CORPORATE WATCH, 2016, p. 157 – 181.

Há também a Nurol Construction and Tarde, um consórcio turco que além de barragens, também produz equipamentos bélicos como veículos de guerra e canhões d'agua. Malamira, outra empresa turca e contratada pela também turca Cengiz Insaat, foi responsável pela construção de 2 barragens em Bakur. Esta empresa faz parte da holding Cengiz, mineradora de ouro e cobre em Artvin, na região do mar negro, obra que foi parada após protestos de mais de 3000 pessoas. Cizre também recebeu barragens produzidas pela Zorlu Energy, empresa com sede em Istanbul e sob supervisão da Turkish General Directorate of State Hydraulic Works (DSI). Esses empreendimentos contam com financiamento do capital financeiro através de bancos turcos, como Halkbank, AKbank e Garanti bank.

Ilustração 2: Rio Tigres



Fonte: Corporate Watch, 2016.

Além das questões envolvendo barragens, como destruição da paisagem, perda da biodiversidade, alagamentos de vilas entre outros, os curdos também precisam lidar com a expansão das áreas de mineração.

Esta atividade tem sido realidade por empresas como Condor Blanco Mines, australiana, contratada por Meskan Olnez Madencilik para extração de minerais, chumbo e prata, na província de Sirnak.

Para Ahmet⁵², essas empresas atuam sem leis, queimam árvores, poluem rios e destroem o meio ambiente com a certeza da impunidade. Koza Ipek, holding turco atuante na área de segurança, saúde e mídia, é outra empresa que possui diversas companhias de mineração em Bakur, nas proximidades de Batman.

Como se não fosse suficiente, o fracking também tem chegado à região através de gigantescas como a Shell, anglo-holandesa, corporação na área de óleos e gás, atualmente atuando em Amed em conjunto com a estatal turca TPAO.

Entretanto, por serem um povo lutando para ter autonomia em seu território, a questão dos recursos dos curdos perpassa principalmente pela realização de seu objetivo. Ou seja, os curdos se rebelam, lutam e guerreiam justamente para poder administrar seus recursos. Isto não quer dizer, é claro, que os curdos não possuem recursos os quais administram, o que seria tão absurdo quanto dizer, dentro de nossa abordagem do complexo relacional, que os curdos não têm poder. O que ocorre é justamente que os recursos dos curdos se relacionam diretamente com seu trunfo, desta forma seus recursos podem ser entendidos como os territórios já conquistados que eles lutam para não perder, suas estratégias de luta, seus armamentos, seus saberes e produtos, enfim, tudo que diz respeito às matérias, recursos e tecnicidades invocadas como armas políticas de modo a alcançar o objetivo da coletividade.

Portanto, o terceiro e último capítulo antes da conclusão do atual estudo tem como objeto justamente os recursos, pois estes, ao cumprirem papel de instrumentos do poder, localizam-se no centro do complexo relacional. É a partir dos recursos desejados e conquistados pelos curdos que se é possível compreender os conflitos que levaram a atual configuração territorial dos curdos no Oriente Médio.

Apesar de não terem conquistado a independência e a autonomia do território reivindicado, os curdos do confederalismo democrático já têm gerido diversas áreas libertadas por eles. A essas áreas têm se dado o nome de cantões. Para compreender tal noção, é fundamental entender a região do Oriente Médio, o território curdo, as fronteiras dos países no qual este território está dividido e as centralidades ali definidas, como fizemos nos capítulos anteriores, assim como analisar a forma como a conflitualidade tem evoluído de modo a afetar o lugar dos cantões curdos nos atuais conflitos territoriais do Oriente Médio, principalmente na Mesopotâmia. Os curdos democratas, liderados por Barzani, por sua vez têm realizado um plebiscito por sua independência. Diante disto, procurar-se-á fazer uma retomada do histórico que levou os curdos confederalistas a

52 Nome fictício de guerrilheiro curdo do PKK entrevistado por Corporate Watch.

conquistarem seus atuais cantões, assim como os curdos do Iraque a convocarem seu plebiscito.

Em dezembro de 2010, na Tunísia, um jovem ambulante ateou fogo ao próprio corpo em protesto contra o confisco pela polícia das frutas e vegetais que ele vendia. Nos meses seguintes, sua autoimolação gerou uma onda de protestos e mobilizações que cresceram e se espalharam por diversos países do Oriente Médio e norte da África. Tal acontecimento levou o presidente Ben Ali a renunciar, após 23 anos no poder, ao governo de Tunes. No Egito, animada pelas manifestações em sua vizinhança, a população saiu às ruas reivindicando liberdade política e protestando contra a corrupção. Em pouco tempo, o movimento tomou conta de todo país. As imagens da Praça Tahrir, no centro do Cairo, ocupada por manifestantes tornaram-se o símbolo da mobilização que levou à queda de Hosni Mubarak. Nos dias seguintes, é em Bahrein, onde a mesma família, a dinastia de Khalifa, governa desde a década de 1780, que as revoltas tomam as ruas.

Tunísia, Egito, Bahrein, Líbia, Síria, Iêmen, Argélia, Jordânia, Iraque, entre outro mais, somam as mais de duas dezenas de países que, de alguma forma, estiveram envolvidos na onda de protestos que caracteriza a Primavera Árabe. Ocorrida no inverno do hemisfério norte, o nome do evento é uma alusão à Primavera de Praga, quando, em 1968, tentativas de reformar o regime da Tchecoslováquia, sob domínio da União Soviética, foram reprimidas por esta.

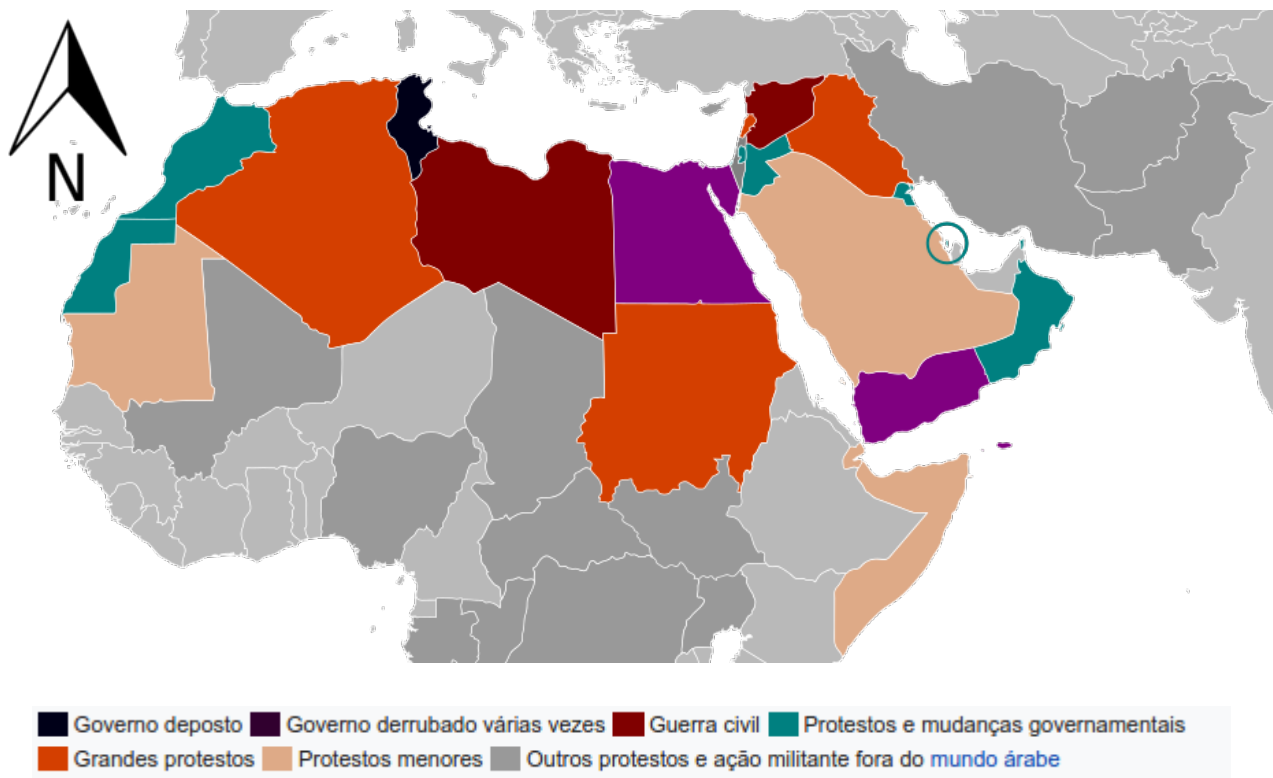
A série de movimentos que tomaram o Oriente Médio compartilham elementos unificadores ao mesmo tempo que conservam questões bastantes distintas e específicas de cada país. Comumente, motivações como as condições de vida ruins da parcela mais empobrecida da população e o desemprego, relacionados à crise de subprime de 2008 e a crise climática que assolou o norte da África no final da década passada, somaram-se à corrupção e ao autoritarismo dos regimes nascidos do nacionalismo árabe. Paralelamente, o vazamento, pela rede Wikileaks, de telegramas diplomáticos dos Estados Unidos, também impulsionaram a parcela mais politizada e instruída da população a aderirem aos protestos. Há também quem relacione com as mobilizações na Espanha e na Grécia, haja vista a importância desempenhada pelas redes sociais em todos esses acontecimentos, marcando um momento de globalização dos movimentos de contestação.⁵³

Com intensa repressão na maior parte dos países onde houve protestos, os

53 BAVA, 2011, em: <<http://diplomatie.org.br/primavera-arabe/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

acontecimentos da Primavera Árabe tiveram consequências ambíguas. Se em um primeiro momento, o movimento conseguiu derrubar regimes despóticos e líderes autoritários, na sequência, grupos extremistas religiosos, golpes militares e guerras civis tomaram conta dos países onde as reformas nos gabinetes e na legislação não foram capazes de resolver os impasses da sociedade. A estes acontecimentos, deu-se a alcunha de Inverno Árabe ou Islamita, um final pessimista para a primeira onda de protestos democráticos que tomou o mundo árabe no século XXI.

Ilustração 3: Países afetados pela Primavera Árabe e seus principais desdobramentos



Fonte: Wikipedia. Em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Arab_Spring>.

Das quatro guerras civis decorrentes das manifestações da Primavera Árabe, no caso, Iêmen, Líbia, Síria e Iraque, as duas últimas envolvem Estados onde ocorrem conflitos com o povo curdo. A reação de início dos curdos foi a de apoiar sem se envolver diretamente nos protestos que reivindicavam maior liberdade e democracia. Mas conforme os conflitos evoluíram e novos personagens foram se integrando, os curdos passaram a olhar com desconfiança para o processo. Na maior parte dos casos, o problema residia no fato dos manifestantes terem uma visão a respeito dos curdos não muito distante – na verdade, até mesmo compartilhada – com os Estados que oprimem os

curdos.

Síria e Iraque são exemplos paradigmáticos dos desastres que a Primavera Árabe se tornaram para alguns países. Se nos países da primeira onda, o Egito e a Tunísia, os manifestantes tiveram forças para derrubar os governos, o mesmo não ocorreu na Síria e no Iraque, onde os governos resistiram. Isto decorre de particulares reservadas aos governos de Damasco e Bagdá. Em primeiro lugar, a existência de eleições e de um governo secular, ainda que autoritário, revestem da legitimação que falta a regimes abertamente ditatoriais, o governo baa'athista de Assad. Além disso, a fracassada invasão anglicana e estadunidense do Iraque, somada ao fato da Síria estar na mira dos interesses ocidentais desde 2001, quando Bush a elencou, ao lado do Irã e da Coreia do Norte, no grupo de Estados terroristas (rogue states) e sugeriu uma operação no país, levantou, por vários lados, grandes suspeitas dos interesses imperialistas para a derrubada de Assad, os quais, reais ou não, estavam emersos em uma conjuntura que alimentava e facilitava essas suspeitas, servindo como trunfo para os discursos nacionalistas do governo de Assad.

Os partidários da tese de que interesses imperialistas manipularam e se sobressaíram aos interesses populares das manifestações sírias, deram ao conflito o título de Revolução Colorida, comumente designada para protestos acusados de serem manipulados pelos Estados Unidos e demais potências ocidentais, de modo a provocar mudanças de poder para uma oposição favorável a interesses ocidentais. A derrubada de governos na Ucrânia e em países da Ásia Central, antigos aliados da União Soviética, reacenderam o clima geopolítico de guerra fria na região e contribuíram para esses discursos.

A oposição que se levantou contra Assad, por sua vez, sustenta lutar para instaurar uma nova liderança mais democrática no país. É preciso dizer que, no entanto, o conflito que se iniciou em 2011 e dura até os dias de hoje, desde então mais se afastou do que se aproximou desta possibilidade.

No Iraque, as feridas e traumas da última guerra civil que assolou o país se mostraram um elemento dificultador para qualquer mudança no regime, ainda que muitos dos problemas que levaram à queda de Saddam Hussein sejam compartilhados por seu sucessor, Al-Maliki. O sectarismo entre xiitas e sunitas favoreceu a entrada da Organização do Estado Islâmico no país, tornando a população vulnerável e jogando os problemas envolvendo o governo para segundo plano.

A conflito histórico do povo curdo no Oriente Médio o levou a se dividir em dois blocos distintos, como já foi visto, o que demanda analisar em separado os recursos de cada grupo.

3.1. Curdos Iraquianos – O plebiscito de Barzani em Bashur

Em Bashur, o Curdistão iraquiano, os curdos são liderados pela família Barzani e seu partido, o PDK. A crise que assolou o país, culminando com a entrada do Estado Islâmico e autoproclamação do califado, ao mesmo tempo abriu a possibilidade para que essa região, que vive uma semiautonomia, desse passos em direção a sua sonhada independência. Para compreender como o desdobramento dos acontecimentos levaram a este cenário é preciso retornar um pouco no tempo, em busca das raízes da crise que tomou o Iraque.

3.1.1. Crise no Iraque, da Guerra ao Terror à guerra civil

Quando, em 11 de setembro de 2001, uma série de ataques suicidas contra os Estados Unidos foram proferidos pela organização fundamentalista islâmica al-Qaeda, matando centenas de civis e culminando na destruição das Torres Gêmeas e em danos ao Pentágono, o mundo ficou apreensivo pela resposta dos estadunidenses. Esta veio no formato de uma nova guerra. Para ser mais específico, a Guerra ao Terror, como ficou conhecida a campanha militar desencadeada pelo governo de George W. Bush.

A campanha levou à invasão do Afeganistão para derrubar o Talibã, acusado de abrigar terroristas da al-Qaeda. Hoje é um fato mais conhecido – embora não conhecido o suficiente –, mas o que procurou-se esconder na época é que esta organização, agora terrorista, teve suas origens em 1979, quando a União Soviética invadiu o Afeganistão. Na época, Osama Bin Laden lutou ao lado dos mujahidin – militantes islâmicos organizados, armados e treinados pela própria CIA – na resistência aos soviéticos. O fato é que ninguém imaginava que anos depois, na década de 90, agora sem soviéticos para combater, os radicais islâmicos se voltariam contra os Estados Unidos e suas bases na Arábia Saudita, as quais tornaram-se permanentes após a Guerra do Golfo.

Bin Laden seguiu em um processo de radicalização por toda a década de 90, fato

que pode ser representado pelas duas *fataawa*⁵⁴ lançadas pelo líder da al-Qaeda em 1996 e 1998, as quais condenavam a presença americana na Arábia Saudita e a política de unidade com o Estado de Israel, respectivamente. Na mesma época, Osama já fazia alusão ao jihad.

Tais acontecimentos já comprometiam o clima hegemônico de autocongratulação que permeou os anos 90 com o paradigma do fim da história, do Estado de direito e da ingerência humanitária, proezas da civilização ocidental e do capitalismo, as quais seriam distribuídas para todo o mundo. O ataque proferido pelos radicais sunitas em 2001 contra os EUA, em próprio solo americano, abriu um capítulo novo para esta nação – e principalmente a burocracia que a dirigia – que não dimensionava o quanto sua política externa, longe de agradar a todos, estava produzindo alguns tantos inimigos (CHOMSKY, 2001).

É neste cenário de intervenções externas e de dúvidas sobre quem é o terrorista que o governo do Pentágono deflagrará sua campanha internacional contra o terrorismo. A invasão do Afeganistão, liderada pelos americanos e com a contribuição da coalização formada pela Aliança do Norte, organização armada muçulmana, e outros países ocidentais, como Reino Unido, França, Canadá e outros, teve início em 7 de outubro de 2001 e não contou com a autorização das Nações Unidas.

O objetivo declarado da invasão era encontrar Osama Bin Laden e outros líderes da al-Qaeda, destruir toda a organização e remover do poder o regime talibã. Para Bush, não existia distinção entre a al-Qaeda e os países que a abrigavam.⁵⁵

A Guerra ao Terror, que evoluiu para uma guerra civil em território afegão, não teve êxitos em nenhum de seus objetivos além da vitória simbólica representada pela morte de Bin Laden, em 2011, quase 10 anos depois do início da guerra.

Pouco menos de um ano após os atentados da al-Qaeda, os Estados Unidos começaram uma nova fase da Guerra ao Terror, chamada Operação Foco a Sul. O alvo da vez era o regime de Bagdá. Esta fase é marcada pelos bombardeios aéreos proferidos por Washington ao Iraque. A justificativa, oferecida ao ex-presidente norte-americano, George W. Bush, pelo ex-primeiro-ministro britânico, Tony Blair, era a busca por armas de destruição em massa (ADM's), as quais já haviam sido condenadas desde a Guerra do Golfo, em 1991, quando a resolução nº 687 do Conselho de Segurança das Nações

54 Pronunciamento legal no islã emitido por um especialista em lei religiosa, sobre um assunto específico.

55 Em: <<http://diplomatie.org.br/a-era-da-guerra-perpetua>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

Unidas ordenou que essas armas fossem destruídas e não mais fabricadas. Para tanto, na época, uma supervisão das Nações Unidas deveria acompanhar esse processo. No entanto, em razão da falta de cooperação do governo iraquiano, os inspetores abandonaram a operação em 1998.

Também houve denúncias de uma suposta ligação entre o governo de Saddam Hussein e a al-Qaeda. Por parte do governo de Bagdá, um fator gerador de conflitos foram as zonas de vôo interdito entre norte e sul. Estas foram criadas após a Guerra Irã-Iraque, de modo a garantir a proteção do Curdistão iraquiano. Ao mesmo tempo, tal interdição foi vista como uma violação da soberania iraquiana por parte do regime.

Após a resolução 1441 do Conselho de Segurança da ONU, foi dada ao Iraque a oportunidade final para cumprir suas obrigações de desarmamento, o Estado concordou em cooperar com novas inspeções. Embora na época nenhuma arma de destruição em massa tenha sido encontrada, o governo norte-americano continuou insistindo em sua tese dos perigos representados por Bagdá.

Então, em 2003, foi iniciada a invasão do Iraque, a qual só foi encerrada no final de 2011, com a retirada das tropas americanas do território iraquiano após oito anos. A ligação com a al-Qaeda nunca foi comprovada. As ADMs nunca foram encontradas. Como saldo, a guerra, a qual contou com a liderança de forças americanas e britânicas, apoiadas por tropas da Austrália, Dinamarca e Polônia, rapidamente impôs a derrota a Saddam Hussein, que conseguiu fugir em um primeiro momento.

Entretanto, a tentativa de estabelecer um governo democrático ao modelo ocidental falhou, gerando uma instabilidade ainda maior no país, que, ao invés de ser restaurado, como advogavam os ocupantes, levou a uma série de conflitos e insurgências, tanto em relação à ocupação estrangeira, quanto em relação ao próprio sectarismo entre sunitas, xiitas e outras minorias, como os curdos, de modo a logo evoluir para uma violenta guerra civil.

Esta instabilidade também abriu caminhos para a entrada da al-Qaeda – desta vez sim – no Iraque. O fracasso em restaurar a ordem levou diversos países, os quais apoiaram a operação, a retirarem suas tropas do Iraque.

Em relação às armas de destruição em massa, como já dito, o exército iraquiano não as utilizou durante as hostilidades. Nem mesmo quando o regime se aproximava de seu fim, os combatentes usaram armas químicas, nem bacteriológicas. As tropas

americanas não encontraram nada que fosse o suficiente para justificar as dezenas de milhares de vítimas da guerra. Alain Gresh, para o Le Monde Diplomatique, fez um registro das condições concretas que marcaram o confronto na época:

Quem duvidaria que Washington, que dilapida mais de 45% das despesas mundiais em armamentos, esmagaria Bagdá, esgotada por uma dúzia de anos de embargo, desarmada pelas Nações Unidas e que consagra à defesa dois milésimos da soma que Washington reserva para a sua? A desproporção dos meios explode de maneira trágica nos balanços: os Estados Unidos perderam 125 soldados e a Grã Bretanha 30. A maioria dos analistas concordam sobre a morte de dezenas de milhares de soldados iraquianos: 2.000 a 3.000 foram exterminados em um só dia em Bagdá. Esta vitória parece mais uma caça aos patos que a um gesto heroico.⁵⁶

Se existiu alguma ligação entre al-Qaeda e o regime baa'athista, o jornalista egípcio aponta:

Existe efetivamente um ponto comum entre Osama Bin Laden e o ex-presidente Saddam Hussein, um laço que os iraquianos conhecem há muito tempo: os dois homens foram, nos anos 80, aliados estratégicos para os Estados Unidos; nenhum dos dois teria se tornado tão perigoso se eles não tivessem se beneficiado de uma ajuda, política e material dos sucessivos governos norte-americanos. O apoio que Washington forneceu aos moudjahidins afegãos, aos voluntários árabes recrutados para combater a ocupação soviética e em particular a Osama bin Laden é conhecido. Os laços entre Saddam Hussein e Washington são mais antigos.

Segundo as biografias do ditador, seus primeiros contatos com a CIA datam dos anos 1960, quando o jovem estava refugiado no Cairo. Em fevereiro de 1963, um golpe de Estado derruba o regime progressista de Abdelkrim Kassen no Iraque. A caça aos democratas e aos comunistas faria milhares de vítimas. Voltando urgentemente ao país, Saddam Hussein participa de tudo, matando e torturando com suas próprias mãos. As listas de pessoas a serem presas era fornecida pela CIA – ela fará o mesmo em 1965 na Indonésia, onde a repressão anti-comunista se consolidará com 500 mil mortos... Desta velha convivência data o rumor, no mundo árabe, de que Saddam Hussein é... um agente da CIA. As

56 GRESH, 2003, em: <<http://diplomatique.org.br/crimes-e-mentiras-de-uma-guerra-de-libertacao-2/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

teorias do complô sempre tiveram um sucesso garantido no Oriente Médio.

É nos anos 1980 que a aliança entre o Baath e a administração Reagan ganha corpo. O homem que vai iniciá-la não é outro que Donald Rumsfeld, que vai a Bagdá em dezembro de 1983 para apertar a mão do futuro Hitler: o Iraque desaparece da lista dos Estados que sustentam o terrorismo. As relações diplomáticas entre os dois países são restabelecidas, Washington fornece apoio militar a Bagdá em sua luta contra a “revolução islâmica”. Os Estados Unidos sabem, desta forma, que violando convenções internacionais, o exército iraquiano utiliza armas químicas contra o Irã. Em 1988, quando o exército lança gases sobre os curdos – fazendo milhares de vítimas em Habadja – o departamento de Estado mantém uma campanha de desinformação para tentar lançar a responsabilidade sobre o Teerã.⁵⁷

Escrevendo concomitantemente aos desdobramentos da invasão ao Iraque, Gresh já observava o que Washington e a grande mídia ocidental levariam alguns anos para perceber. O ódio por Saddam Hussein e a opressão instaurada por seu regime eram acompanhados por uma grande desconfiança em relação aos EUA. A medida que os conflitos se agravavam e o caos imperava, muitos iraquianos começaram a desconfiar que esses problemas não apenas não incomodavam os ocupantes ocidentais, como serviam inclusive como justificativa para sua permanência naquele solo.

A sociedade iraquiana, que já vinha de um longo processo de erosão desde a Guerra do Golfo, acreditava que os interesses estadunidenses eram mais econômicos, em uma tentativa de se apossar de seu petróleo, e menos altruístas do que esses defendiam. No mais, também não haviam se esquecido que as sanções econômicas, que foram responsáveis pelo aumento da miséria e fome na região, foram defendidas pelas administrações americanas.

É neste cenário que se fomentaram as primeiras tensões. Em Mossul, xiitas e sunitas começavam a se enfrentar, enquanto que em Kirkuk, os curdos, que haviam sido exilados por Saddam, aproveitavam a oportunidade para retomar seu território, expulsando diversas famílias árabes.

A distribuição de armas para as tribos e clãs que combaterem o regime de Saddam e as armas abandonadas pelo exército nos conflitos de 2003, tornaram os iraquianos uma população armada. Os protestos tomaram conta das principais cidades iraquianas, os

57 Ibidem.

quais rejeitavam a ocupação americana. A guerra ainda estava em curso quando 20 mil pessoas se manifestaram em Nassariya contra a reunião dos grupos ocupantes e de oposição ao regime de Hussein, entoando as palavras de ordem “Sim, sim à liberdade! Sim, sim ao Islã! Não à América, não a Saddam”⁵⁸.

Aqui chegamos no divisor de águas que marcou o processo de ocupação do Iraque. Se em um primeiro momento, os estadunidenses demonstraram uma enorme capacidade de ação, após a queda do regime de Badgá, o imobilismo e a incompreensão formaram o clima geral que marcou o Iraque. Embora o desprezo pela figura de Hussein e seu regime fossem compartilhados por grande parte da população, marcada por anos de opressão, com a queda deste governo a preocupação da população voltou-se para a própria sobrevivência, e o cenário encontrado foi de grandes dificuldades materiais e de insegurança crescente.

Nos dias seguintes à queda do regime, saques e pilhagens dos bens públicos se tornaram regras, boatos circulavam sobre assassinatos em plena luz do dia e estupros dentro das próprias residências. As ações ambíguas das tropas que depuseram o antigo regime alimentaram ainda mais o clima de instabilidade (GRESH, 2003).⁵⁹

Tais acontecimentos contribuíram até mesmo para que uma parcela da população concluíssem que vivia melhor “antes”. Ou que os norte-americanos nada faziam. De certo modo, esta última conclusão encontra respaldo no próprio plano norte-americano para reconstrução do Iraque. Basicamente, dos 2,4 bilhões de dólares dotados pelo Congresso para ajudar à reconstrução do Iraque, 1,7 bilhão provinham dos fundos iraquianos bloqueados desde 1990 e confiscados por Washington antes da ocupação. No mais, os planos liberais de Washington ainda previam a privatização de todas as empresas estatais e a criação de um banco central independente, uma instituição que não existe em nenhum país da região. Aparentemente, os ocupantes planejavam um Iraque sem Estado.⁶⁰

Axioma já consagrado, como é de conhecimento das ciências humanas, não existe vácuo de poder. O aumento da instabilidade foi criando uma complexa geografia política no Estado iraquiano. Antigas lideranças religiosas e étnicas, chefes tribais, foram assumindo lideranças regionais, de modo que cada cidade ia desenvolvendo formas específicas de organização. Tais personalidades religiosas e tribais eventualmente cooperaram, mas existiam também aquelas que concorreram, formando-se novas redes

58 Ibidem.

59 Ibidem.

60 Ibidem.

de poder. As tribos e autoridades religiosas, que haviam se enfraquecido durante o regime ba'athista, voltaram a se fortalecer.

A oposição violenta à ocupação norte-americana ganhava corpo a cada dia que esta permaneciam em solo iraquiano. Ao mesmo tempo, combatentes xiitas da brigada al-Badr foram autorizados a voltar para o Iraque e encontrarem suas famílias, desde que devidamente desarmados. Entretanto, o caos em que se havia convertido o país não dificultava a aquisição de um novo arsenal de guerra e a criação de novas organizações secretas. Foi este o contexto que possibilitou a entrada no país da Irmandade Muçulmana, islamitas radicais sunitas, pelo oeste – sim, pela Arábia Saudita. Além disso, outros grupos laicos de resistência, assim como antigos apoiadores de Hussein, o qual contava com uma gigante burocracia e exército de confiança que sustentavam seu regime, passaram a se organizar.⁶¹

Enquanto a violência crescia dentro do Iraque, os ocupantes acreditavam que a formação e consolidação do governo provisório poderia atenuar e restabelecer certa ordem. O que ocorrera, na realidade, foi o fechamento do jogo político em detrimento de algumas forças. Diferente das previsões iniciais, a autoridade do governo central não conseguiu se impor facilmente, enquanto isso, os contrapoderes e poderes locais se fortaleceram. Por fim, o governo provisório constituiu apenas um alvo mais identificável e mais propício à contestação do que as forças de ocupação.

Pouco depois da invasão, a coligação multinacional criou a Autoridade Provisória da Coligação (APC), a qual deveria funcionar como um governo de transição do Iraque até o estabelecimento de um novo governo. A APC revestiu-se de autoridade legislativa, executiva e judicial, inspirou-se na resolução nº 1483 do Conselho de Segurança da ONU. Ela funcionou de 21 de abril de 2003, data da queda do regime de Bagdá, até sua dissolução em 28 de junho de 2004, período marcado pelo aumento das rebeliões contra a ocupação.

Sem a aprovação das Nações Unidas, e contando com a oposição da França, Alemanha e Liga Árabe desde o início, a investida anglo-americana fracassou ao ser surpreendida pela força demonstrada pela oposição à “democratização induzida”. (DEMANT, 2012)

A resistência à ocupação ocidental só aumentou, e no final de 2003, o número de

61 Ibidem.

ataques dos insurgentes não parava de crescer. Neste momento, as forças da coalizão focaram na captura de Hussein e seus familiares, além de funcionários do antigo sistema, por acreditarem que eram eles que encabeçavam os principais ataques contra os ocupantes.

Além disso, o fracasso na restauração dos serviços básicos havia condenado o funcionamento de diversas cidades, fato que contribuiu para um rancor local contra o governo de transição. Enquanto isso, no norte, as forças da coligação cooperavam com as forças curdas peshmerga, sob liderança de Barzani.

Na investida contra os membros do partido Baath ligados à insurgência, diversos membros do antigo regime foram presos, os filhos de Saddam foram mortos, enquanto ele foi capturado pouco tempo depois, em dezembro de 2003.

Em um primeiro momento, a captura do líder levou a uma queda do número de ataques dos insurgentes. Neste período, começaram novas agitações pelas eleições e pela formação de um governo iraquiano interino, principalmente por parte de grupos que ficaram de fora do governo de coalização. É o caso do Conselho Supremo da Revolução Islâmica no Iraque (CSRII), dirigido por Mohamed Baqer Al-Hakim, um aiatolá. Ainda em julho, este grupo comunicou que não participaria da equipe de 30 pessoas nomeada pelo novo administrador civil norte-americano, Paul Bremer, para dirigir o Iraque. Para ele, seria ilegítimo que um governo iraquiano fosse designado por uma potência estrangeira. Inflexível, o grupo rebela-se e exige que os Estados Unidos se limitem a seu plano inicial, o qual previa a realização de uma convenção nacional onde delegados elegeriam um governo de transição.⁶²

Outro clérigo proeminente foi o xiita aiatolá Ali al-Sistani. Ainda assim, a Autoridade da Coligação Provisória opôs-se à autorização de eleições democráticas naquele momento, preferindo em vez disso entregar o poder a um governo iraquiano interino ou de transição. Com os xiitas entrando na oposição à ocupação, a resistência aumentou. As áreas ao redor de Fallujah e as periferias xiitas de Bagdá se tornaram centros de agitação.

O ano de 2004, o qual começou com certa calmaria, foi o momento em que as forças insurgentes se reorganizaram. Grupos ligados a al-Qaeda liderados por Abu Musab al-Zarqawi, que mais tarde formariam a Organização do Estado Islâmico (OEI), e

62 Em: <<http://diplomatie.org.br/os-xiitas-cortejados-pelos-eua/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

combatentes estrangeiros vindos de todo Oriente Médio, ajudaram a comandar a insurgência.

Inicialmente, a insurgência iraquiana tinha como origem os Fedayin e os leais ao partido Ba'ath, mas ao longo da ocupação ocidental, os religiosos radicais e iraquianos contrários à ocupação passaram a integrar as fileiras da resistência à coligação. Usando táticas de guerrilha, com ataques suicidas, explosivos, carros-bomba, morteiros e lança-granadas, assim como sabotagem contra infraestruturas, os rebeldes passaram a atacar tanto a coalização internacional quanto as novas forças de segurança iraquianas.

Em 2005, finalmente foram anunciadas as eleições e a constituição permanente. Estas foram marcadas por boicotes dos sunitas ao processo, e ao mesmo tempo pela alta participação de xiitas e curdos. Foi também o momento de apogeu dos homens-bomba. Quando, em 2006, o governo permanente foi eleito, consolidando a vitória das lideranças xiitas, a situação de violência na região já estava tão intensa que a ONU a decretou como guerra civil.

Para garantir o controle da situação e manter o contingente de combatentes, o qual já contava com diversas baixas a essa altura, em 2007, o governo americano relaxou as normas para voluntários que quisessem combater no Iraque, admitindo combatentes com antecedentes criminais. Tal fato, aliado a denúncias de assassinato de civis iraquianos, bem como o uso da tortura e de prisões ilegais, amplamente denunciados pela Anistia Internacional, aumentaram o tom da opinião pública sobre os abusos da guerra.⁶³ É em 2007, também, pela primeira vez, que mais de metade dos membros do novo parlamento iraquiano rejeitam a continuação da ocupação do seu país.

As relações entre os países do Oriente Médio também se deterioraram, desta vez envolvendo os Estados do Irã e da Turquia, e os curdos. O Irã bombardeou áreas no Curdistão iraquiano por conta da presença do Partido por uma Vida Livre no Curdistão (PJK), partido curdo-iraniano filiado ao PKK turco. O motivo seriam as áreas no Iraque reivindicadas pelo Estado iraniano, as quais ele considera seus santuários, mas que estavam sob controle dos militantes do PJK. Na ocasião, diversas aldeias curdas foram atacadas culminando na morte de civis e militantes. Este fato levou a administração Bush a ter como alvo forças iranianas no Iraque e declarar publicamente que o Irã estava auxiliando insurgentes iraquianos e fornecendo armamentos às milícias.

⁶³ Anistia Internacional, 2007, em: <<https://www.amnesty.org/en/library/asset/MDE14/014/2007/en/ca1182c2-d3a6-11dd-a329-2f46302a8cc6/mde140142007es.pdf>>. Acesso em: 05 junho 2017.

O Curdistão iraquiano também começou a ter problemas com a Turquia. O governo de Ancara enviou incursões para atacar os curdos, principalmente militantes do PKK. Estes passaram a atacar forças turcas, em conflitos que geraram vítimas de ambos os lados. Além disso, armas dadas às forças de segurança iraquianas pelos norte-americanos foram encontradas na Turquia depois de serem utilizadas em crimes violentos. Estes fatos levaram as forças armadas turcas a afirmarem que era seu direito atravessar a fronteira do Curdistão iraquiano para perseguir militantes do PKK. O parlamento turco aprovou uma resolução permitindo estas ações, e então, os turcos começaram a bombardear aldeias curdas e a atacar bases do PKK com aviões.

A partir de 2008 ocorreu uma ligeira melhoria na situação do Iraque, o que levou a retirada progressiva das tropas até o término da ocupação, no fim de 2011. No entanto, a essa altura, um dos principais motivos de temor em relação ao Estado persa e a causa que postergou por diversas vezes a derrubada do regime ba'athista já havia se concretizado: no interior da grande oposição que se formou contra as forças de ocupação, a qual incluía desde remanescentes do partido de Hussein a milícias tribais e fundamentalistas sunitas, geria-se a Organização do Estado Islâmico.

Embora os grupos que ajudaram a compor esta organização sempre tivessem suspeitas em relação ao regime secular e pan-arabista de Saddam, este, ao apoiar-se na minoria sunita para sustentar sua ditadura, afastou as possibilidades de um governo xiita. Entretanto, desde o momento da ocupação da coalização internacional, foi justamente o grupo xiita que cresceu progressivamente no poder, frustrando a população sunita, de modo que parte dela não hesitou em unir-se às milícias jihadistas.

Ironicamente, as relações inexistentes da al-Qaeda em solo persa se iniciam no contexto da Guerra do Iraque, portanto, após a ocupação que deveria suprimi-la. É na figura de Abu Musab al-Zarqawi, jordaniano adepto do salafismo jihadista e antigo companheiro de Osama bin Laden no combate aos soviéticos⁶⁴, e do grupo militante Jamaat al-Tawhid wal-Jihad, formado no final da década de 90, que se formará o embrião da OEI, o qual começou a atuar logo no início da insurgência iraquiana por meio de ataques suicidas contra mesquitas islâmicas xiitas, soldados da coalizão e membros do novo governo iraquiano.

O grupo de Al-Zarqawi ao longo dos conflitos mudou algumas vezes de nome,

64 VERCUEIL, 2015, em: <<http://diplomatie.org.br/funesta-rivalidade-entre-a-al-qaeda-e-a-organizacao-do-estado-islamico/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

rompeu com a rede al-Qaeda, autoproclamando-se, por algum tempo, como al-Qaeda no Iraque (AQI). Neste período, os ataques do grupo não cessaram. Ainda em 2005, já revelavam por meio de uma carta suas intenções de criar um califado na região.⁶⁵ A partir de 2006, este grupo se aliou a grupos insurgentes iraquianos menores sob o comando de uma organização guarda-chuva chamada o Conselho Shura Mujahideen (CSM). Ainda neste ano, al-Zarqawi foi morto e logo substituído por Abu Ayyub al-Masri.

Finalmente, em outubro de 2006, o CSM uniu-se com outros grupos menores e tribos sunitas islâmicas para formar uma coalização que mais tarde declarará o estabelecimento do Estado Islâmico do Iraque (ISI), um califado que incluiria seis províncias árabes de maioria sunita do Iraque. Abu Omar al-Baghdadi foi anunciado como seu Emir; Al-Masri, como Ministro da Guerra.

Com uma estratégia mais focada em adquirir controle territorial sob as áreas do seu califado, o grupo se fortaleceu nas províncias de Al-Anbar, Diyala, Bagdá e Baquba, esta última reivindicada como sua capital. Com o passar do tempo, o número de combatentes estrangeiros diminuiu em decorrência da entrada de muitos cidadãos iraquianos sunitas. Eles foram duramente combatidos pelas forças de ocupação da coalizão, que permaneceu no Iraque e impôs diversas baixas aos sunitas.

Em abril de 2010, Abu Ayyub al-Masri e Abu Omar al-Baghdadi foram mortos em um ataque conjunto dos EUA e do Iraque perto de Tikrit. Em maio do mesmo ano, Abu Bakr al-Baghdadi foi designado como novo líder do Estado Islâmico do Iraque, focando no restabelecimento das lideranças salafistas, haja vista as baixas impostas pelos norte-americanos. Enfraquecido, o grupo esperará a saída dos ocupantes ocidentais, no final de 2011, para voltar a atuar na região.

Desta forma, a Guerra do Iraque termina em dezembro de 2011, com a saída das últimas tropas norte-americanas do território iraquiano. Sem conseguir provar as acusações iniciais ao regime ba'athista, a derrubada de Saddam Hussein abriu as portas para o caos e desestabilizou, de alguma forma, todo Oriente Médio, da península árabe ao golfo pérsico. As ambiguidades, antagonismos e desconfianças tanto entre os atores estatais quanto os não-estatais aumentaram. Os líderes da maioria xiita passaram a governar o país, transformando-o no primeiro país árabe de maioria xiita a ser governado por xiitas, aproximando-o do Irã e de sua revolução islâmica.

⁶⁵ WHITAKER, 2005, em: <<https://www.theguardian.com/world/2005/oct/13/alqaida.iraq>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

A Arábia Saudita, wahabista, ao mesmo tempo que faz parte dos países que passaram a combater a OEI, acumulou várias denúncias de financiar esta organização salafista, da qual compartilha de uma visão de mundo bem parecida. De qualquer forma, não é de seu interesse comprar uma briga com os EUA. Este, por sua vez, agora conta com a simpatia do governo de Bagdá, ao mesmo tempo que segue inimigo de Teerã. Os xiitas de Bagdá tiraram proveito da situação, dividindo lealdade entre os EUA e o Irã conforme as necessidades. A corrupção endêmica e os assassinatos frequentes alimentaram a oposição de setores sunitas marginalizados e jogaram-nos nas mãos das forças extremistas.

Esta longa guerra marcou o início do século XXI e trouxe à luz do dia novos conflitos geopolíticos, nos quais atores não-estatais, como os curdos e a própria OEI, tem atuado dentro da instabilidade que tomou a região. Mais do que culpar uma ou outra organização, o surgimento desses conflitos é revelador do fracasso dos projetos de modernização e democratização induzida levados a cabo pelo ocidente no Oriente Médio, responsáveis pelo aumento das tensões. Como acreditam os curdos, em uma sociedade livre, a OEI não teria tantos adeptos. Mas diferente disto, o que ocorreu no Oriente Médio foi uma sobreposição de atores, estatais ou não, tentando tomar controle de uma região sem explicar antes para população como isso se daria.

Dois países haviam escapado dessas influências externas: o Irã, desde a Revolução Islâmica em 1979, e o Iraque, desde a invasão do Kuwait em 1990. No momento em que a própria Arábia Saudita, até então aliada, tornou-se suspeita por seus vínculos com militantes radicais islâmicos e suspeitas de auxiliar financeiramente a OEI, o controle de Bagdá por Washington se tornou necessário. E a oposição à coalizão responsável pela ocupação do Iraque soube fazer uso dessa suposição⁶⁶.

A invasão do Iraque, a qual foi concebida e vendida por Bush e seus aliados quase como uma operação cirúrgica, durou quase 10 anos, nos quais entre 150.000 e 500.000 vidas foram perdidas⁶⁷, e terminou com a retirada acelerada das tropas norte-americanas já no governo de Barack Obama, em 2011. Nestes anos, as desastrosas operações norte-americanas e escolhas políticas para a região caracterizaram a engenharia política que para Harling e Yasin (2013) merecia receber a alcunha de gambiarra.

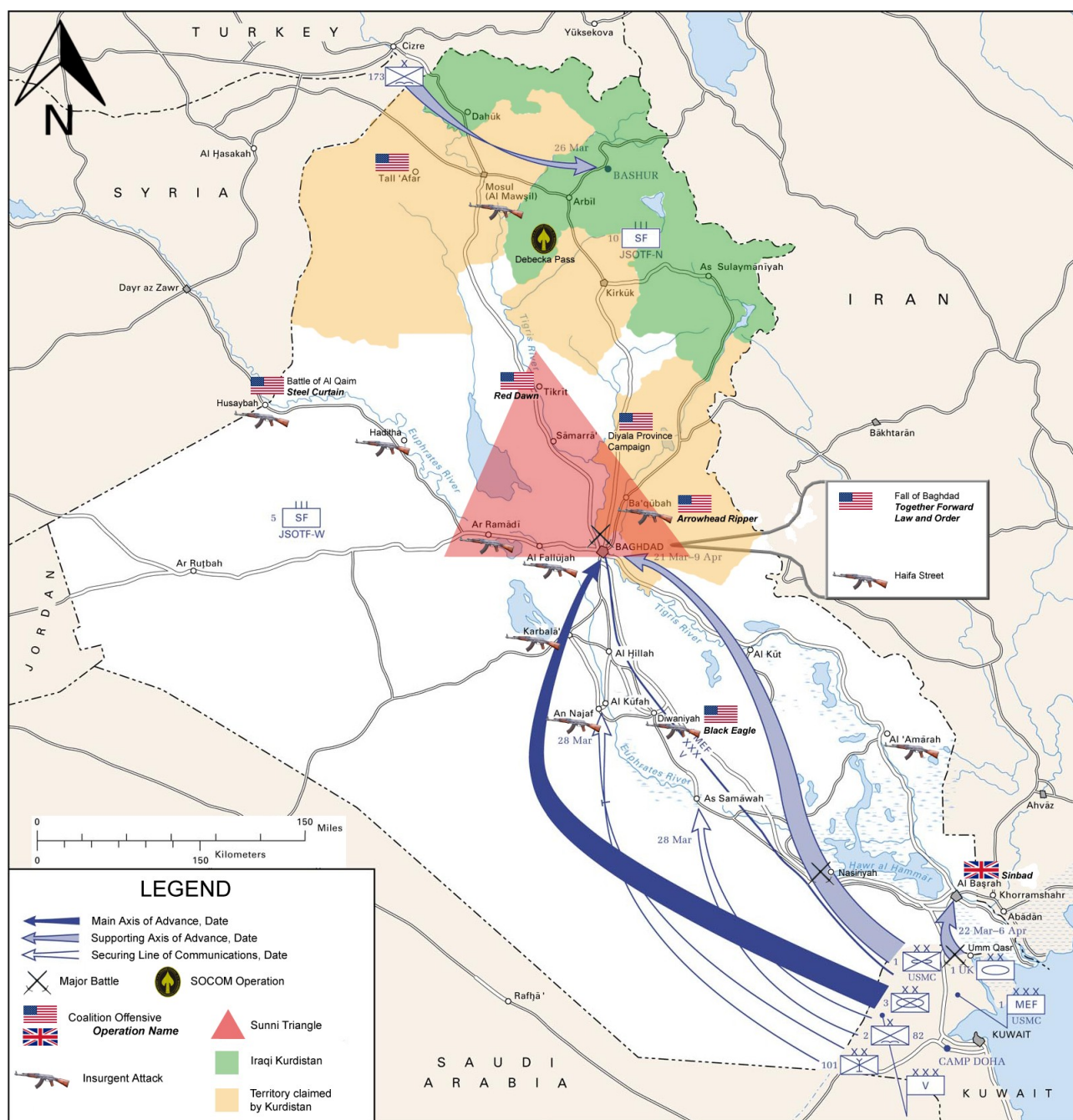
Longe de pôr um fim às tensões, o término da Guerra do Iraque ocorreu no mesmo

⁶⁶ RAMONET, 2003, em: <<http://diplo.org.br/imprima578>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

⁶⁷ SHERIDAN, 2013, em: <http://www.huffingtonpost.com/2013/10/15/iraq-death-toll_n_4102855.html>. Acesso em: 08 novembro 2017.

período do início da Primavera Árabe, evento que marcou o início de novas instabilidades no Oriente Médio, o retorno da Organização do Estado Islâmico e o início da revolução curda no Norte da Síria.

Mapa 1: Guerra do Iraque entre 2003 - 2010. No mapa, o triângulo sunita, também conhecido como Triângulo da Morte.



Fonte: Wikipedia.

Em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Triangle_of_Death_\(Iraq\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Triangle_of_Death_(Iraq))>.

3.1.2. Da Primavera Árabe à autoproclamação do califado da Organização do Estado Islâmico

Como visto, a derrubada de Saddam Hussein, em 2003, abriu as portas para o caos no Iraque. Uma longa guerra de resistência árabe se iniciou com as ocupações norte-americanas na região. Foi este ambiente que possibilitou a criação do embrião das milícias que se tornariam a Organização do Estado Islâmico. A insatisfação da população sunita, estigmatizada e marginalizada desde a queda de Saddam, foi tão grande que muitos não exitaram ao se unir às milícias jihadistas.

Desta forma, nem todos ficaram surpresos quando, após certo período de calmaria no final da década passada, protestos voltassem a ocorrer em várias cidades do Iraque em 2011, empolgados pelos ventos da Primavera Árabe. Na ocasião, manifestações contra a corrupção, a falta de serviços básicos e a repressão do governo levaram milhares de iraquianos a se levantar por todo o país. Nem mesmo o Curdistão iraquiano ficou livre dos protestos, e a sede do PDK, partido da situação, sofreu tentativas de invasão.

O primeiro-ministro, Nouri al-Maliki, já vinha há um tempo perdendo popularidade em seu país. O governante colecionou inimigos, por um lado, por seu braço de ferro com a população curda no nordeste do Iraque: nas disputas pelos lucros petroleiros das reservas dos territórios curdos, al-Maliki obteve grande prestígio da população árabe, tanto xiita como sunita, ao invocar o nacionalismo e posar de defensor de seus interesses e da integridade nacional. Ao mesmo tempo, continuou alimentando o sectarismo religioso, chegando, em uma de suas ações menos populares, a afastar do poder políticos como Rafi'al-Isawi, adjunto sunita, acusando-o de terrorismo. Esta concepção de repartição etno-confessional dos cargos do sistema político, bem semelhante a empregada por Hussein, levou a grande mobilização popular que uniu o mundo sunita contra ele⁶⁸.

Outro caso que vale destacar foi a tensão surgida entre as capitais Bagdá e Irbil, do Curdistão Iraquiano, sobre a gerência da exploração do petróleo. Enquanto Bagdá advogava pelo seu direito centralizador de administrar as reservas, o Governo Regional do Curdistão, sob o governo de Barzani, continuou a administrar as reservas em seu

68 HARLING & YASIN. Dez anos depois, o que aconteceu com o Iraque?, 2013. Em: <http://diplomatie.org.br/dez-anos-depois-o-que-aconteceu-com-o-iraque/>. Acesso em: 08 novembro 2017.

território e consentir condições bem mais favoráveis do que Bagdá às companhias estrangeiras.

O governo do Iraque passou a ameaçar as empresas de perderem seus direitos no país caso se deixassem seduzir pelos contratos de partilha de produção no Curdistão. As companhias, primeiro ExxonMobil, depois a Total, passaram por cima das ameaças e aceitaram as condições mais favoráveis dos curdos. Além disso, ExxonMobil respondeu à ameaça colocando à venda seu contrato de serviço no West Ourna, a maior perfuração do país (Séréni, 2013)⁶⁹.

A Turquia, por sua vez, também soube impor seus interesses geopolíticos. Rival do Iraque e do PKK, o governo de Ancara não pensou duas vezes ao prometer um oleoduto conectando diretamente o Curdistão iraquiano e o Mediterrâneo.

É esta sociedade, totalmente fragmentada, inclusive *guetificada*, com bairros divididos por etnia e confissão religiosa, que assistirá ao retorno da insurgência com toda a intensidade após a retirada das tropas americanas. Os conflitos sectários e religiosos levam a mais uma brutal onda de violência: atentados com carros bombas, emboscadas e ações armadas em larga escala voltam a se tornar frequentes.

Durante o envolvimento na Guerra Civil Síria, milícias armadas dentro do Iraque se fortaleceram e ganharam novos recrutas. A situação alcançou seu auge em meados de 2014. Nesta época, grupos fundamentalistas, encabeçados pela OEI, lançaram uma ofensiva logo após as eleições iranianas, aproveitando-se do vácuo de poder. A população sunita se rebelou contra o governo de Al-Maliki. Sua posição pró-Irã levantou suspeitas sobre a participação da Arábia Saudita no levante.

Focando na parte norte, centro e oeste do país, rapidamente diversas zonas no entorno do Eufrates foram tomadas. Logo após, o levante islamita partiu para Mossul, onde surpreendentemente o exército iraquiano se desintegrou, de modo que em 2 dias a cidade foi tomada pelos jihadistas. Estima-se que cerca de 500.000 residentes tenham fugido.

As lutas mais sangrentas aconteceram na região noroeste, onde militantes da OEI assumiram, desde janeiro, o controle de cidades como Faluja e Ramadi, conquistando assim boa parte da província de Al-Anbar.

⁶⁹ SÉRÉNI. Ecos de uma guerra por petróleo, 2013. Em: <<http://diplomatie.org.br/ecos-de-uma-guerra-por-petroleo/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

Após duas semanas, Tikrit e Samarra também foram invadidas. Prédios do governo foram queimados e centenas de detentos libertados das cadeias. As divisões do exército iraquiano não ofereceram resistência à invasão, abandonando seus postos. Os jihadistas conquistaram grandes quantidades de armamentos e milhões de dólares deixados para trás, além de atacarem a maior refinaria de petróleo do país. Bagdá fica sob ameaça.

Em resposta, o exército iraquiano lançou ofensivas para tentar recuperar o controle da região. Em mais uma ação desastrosa, antes da batalha, Nouri al-Maliki, em um discurso afirmou que a batalha era uma continuação da antiga luta sectária entre os seguidores de Hussein e os de Yazid⁷⁰, alienando assim ainda mais a população sunita em Anbar e acabando com qualquer simpatia, demonstrada até então, pelo governo⁷¹.

Por parte do governo do Iraque, uma milícia foi organizada pelos xiitas. Irã auxiliou com uma delegação militar e a devolução de aviões iraquianos guardados em seu território desde a Guerra do Golfo. A Rússia e a Síria auxiliaram bombardeando diversas posições islamistas.

Enquanto isto, no Curdistão Iraquiano, os curdos liderados por Barzani prepararam sua movimentação no tabuleiro da nova guerra civil que eclodiu no Iraque. A região do Curdistão no Iraque é governada pelo PDK, que tem boas relações com a Turquia e ao mesmo tempo é bastante alinhada com os EUA e Israel.

A oposição, do UPK, é mais alinhada com o Irã. Vale destacar que Jalal Talabani, do UPK, chegou a ser presidente do Iraque logo após a ocupação anglo-americana, tendo assumido esse cargo após eleições, tornado-se o primeiro presidente não-árabe do Iraque. A UPK e Talabani são filiados a Internacional Socialista, representando um força mais à esquerda no espectro político iraquiano.

Tanto PDK quanto UPK governam sem estabelecer relações próximas com o PKK, cujos militantes permanecem isolados nas montanhas de Qandil, na zona fronteira entre Iraque, Turquia e Irã.

Este Curdistão, também conhecido como Bashur, vive uma semi-independência de fato desde 2003, época na qual eles passaram a governar o próprio território e exportar sua produção, além de terem contado com a proteção do bloqueio aéreo da coalizão internacional que coibia as forças de Hussein, de modo a se tornarem uma das regiões

⁷⁰ Referência a uma importante batalha para os xiitas no século 7.

⁷¹ HASSAN, 2014. Em: <<http://www.thenational.ae/thenationalconversation/comment/malikis-war-on-al-qaeda-is-tainted-by-sectarian-politics>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

mais seguras do Iraque na época.

O Curdistão iraquiano é uma democracia parlamentar, com uma Assembleia Nacional com 111 cadeiras. O seu atual primeiro-ministro é Nechervan Barzani, e o atual presidente é Massoud Barzani. As eleições são realizadas, supostamente, a cada quatro anos, junto com o restante do Iraque.

Entretanto, Barzani, o qual foi escolhido presidente após as eleições parlamentares de 2005, de forma indireta, e em 2009 venceu as primeiras eleições presidenciais da história do Curdistão, tem estendido, com o apoio do parlamento, seu mandato desde 2013. Em 2015, em plena guerra contra a OEI, o parlamento decidiu novamente estender o seu mandato devido à impossibilidade da realização de eleições. Porém, pouco tempo depois, a Assembleia Nacional foi paralisada pelo partido do presidente.

Então, no momento em que eclodiu a revolta jihadista, Bashur enviou suas tropas, os peshmerga, para ocupar o território historicamente reivindicado pelos curdos no Iraque, mas que continuavam nas mãos do governo central. Deste modo, os curdos tomaram a cidade de Kirkuk, junto com seus poços de petróleo e oleoduto. Assim, à medida que as forças governamentais iraquianas fugiam para o sul, ou simplesmente abandonavam estas áreas, menos “vitais” para o governo do que as cidades maiores e mais centrais, as forças curdas preenchiam o vazio.

Os Peshmerga podem ser entendidos como um dos principais recursos dos curdos iraquianos. Esse exército é reconhecido como as forças armadas *de fato* desde a década de 1920, período em que o Iraque esteve sob domínio britânico.

Historicamente, os peshmergas existiam apenas como guerrilhas, os quais lutaram contra o domínio do Império Otomano e Britânico na região. No entanto, durante o período da República de Mahabad (1946–1947), liderados por Mustafa Barzani, tornaram-se oficialmente as forças armadas da região. A sua legitimidade foi ratificada posteriormente com a constituição iraquiana de 2005.

Hoje, o Curdistão é a região mais estável e segura do Iraque, e nenhum soldado americano estacionado ali foi morto, ferido ou sequestrado desde a invasão do país, em 2003. Em partes por êxito dos peshmergas, mas também devido ao bloqueio aéreo imposto pelas forças internacionais desde o período de Saddam Hussein.

Ainda assim, como dito, a situação do Curdistão no Iraque é de semi-independência, de modo a não ter uma soberania e estar a mercê dos mandos e

desmandos do governo central. O fato é que Bashur nunca tentou uma independência unilateral, pois a posição dos curdos da região tem sido de cautela, para não criar inimizades com seus aliados turcos, norte-americanos e israelenses.

Entretanto, com a eclosão do jihadismo e com o Iraque em guerra civil, surgiu o momento oportuno para os curdos alcançarem sua sonhada independência. A população curda comemorou precocemente quando o governo de Barzani anunciou um referendo popular por independência a ser feito em alguns meses, ainda 2014. Mas a pressão dos governos de Bagdá e Ancara levou o presidente Massoud Barzani a recuar, derrubando sua popularidade entre os curdos.

Ao mesmo tempo, os conflitos no Iraque mobilizaram os iraquianos, principalmente os xiitas, mas também sunitas contrários ao jihadismo e outras etnias. Outras forças, como o Hezbollah e o exército iraniano se somaram ao bloco pró-Bagdá. Entretanto, o avanço da OEI e o apoio por parte da população sunita também cresciam.

Após conquistar Mossul e Tikrit, o líder da OEI, Abu Bakr al-Bagdadi, proclamou a instauração de um califado nos territórios já controlados no final de junho, assumindo ainda o nome de Califa Ibrahim. A área reivindicada como Califado pelos militantes sunitas se estende de Manjeb, no norte da Síria, perto da fronteira turca da província de Aleppo, para leste, ao longo do rio Eufrates, incluindo toda a província de Raqqa e uma grande parte de Hassaka e de Deir al-Zor, até Boumakal, perto da fronteira com o Iraque. De lá avança pelas regiões sunitas do oeste e do norte, com destaque para a cidade de Mossul.

Desta forma, os militantes passam a dominar cerca de 25% da Síria (45.000 km²) e 40% do Iraque (170.000 km²), uma área equivalente ao Reino Unido, embora a maior parte destes territórios, principalmente no Iraque, sejam desérticos, de acordo com o geógrafo francês Fabrice Balanche.⁷²

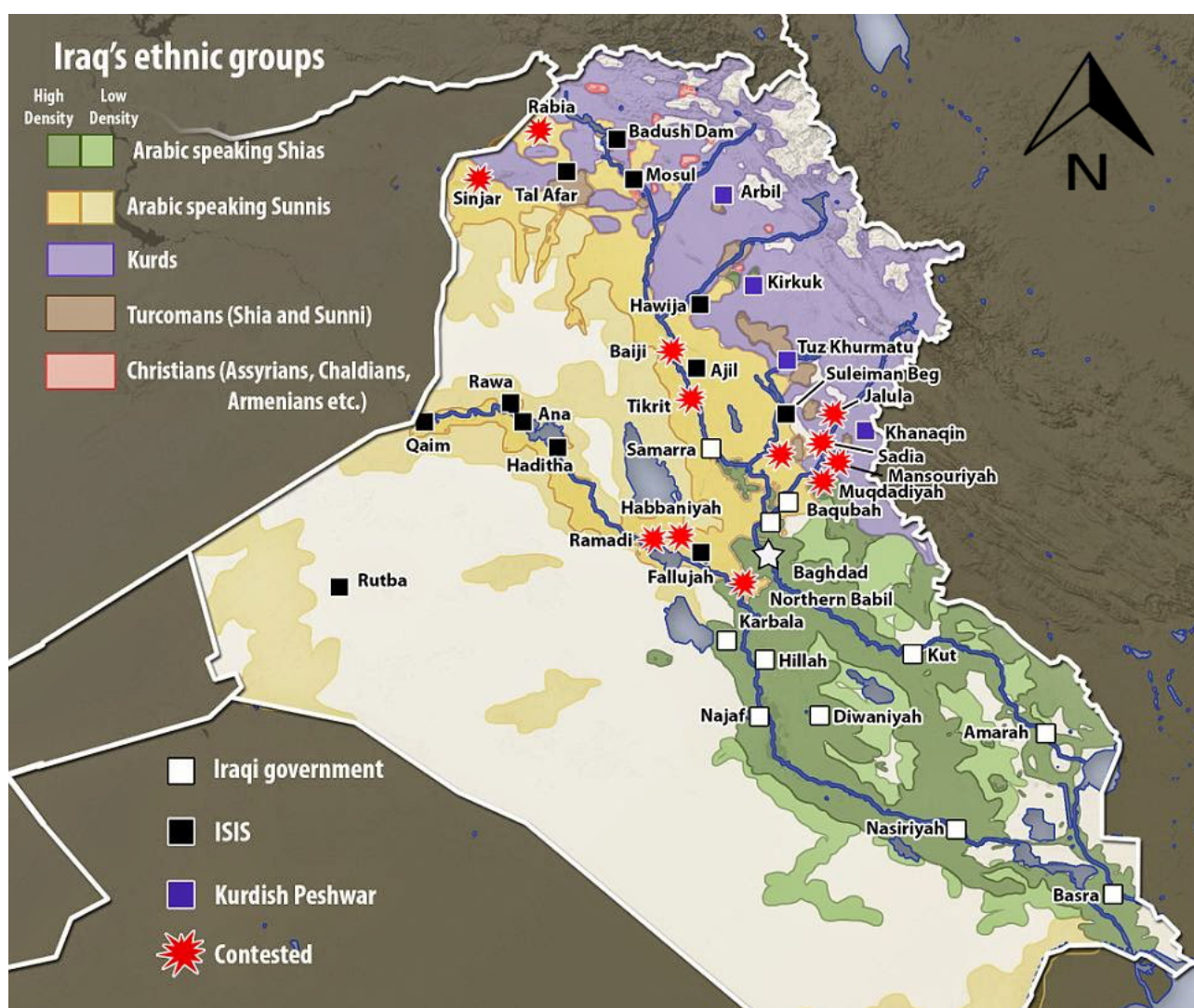
Desta forma, desde junho, a OEI domina as recursos energéticas do norte do Iraque, como o petróleo e o gás. Além disso, também controla as áreas de produção agrícola, de modo que estas reservas de cereais lhe garantam o sustento das tropas jihadistas e o apoio das populações locais. Soma-se a isso, o poderoso arsenal conquistado pelo confisco de outros grupos terroristas vencidos na Síria e recuperado das tropas iraquianas. A maior parte deste equipamento, que inclui armas pesadas e carros de

72 Em: <<http://www.aljazeera.com/news/2015/06/isil-controls-syria-land-area-150601131558568.html>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

combate, tem origem norte-americana.

Todas essas vantagens permitiram que a OEI mantivesse sua ofensiva e se fortalecesse enquanto as forças iraquianas fizeram poucos progressos. Os curdos iraquianos, mesmo tendo defesas mais coesas e se demonstrando mais eficiência nas batalhas contra os islamitas que os iraquianos, perderam importantes batalhas, e a OEI conseguiu tomar um importante poço de petróleo de Ain Zalah, no começo de agosto de 2014. A resistência dos peshmerga não foi suficiente para impedir que os jihadistas conseguissem capturar importantes cidades curdas no norte iraquiano.

Mapa 1: Configuração territorial étnica decorrente dos conflitos no Iraque



Fonte: IsisLiveUpMap. Em: <<http://isis.liveuamap.com/>>.

Assim, sem que os peshmerga tivessem forças para barrar a investida da OEI na cidade de Sinjar no início de agosto, nesta região ocorreu um dos maiores massacres

proferidos pelos sunitas no contexto da guerra civil iraquiana. Localizada no distrito de Sinjar, na província de Ninawa, ao norte do Iraque e na fronteira com o Curdistão sírio, esta cidade é habitada principalmente por curdos da minoria religiosa yazidis, além de minorias de árabes e assírios. Após a ocupação da cidade, milhares de yazidis foram assassinados, outras dezenas de milhares ficaram vagando durante dias pelas montanhas. Sem alimento e água, outros milhares morreram de inanição.

Os fundamentalistas islâmicos tiveram uma vitória fácil, e começaram a avançar para fronteira com a Síria, ameaçando entrar em Rojava. Neste momento as forças revolucionárias do PYD, junto com suas milícias YPG e YPJ, entraram no Iraque, iniciando o contra-ataque com o objetivo de recuperar Sinjar. A campanha heroica dos curdos foi responsável pelo resgate de dezenas de milhares de yazidis, enviando-os para Rojava, enquanto eles continuaram combatendo as forças islamistas em Sinjar.

Ilustração 4: êxodo da população yazidi após ataque da Organização do Estado Islâmico



Fonte: Wikipedia. Em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Genocide_of_Yazidis_by_ISIL>.

Ao mesmo tempo, outros milicianos e milicianas do YPG e YPJ saíram das montanhas de Qandil e chegaram a Makhmur, outra área curda atacada pelos fundamentalistas. Ali se aliaram ao peshmerga. Esta vitória moralizou o PYD e levou à deserção de combatentes do peshmerga, que resolveram se reunir às forças revolucionárias. Após esta batalha, os combatentes do PYD resolveram montar sua própria milícia autônoma no Sinjar.

Concomitantemente, os reforços aéreos norte-americanos lançaram vários contra-ataques contra os islamitas, de modo que em alguns dias, uma importante represa às margens do rio Tigre nos arredores de Mossul foi reconquistada com a ajuda dos curdos.

Os bombardeios feitos pela força aérea dos Estados Unidos, aliados aos contra-ataques dos curdos e do governo iraquiano fizeram com que, no fim de agosto, as ofensivas da OEI perdessem força. No final de 2014, os revolucionários curdos do PYD, aliados aos curdos iraquianos, do exército iraquiano e as forças áreas norte-americanas, iniciaram importantes ataques visando recuperar totalmente Sinjar e Mossul.

Os peshmerga atacaram a região de Mossul, tomando novos povoados habitados por curdos e turcomanos, tal fato, devido ao autoritarismo dos curdos dirigidos por Barzani, trouxe insatisfações por parte da população. O fato da população não conseguir diferenciar o autoritarismo dos fundamentalistas islâmicos aos dos curdos iraquianos é revelador da diferença destes em relação aos revolucionários do PKK e do PYD, cuja estratégia consiste sempre em mobilizar a população para as decisões políticas.

Enquanto os EUA participavam dos bombardeamentos às posições islamistas, a pedido de Barzani, a Turquia e o Irã atacavam curdos nas montanhas, receosos de que com a instabilidade na região, os curdos tentassem, de alguma forma, alcançar sua independência – este outro fato revela que, se por um lado esses países, mesmo que a muitas custas, consigam tolerar um Curdistão controlado pela burguesia, o mesmo é impensável para um Curdistão autogerido, controlado pela população.

O extremismo da OEI, com suas técnicas de execuções em massa, decapitações, chicotadas em praça, venda de mulheres e meninas como escravas sexuais, ou seja, a utilização do terror, ao mesmo tempo que funcionava ao fazer com que seus adversários fugissem, também aumentava a revolta da população e fortalecia o número de voluntários para combatê-los, em um efeito *boomerang*. Além disso, muitos líderes sunitas começaram a condenar suas ações e demonstrar que o que eles estavam fazendo não

tinha relação com o sunismo. Os fundamentalistas, no geral, começaram a combater os curdos, o governo do Iraque e outros rebeldes, ou seja, fazer muitos inimigos.

A partir 2015, o governo do Iraque, os curdos, forças ocidentais, Irã e Rússia realizaram fortes investidas contra os sunitas fundamentalistas. No início de 2015, o governo iraquiano e suas milícias xiitas avançaram em direção ao norte, para tentar abrir caminho até Tikrit e se aproximar de Mossul. O objetivo era liberar regiões próximas à Bagdá ainda sob controle dos militantes da OEI. As batalhas foram intensas e pesadas baixas ocorreram em ambos os lados.

Em abril, Tikrit foi oficialmente libertada. O apoio de milícias locais, militares iranianos e do apoio aéreo ocidental foi fundamental. A OEI, por outro lado, continuou resistindo, e ainda em maio conquistou a cidade de Ramadi, capital da importante província de Anbar, há 100 quilômetros de Bagdá.

Em meados de 2016, o exército iraquiano e suas milícias conseguiram tomar as cidades de Faluja e Al-Karmah, além de vilas vizinhas, na província de Anbar. Em outubro, o exército iraquiano, tropas curdas e milícias islamitas, apoiados por aviões da OTAN (encabeçados por Estados Unidos, França e Reino Unido) lançaram uma grande ofensiva terrestre para a cidade de Mossul.

A reconquista de Mossul é uma questão fundamental para impor uma derrota à Organização do Estado Islâmico. Trata-se da maior cidade nas mãos dos jihadistas, sendo o principal reduto urbano do grupo no país. Esta área contém várias estradas que interconectam o país à vizinha Síria, e é o centro nervoso de operações dos fundamentalistas.

Mossul é a terceira cidade mais populada do Iraque, apenas atrás de Bagdá e Baçorá. Ocupada desde 2014, a desconfiança da população, majoritariamente sunita, relativamente ao governo iraquiano xiita e às forças armadas corruptas facilitou a entrada da OEI. Foi nesta cidade, na Grande Mesquita de Mossul, onde ocorreu a auto-proclamação do califado. Desde então, a população diminuiu de 2,5 milhões para 1,5 milhões. Ainda assim, Mossul permaneceu a última fortaleza do Estado Islâmico no Iraque, o qual passou a sofrer diversas baixas e perder territórios durante 2016 e 2017.

O conflito para libertar Mossul foi brutal, deixando milhares de mortos e a cidade em ruínas, com sobreviventes sem ter onde morar ou morando em destroços. A batalha entre as forças iraquianas e curdas – apoiadas por ataques aéreos liderados pelos

Estados Unidos – e o grupo rebelde deixou um legado de devastação.

Ilustração 5: Mossul recuperada após 3 anos de ocupação da OEI



Fonte: BBC

As estimativas do número de mortos variam muito, de milhares para dezenas de milhares. Mais de um milhão de pessoas deixaram suas casas desde o começo da ofensiva. Bairros inteiros foram destruídos e as ruas ficaram repletas de munições não detonadas e minas terrestres. A tomada de Mossul é a maior batalha urbana vista desde a Segunda Guerra Mundial.

Todas as partes da cidade experimentaram algum tipo de dano, segundo a avaliação mais recente das Nações Unidas. A parte oeste, reconquistada em julho, sofreu mais do que a parte leste — tirada do Estado Islâmico seis meses mais cedo.

Mais da metade dos 54 distritos residenciais da parte oeste de Mossul foi danificada de forma significativa. A ONU aponta 15 deles como gravemente danificados, 23 distritos como moderadamente danificados, e outros 16 distritos como levemente danificados⁷³.

Enquanto uma análise da ONU com imagens de satélite sugere que cerca de 10 mil construções foram severamente danificadas ou completamente destruídas, acredita-se que o real nível de destruição seja maior. Levando em conta os danos a vários andares

⁷³ DUNFORD, STYLIANOU, RODGERS. As imagens e gráficos que mostram o que sobrou de Mossul após a feroz ofensiva para expulsar o Estado Islâmico, 2017. Em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-40894309>. Acesso em: 08 novembro 2017.

dos prédios, o que não é visto por satélite, a ONU estima agora que o número real de construções prejudicadas possa ser três vezes maior: 32 mil.⁷⁴

Nas últimas semanas do conflito, mais de 5 mil locais foram destruídos. Cerca de 98% destes eram prédios residenciais, em sua maioria na Cidade Antiga. A Grande Mesquita de al-Nuri também foi destruída. Cerca 130 km de avenidas foram danificados. Ataques aéreos da coalização destruíram todas as pontes que ligavam as partes leste e oeste da cidade sobre o Rio Tigre, com o objetivo de limitar a possibilidade de resistência dos jihadistas. O aeroporto da cidade, a estação de trem e hospitais também estão em ruínas. Funcionários iraquianos estimam que aproximadamente 80% do principal complexo médico de Mossul foi destruído.

Mesmo destruída, a reconquista de Mossul, em agosto de 2017, 3 anos após sua ocupação, é reveladora da derrocada iminente do autodenominado Estado Islâmico (EI), abrindo caminho para disputa pelo controle territorial entre as diferentes forças político-militares envolvidas, inclusive as curdas e iraquianas.

Esse contexto permitiu que o grupo de Barzani, bastante pressionado pela população – vale destacar –, avançasse na busca pela autonomia de sua região. Em fevereiro de 2016, Barzani já havia anunciado as intenções de realizar um referendo visando a independência do Curdistão, principalmente devido a crise econômica provocada pela queda nos preços do petróleo.

74 Ibidem.

Mapa 2: Imagem aérea revela legado de destruição



Fonte: Dados da ONU-HABITAT, Imagens de satélite cortesia de Planet

Fonte: BBC

3.1.3. O plebiscito pela independência: o caminho dos curdos no Iraque

Em 2017, os maiores partidos da região costuraram um acordo para reativar o parlamento regional do Curdistão iraquiano, visando o referendo de independência, o que ocorreu apenas poucas semanas antes da votação, realizada em 25 de setembro. Também foram programadas eleições parlamentares e presidenciais para novembro do mesmo. Apesar do provável resultado favorável à independência, não há nenhuma medida que obrigue o Governo Regional do Curdistão (KRG) a aplicar o resultado das

urnas.

A movimentação política regional e internacional sobre o referendo pode trazer grandes impactos não só para o Iraque, mas para todo o movimento curdo, principalmente na Turquia e Síria. Entretanto, o Iraque, assim como boa parte das potências regionais e globais, como Irã, Turquia, Síria, EUA e até a ONU, se posicionam contra o referendo.

A Rússia, ao contrário de suas posições anteriores, não se posicionou sobre o tema, o que mostra um apoio indireto a ele. Uma das explicações pode ser o crescente peso que adquiriu a partir do fortalecimento de Assad na Síria e de seu próprio peso na região e pelos investimentos que a estatal de petróleo russa vem fazendo no Curdistão iraquiano.⁷⁵

Em 2014, quando Barzani propôs pela primeira vez o referendo pela independência, ele sentenciou que o país já estava dividido, irritando as autoridades centrais do Iraque. Essa declaração deixou os governos vizinhos, como Turquia, Irã e Síria, em alerta devido a grande concentração da população curda regional e o receio que um sentimento separatista curdo ganhasse força em seus respectivos países. Porém, após uma mudança do governo iraquiano, houve aproximação entre os governos, selando acordos de ações cooperativas contra seu inimigo em comum: o Estado Islâmico. Esta situação fez com que o referendo ficasse fora dos planos imediatos de Barzani.

Além disso, uma das razões para a preocupação das potências regionais e sobretudo internacionais em relação ao referendo está ligada ao petróleo. Desde a crise entre a KRG e o governo central do Iraque, em 2014, Barzani aumentou a guerra fiscal pela exploração e comercialização pelos barris de petróleo na região. Passou a negociar com empresas de exploração petrolífera, como Exxon Mobil, Chevron e Total, de forma independente do governo central iraquiano, gerando a revolta de Bagdá.

A produção de petróleo era transferida através de um oleoduto direto ao porto turco de Ceyhan, no Mediterrâneo. As transações eram realizadas por um banco turco, onde, segundo os curdos, 17% do lucro das vendas ficavam com KRG e o restante era destinado ao governo iraquiano⁷⁶.

75 CORREIA. Iraque: incertezas em torno do referendo no Curdistão, 2017. Em:

<<https://esquerdaonline.com.br/2017/09/21/iraque-incertezas-em-torno-do-referendo-no-curdista/>> Acesso em: 08 novembro 2017.

76 Ibidem.

Atualmente, o Curdistão Iraquiano vem sofrendo uma grave crise econômica, reflexo dos altos custos empreendidos na guerra contra a OEI, levando boa parte da população curda a condições miseráveis. As contradições entre o potencial econômico que podem desenvolver de forma independente ao Iraque tem fortalecido o sentimento nacionalista por autonomia curda, o qual impulsiona o referendo⁷⁷.

A falta de apoio internacional deixou Barzani em uma encruzilhada, tentando de um lado mediar as relações com Turquia, principalmente pela dependência do litoral turco para escoar sua produção, e Irã, ao mesmo que tenta manter o apoio popular ao seu governo.

As relações com Bagdá despencaram. A Suprema Corte do Iraque exigiu do KRG que não fizesse o referendo, alegando inconstitucionalidade, mas Barzani ignorou a ordem, devido a falta de garantias e de alternativas econômicas, e se manteve inflexível para a realização do referendo, alegando que o artigo 140 da constituição garantia que as situações das áreas disputadas deveriam ser decididas pela vontade popular.

As tensões chegaram a ponto do governo iraquiano advertir que estava preparado para uma intervenção militar na região do Curdistão, caso fosse necessário. O primeiro-ministro iraquiano, Haider al-Abadi, alegou que o referendo poderia resultar em violência contra seu povo, pois desrespeitava as fronteiras geográficas previstas na Constituição.

Desta forma, o parlamento iraquiano aprovou em 14 de setembro a demissão do governador da província de Kirkuk, que além de favorável a independência curda, decidiu que província participaria no referendo do dia 25. Em resposta, o KRG anunciou o fim da parceria com Bagdá, aprovando em seu parlamento, no dia 15 de setembro, a realização do referendo, aprovado por 65 dos 68 parlamentares presentes. Com a iminente queda dos redutos do EI, a relação entre Bagdá e KRG se tornou ainda mais explosiva devido à disputa territorial.

No plano internacional, o Irã tem sido contra não só ao referendo, mas a qualquer tipo de projeto de independência curda. O histórico de grandes conflitos internos e externos entre o governo iraniano e os curdos, faz com que a possibilidade de um estado independente curdo em sua fronteira seja uma fonte de grande preocupação. No início de setembro, a divisão militar xiita Imam Ali, apoiada pelo Irã, localizada no Iraque, anunciou que atacaria Kirkuk em caso de anexação pelo Curdistão Iraquiano. Os iranianos temem que o referendo gere instabilidade na região e possa ser capitalizada pelos EUA e Israel, uma das únicas potências a apoiar o referendo e um Estado curdo independente.

⁷⁷ Ibidem.

Os EUA, por sua vez, afirmam que o referendo prejudicaria o combate ao EI, colocando-se à disposição para ser mediador do conflito entre Bagdá e Erbil. Os norte-americanos têm medo de que com a aprovação do referendo, o governo iraquiano sob o comando de Abadi, considerado por alguns setores curdos como “marionete” dos EUA, perca força para nas eleições gerais de abril de 2018, podendo resultar na perda de influência da região – e consequente aumento da influência do Irã. O Secretário-Geral da ONU, Antonio Guterres, também apelou para os curdos do Iraque para que não fizessem o referendo, com a principal justificativa de que atrapalharia a guerra contra a OEI.

A Turquia radicalizou suas posições conforme a aproximação do referendo, de modo que suas ações têm sido cada vez mais duras contra sua realização. Contrariando as últimas declarações e ações, o governo turco tem um histórico de apoio implícito ao KRG, sobretudo porque se beneficiava das transações comerciais de petróleo, como dito anteriormente. A propaganda realizada contra os curdos em solo turco, vem aumentando o ultranacionalismo turco e as posições xenófobas em relação aos curdos.

No último dia 18 de setembro, a Turquia chegou a realizar exercícios militares na fronteira com o Curdistão iraquiano, deslocando para a região uma grande quantidade de unidades militares. Apesar de declarar que exército turco estava realizando operações de segurança interna, a quantidade desproporcional de forças militares utilizadas foi considerada como um claro aviso ao KRG em relação ao referendo.

Mesmo com toda pressão interna e internacional, em 25 de setembro o plebiscito foi realizado. O “sim” pela independência ganhou o referendo com 92%, mas Barzani já havia deixado claro que isso não significaria um processo imediato, mas que iniciaria uma “conversa séria” com Bagdá. Logo após, ameaçadas de invasão e ocupação dos territórios curdos no Iraque começaram a ser feitas principalmente pelos governos de Bagdá⁷⁸ e Ancara.

Desta forma, o Curdistão iraquiano, com suas fronteiras com a Turquia, Síria e Irã, deve enfrentar animosidade dos vizinhos nos próximos meses. O KRG, estabelecido em 1992, com as regiões de Duhok, Erbil, Sulaimaniya e Halabja atualmente fazendo parte de seu território oficialmente, precisará proteger suas fronteiras dos ataques externos.

O Curdistão iraquiano, que tem funcionado como uma democracia parlamentarista, conta com uma população aproximada de 5,2 milhões de habitantes. Possui uma capital

78 ESPINOSA. Iraque anuncia retomada de região dominada por curdos desde 2014, 2017. Em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/18/internacional/1508318670_332361.html>. Acesso em: 08 novembro 2017.

própria, Erbil, e as forças militares do exército Peshmerga, a qual conta com mais de 200 mil soldados.

Como região semiautonomia, ela continua a pertencer ao Iraque. Deste modo, seu orçamento, o qual é distribuído pelo governo federal iraquiano, poderá sofrer comprometimentos. Além disso, boa parte dos armamentos e equipamentos que seu exército utiliza em seus combates era fornecido por potências estrangeiras, o que pode deixar de acontecer haja vista a posição contrária que a maioria delas assumiu em relação ao plebiscito.

O Curdistão iraquiano também tem áreas “não-oficiais” no Iraque, as quais estão sob controle dos Peshmerga, além de outros territórios reivindicados pelo KRG. Estas regiões não-oficiais que estão ou sob controle dos Peshmergas ou sob contestação do governo curdo iraquiano, tem sua origem nas derrotas impostas à OEI, onde foram expulsos pelas forças militares do KRG. Entretanto, diante o enfraquecimento dos rebeldes e a realização do plebiscito, o Iraque reivindicou novamente essas áreas.

Assim, o primeiro-ministro iraquiano, Haider al Abadi, ordenou que o exército recuperasse os territórios ocupados pelas tropas curdas em 2014, quando os soldados iraquianos recuaram fugindo do avanço da Organização do Estado Islâmico (EI). Surpreendentemente, os peshmerga não ofereceram resistência⁷⁹.

Tal fato levou a surgirem boatos de que o plebiscito havia sido um acordo secreto entre as forças de Barzani e os governos de Bagdá e Teerã. Bafel Talabani, filho do fundador da União Patriótica do Curdistão (UPK) e possível nova liderança do partido, dado o recém-falecimento de seu pai, Jalal Talabani, condenou o plebiscito, afirmando que o mesmo havia trazido o maior desastre da história curda, se referindo à perda de 40% do território da região. Barzani e as lideranças do peshmerga negaram energeticamente a suposta traição. A posição de Talabani e do UPK também pode ser explicadas devido sua proximidade com o Irã, a qual não pode deixar de ser levada em consideração⁸⁰.

Embora o empobrecimento devido às percas na receita do petróleo, o Curdistão iraquiano é uma região que conseguiu se desenvolver bastante devido sua perceptível segurança enquanto o restante do Iraque afundava na guerra civil. Deste modo, desde

79 ESPINOSA. “Nós, árabes, estamos sendo discriminados”, 2014. Em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/15/internacional/1402856111_146347.html>. Acesso em: 08 novembro 2017.

80 Ibidem.

2003, a região passou por momentos de êxito e progresso.

Sua cultura voltou a florescer, assim como sua língua foi recuperada e passou a ser o idioma oficial do território, em sua variação no dialeto sorâni, também chamado de curdo central. As mídias próprias, com a existência de diversos canais regionais com programação inteiramente em língua curda colaboraram para este cenário.

As duas principais formas da língua curda, o sorâni e o curmânji, são ensinadas nas escolas e universidades da região, junto com o árabe. Antes do estabelecimento do governo regional, em 1992, apenas o árabe era ensinado. Em 2006, foi aberto o primeiro colégio internacional no Curdistão, o International School of Choueifat, o qual possui unidades em vários países do Médio Oriente. Outras redes internacionais também se estabeleceram, posteriormente. A região conta hoje com 11 universidades públicas e diversas universidades particulares, a maioria aberta após 2003. É este legado que os curdos iraquianos lutarão para preservar ao mesmo tempo que procuram avançar na sua luta por autonomia.

3.2. Os cantões curdos – Avanço do projeto confederalista democrático no Norte da Síria

No poder há 50 anos, sendo 40 de comando absoluto dos Assad, o partido Ba'ath se caracteriza por uma mescla de políticas repressivas, relações clientelistas, nacionalismo pan-arabista e algumas políticas de cunho social, que mascaram o caráter autoritário do regime. Neste período, crimes e violações dos direitos humanos, como detenções, torturas, desapareções e assassinatos de milhares de opositores, sejam eles políticos, ativistas, comunistas, curdos ou muçulmanos, ditaram a maneira de lidar com qualquer forma de resistência ou oposição.

Antes da Primavera Árabe, conformaram-se 2 campos geopolíticos no Oriente Médio, um campo pró-EUA, constituído por Egito e Arábia Saudita, e outro campo chamado de resistência, composto pelo Irã, Síria, Hamas na Palestina e Hezbollah no Líbano, contemplado pela relação boa e estável entre Irã e Síria há 30 anos.

Durante a guerra do Iraque e a resistência demonstrada por sua população, a invasão da Síria, desejada por Bush com objetivo de deposição do regime desde 2001, precisou ser postergada. Desta forma, a Síria ficou isolada durante esses anos. O regime Baa'ath acabou se tornando uma espécie de bastião da resistência na região por sua

oposição a Bush e apoio ao Hezbollah e Hamas, de modo que até a oposição da Irmandade Muçulmana foi suspensa temporariamente. Tal conjuntura fez com que Assad achasse que a Primavera Árabe não chegaria à Síria. No entanto, a crise, que não pode ser reduzida a sua dimensão geopolítica, evoluiu no decorrer dos anos, a medida que o regime se sustentava em autoritarismo, arbitrariedades, pilhagem de riqueza e uma liberalização da economia que acentuou ainda mais as desigualdades, como coloca Alain Gresh (2012).⁸¹

No campo econômico, políticas de divisão desigual da riqueza de modo a favorecer certas etnias e tribos com maior afinidade com o regime criaram tensões que ajudaram a controlar a população. Os curdos, que na Síria somam entre 2 e 3 milhões de pessoas, viviam em 3 zonas, Efrin, Kobane e Cizire, além de estarem em grande quantidade em Aleppo.

Como visto, a política da família Assad em relação aos curdos têm sido ambígua: apoio estratégico ao PKK em suas ações na Turquia e hostilidade aos curdos sírios. A partir de 2008, por exemplo, foi determinado que Rojava só poderia produzir trigo e petróleo. Desta forma, Rojava passou a concentrar 70% da produção de trigo do país, de modo a se tornar o celeiro da Síria. Ao mesmo tempo, foi proibida a construção de moinhos para moer e processar o trigo, pois as atividades da região deveriam se limitar ao âmbito agrícola, enquanto as demais etapas deveriam ser realizadas em outras partes do país. Na extração de petróleo ocorreu o mesmo, impossibilitando-se a construção de refinaria dentro do território curdo. Soma-se a isso uma lei promulgada que proibiu a construção de qualquer edifício de grande dimensão.⁸² Isto dá uma visão do cenário dos escassos recursos curdos na Síria.

Em relação aos serviços, a política aplicada era de negligência. Com serviços hospitalares precarizados, e no campo educacional, permissão apenas de escolas primárias e secundárias, sendo proibido as escolas de ensino superior. Desta forma, consolidou-se uma vida de miséria para a população curda da região, além de torná-la uma das regiões menos industrializadas e desenvolvidas, levando muitos curdos a migrarem.⁸³

Aos curdos eram reservados os piores empregos, com os trabalhos mais pesados

81 GRESH. As revoluções árabes e o caso da Síria, 2012. Em: <<http://diplomatie.org.br/as-revolucoes-arabes-e-o-caso-da-siria/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

82 VÁZQUEZ, Jordi. et al., 2016, p. 101 – 120.

83 Ibidem.

e de pior remuneração. Estima-se que os curdos são os 60% dos pobres da Síria, sendo que são 15% da população, seguindo o Dr. Ahmad Yousef, ministro da economia de Efrin⁸⁴. Tal situação de miséria também se estende para a maior parte da população síria, empobrecida em detrimento de relações clientelistas para enriquecimento da burguesia nacional. Nos últimos anos, devido as reformas neoliberais de privatização e desregulamentação, as poucas políticas sociais existentes foram eliminadas.

Entretanto, ao mesmo tempo que reprimiu e foi responsável por políticas de empobrecimento e apagamento dos curdos, o regime ba'athista permitiu que Abdullah Ocalan e o PKK instalassem bases em seu território durante a década de 90. Neste período, muitos curdos da Síria se uniram às guerrilhas, experiência que foi fundamental para as batalhas que os curdos enfrentaram no futuro.

Entretanto, em 1999, a Turquia enviou um ultimato à Síria, exigindo a expulsão do PKK de seu território de modo que o não cumprimento acarretaria na entrada do exército turco no país. Na retirada do PKK do território, Ocalan foi preso em uma emboscada do serviço secreto turco.

Depois disso, a repressão aos curdos foi intensificada na Síria. O povo curdo se viu obrigado a se auto-organizar e se defender, criando então estruturas de contrapoder, seguindo o paradigma do confederalismo democrático desenvolvido por Ocalan e pelo PKK, o que demonstra o papel da tecnicidade para manuseio dos recursos e alcance do objetivo dos curdos. Isto leva à fundação do Partido da União Democrática (PYD), em 2003, o qual rapidamente ganhou forças e se tornou a principal organização dos curdos na região.

No entanto, manifestações em Qamislo, em 2004, levaram a morte de 30 curdos desarmados por forças da repressão síria. Deste evento surgiu a necessidade de organizar unidades de autodefesa, as YPG (Yekineyên Parastina Gel, Unidades de Defesa Popular, em tradução livre). Tal nível de organização fez com que os curdos já contassem com os primeiros conselhos e comitês de base prontos anos antes das revoltas tomarem conta da Síria, o que qualitativamente os diferenciou e criou vantagem em relação ao restante da oposição síria. A auto-organização dos curdos e suas milícias de auto-defesa podem ser entendidos como os recursos conquistados pelos curdos em sua batalha por autonomia.

84 Ibidem, 104.

Os efeitos da Primavera Árabe começaram a ser percebidos em 2011. O acontecimento que fez estourar a revolta foi a detenção, em Daraa, de estudantes que pintaram suas escolas em solidariedade às revoltas no Egito e Tunísia, que a esta altura já eram referência para o povo sírio. Após serem torturados por dias, seus familiares foram humilhados enquanto pediam a libertação de seus entes. A partir disso, protestos se espalharam por todo o país e milhares foram às ruas para exigir liberdade e justiça. A resposta do regime foi a repressão, inclusive com bombardeios, fazendo as mortes de civis se acumularem.

A partir de junho de 2011, milícias se organizaram para se defender dos ataques nas manifestações. A resposta do governo às mobilizações foi a intensificação da repressão. Longe de encerrar os conflitos, a repressão estatal indignou a população e provocou protestos cada vez maiores, levando o governo sírio, com o objetivo de encerrar a rebelião, a enviar tropas para as cidades revoltosas.

A corrupção e a repressão fez com que comesçassem a ocorrer deserções no exército, de modo a se formar o Exército Livre da Síria (ELS). É esse aglomerado de grupos milicianos aliados aos desertores do exército que em um primeiro momento formaram o ELS. Esses grupos começaram a libertar regiões do país, que sucumbiu em uma guerra civil.

Ainda em agosto de 2011, Obama, então presidente dos Estados Unidos, e a União Europeia, pediram que Assad deixasse o poder. Concomitantemente, a oposição se reuniu no exterior em uma única organização representativa chamada de Conselho Nacional Sírio. Em outubro, Rússia e China vetaram uma resolução das Nações Unidas (ONU) condenando o regime ba'athista.

No ano seguinte, as potências ocidentais passaram a considerar o Conselho Nacional Sírio como única representante do povo sírio. Também começaram a chegar à Síria cada vez mais grupos de jihadistas estrangeiros para lutar contra Damasco. A favor do governo, o movimento xiita Hezbollah enviou militantes para defender o regime de Assad. Deste modo, o conflito passou também a abranger aspectos de natureza sectária e religiosa, de modo que diversos grupos da oposição além de combater o governo, passaram também a se atacar. E assim como no Iraque, os conflitos ataçaram a rivalidade entre sunitas e xiitas.⁸⁵

85 Ibidem, p. 101 – 120.

Em um primeiro momento, os protestos e lutas armadas foram conduzidos pelo povo auto-organizado e setores progressistas da sociedade, porém, devido a geoestratégias de algumas potências internacionais e regionais, como EUA e Qatar, grupos fundamentalistas islâmicos ganharam força dentro do ELS, recebendo financiamento e apoio. Esses grupos foram retirando paulatinamente os demais grupos opositores, causando uma fagocitose no ELS. Assim, setores tão ou até mais reacionários que o regime de Assad aparelharam a oposição síria.

O governo também usou da ameaça confessional para assustar as minorias religiosas cristãs e alauitas. De qualquer forma, o relato de Zênobie (2011) das primeiras manifestações que ocorreram na Síria na época demonstravam os reais interesses da população:

O último grande repertório é o da dignidade da pessoa e do cidadão. Um ronco de cólera se espalha: “Ninguém pode insultar o povo sírio” (“Al-chaab al-suri ma byandhal”). O martírio lava a humilhação e restitui ao ser humano as virtudes de homem e de crente, virtudes historicamente postas no panteão dos heróis nacionalistas e dos santos: “Antes a morte que o aviltamento” (“Al-mawt wa lâ-l-madhalleh”). No começo da intifada era comum, durante as reuniões em família ou entre amigos, à noite, ouvir os integrantes da oposição saudar qualquer pessoa que vinha de Daraa ou de sua região com estas palavras: “Você ergueu nossa cabeça”, ou seja: “Você nos restituiu a dignidade” (“Rafa’tu-l-na ra’sna”). A população insurgente se une também para reagir às acusações de divisão, violência e complô. Ela proclama seu desejo de pacifismo, de unidade, e seu repúdio ao confessionalismo: “Um, um, o povo sírio é uno!”; “Pacificamente, pacificamente, muçulmanos e cristãos, pacificamente, pacificamente, não, não ao confessionalismo!”, “Não à violência, não ao vandalismo!”. Nas áreas em que foram perpetradas provocações comunitárias, os slogans e faixas contestam: “Sunitas, curdos e alauitas, queremos a unidade nacional” (“Sunni wa kurdi wa ‘alawiyya, badna wahdah wataniyyah”). O medo fomentado pelo poder no meio das minorias (cristã, alauita etc.) baseia-se na alegação de que essa revolta seria manipulada pelos islâmicos. Nesse caso, também os manifestantes respondem: “Nem salafistas, nem da Irmandade [Muçulmana], vivam os homens corajosos!”, “Árabes e curdos contra o salafismo”, “Nossa revolta é a revolta da juventude, nada de salafismo nem de terrorismo”, “Nem América do Norte nem Irã, deixem-nos viver em paz”. Ouvem-se também respostas diretas, digamos assim: “Não somos nem da Irmandade [Muçulmana] nem agentes estrangeiros, somos todos sírios, muçulmanos e alauitas, drusos e cristãos” (“Nahna ma ‘anna ikhwân wa lâ

Desde o início, os curdos já percebiam a presença da Irmandade Muçulmana nos conflitos. A este grupo, de tendência islamista sunita moderada e democrática, os curdos creditaram um papel central na Primavera Árabe, ao mesmo tempo que acreditavam que ele também servia como instrumento do ocidente para desestabilizar regimes na região. Além disso, as suspeitas acerca do financiamento desta entidade, a qual alguns acusam de receber recursos do Qatar e da Arábia Saudita, gerou tensões. As suspeitas também se estenderam a possíveis integrantes de serviços secretos ocidentais infiltrados dentro da oposição. Desta forma, a possibilidade de existirem no movimento agitadores profissionais ou fanáticos religiosos com interesses antagônicos ao da população síria erodiu aos poucos o grupo de oposição a Assad.

A oposição também tem reservada sua parcela de responsabilidade, pois sua incapacidade de garantir boas perspectivas fez com que perdesse apoiadores. Os curdos, por exemplo, foram os primeiros a se afastar quando o Conselho Nacional Sírio se recusou a garantir seus direitos. Atento às divisões da oposição, o regime do Baa'ath permitiu que o PKK relançasse suas atividades na região.

Assim, o Conselho Nacional Sírio foi perdendo força e legitimidade, sendo contestado por opositores, sofrendo rachas internos e passando a ser rejeitado nos comitês locais. Dominado pela Irmandade Muçulmana, dependente dos países ocidentais e das monarquias do Golfo, mesmo escondido atrás de uma fachada liberal, a rejeição ao CNS aumentou entre a população. A oposição perdeu força e se tornou incapaz de derrubar o governo, ao mesmo tempo que uma intervenção militar internacional foi vista como algo que acentuaria a radicalização, colocando a Síria em um impasse. (Alain Gresh, 2012)

Neste momento, a prévia organização dos curdos se revelou como uma peça-chave, pois permitiu que eles se revoltassem com objetivos claros, formas organizacionais já sedimentadas e com coesão interna, o que lhes deu possibilidade de enfrentarem inimigos externos e evitarem lutas internas. Enquanto isto, os protestos da Primavera Árabe e da Síria contavam com reivindicações muito abstratas como “liberdade, igualdade e justiça” e sem um programa claro pra ser posto em prática.

86 ZENOBIÊ. Slogans da intifada síria, 2011. Em: <<http://diplomatie.org.br/slogans-da-intifada-siria/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

Os protestos passaram a ganhar cada vez mais um contorno de guerra civil aberta. Diversos bairros e povoados passaram a controlar seus próprios territórios, o que ao mesmo tempo contribuiu para entrada de mercenários vindos pela Jordânia e Turquia. O governo sírio resistiu, mas precisou se isolar nas cidades, de modo a abandonar o campo e as cidades menos centrais, as quais foram tomadas por milícias.

Com o auxílio militar da Rússia, o regime Assad sobreviveu a 2012. Os partidários do governo se concentraram em regiões de maioria cristã, drusa ou xiita, enquanto a oposição predominava nas áreas de maioria sunita.

A partir de 2013, a guerra ganhou novas proporções. Em janeiro, Raqqa foi ocupada pelas primeiras células da Organização do Estado Islâmico após retirada da oposição. As ofensivas se radicalizaram e passaram a contar com materiais bélicos mais potentes. O Exército Sírio se refez, enquanto o Exército Livre se tornou ainda maior. Pelas novas fronteiras, mais e mais jihadistas – que caso não tenham contado com o apoio explícito, contaram ao menos com a vista grossa de países como Turquia, Qatar e Arabia Saudita – foram engrossando o conflito.

O apoio da Rússia e resistência demonstrada por Damasco fizeram o número de mercenários declinar. Assim, outras formas de recrutamento foram se estabelecendo, a maior parte delas envolvendo recrutamento de prisioneiros condenados a morte, islamistas radicais da Península Arábica e fundamentalistas da Líbia, Tunísia, Egito, Jordânia e até Palestina. Deste modo, os revolucionários foram se afastando – e sendo afastados – dos campos de batalha e substituídos por grupos religiosos. Os poucos líderes laicos que não aderiam às ordens do fundamentalismo islâmico foram executados; a revolução política, afundada.

Os curdos não viam boas perspectivas em nenhuma das opções abertas pela dicotomia entre o regime ba'athista e a oposição. Enquanto o regime já vinha oprimindo os curdos há décadas, a opinião da maioria do ELS sobre os curdos não era muito distinta, ao mesmo tempo que o grupo passava por um processo intenso de islamização radical ou cooptação por interesses ocidentais.

Assim, os curdos optaram pela terceira via: não apoiar nenhum dos dois, declarar autonomia em suas regiões e defende-lá dos ataques externos, como explica Yousef: “Respondíamos que nós implementaríamos o nosso modelo de fundação democrática sem derramamento de sangue e que nossa porta estava aberta àqueles que quisessem

se unir.”⁸⁷

As regiões curdas já haviam sido liberadas do controle governamental pelo YPG desde 2012. Isto foi obtido de forma relativamente pacífica na maior parte do território. Existem controvérsias em relação a este acontecimento, alguns falam em pacto com o regime, enquanto outros sustentam que as forças de milícia curdas estavam tão moralizadas que o regime não teve outra solução a não ser bater em retirada. Zaher Baher⁸⁸ acredita em um meio termo. Para o anarquista curdo, as forças do YPG eram, de fato, mais numerosas e experientes que a maioria dos grupos do ELS, além do mais, o regime já imaginava que os curdos não entrariam em conflitos fora de suas áreas e nem apoiariam o ELS. Assim, o governo sírio ficaria livre para utilizar suas tropas onde era mais necessário, como Damasco, onde havia uma ofensiva de rebeldes, e desta forma economizaria recursos econômicos e humanos. Desta forma, criou-se uma situação de nem paz e nem guerra. No cantão de Cizire, por exemplo, onde havia mais de 7 mil soldados governistas no controle de alguns bairros, nenhum combate significativo ocorreu.⁸⁹

No começo da revolta, 2 organizações se destacaram nos territórios curdos: O PYD e os partidos pró-Barzani. Desde 2002, a tensão entre os grupos era forte e havia risco de conflito armado. Então, uma aliança foi forjada entre os grupos para evitar confrontos, sendo criado assim o Supremo Conselho Curdo (SCC), de modo a contemplar cada grupo com metade dos representantes. O YPG foi colocada sob comando do SCC, e seu objetivo era de proteger Rojava, enquanto demais grupos armados foram proibidos para evitar lutas internas.

O peso dos grupos em torno do PYD aumentou com o tempo de modo a anular peso da SCC. Ainda assim, isto não fez com que os revolucionários curdos pedissem independência, pois estavam preocupados com uma solução pacífica e democrática para toda Síria. Além disso, procuraram fazer aliança com elementos da oposição síria de modo a avançar no projeto de confederalismo democrático em todo país. Por exemplo, quando as tropas do governo se retiraram, as estruturas do regime foram removidas sem nenhuma forma de retaliação aos funcionários e organizações alinhadas com Assad. Os curdos procuravam manter o povo unido dentro de sua própria diversidade. É interessante destacar como é exatamente o oposto do que foi feito com os antigos funcionários de

87 VÁZQUEZ, Jordi. et al., 2016, p. 101 – 120.

88 Ibidem.

89 Ibidem.

Saddam Hussein quando este foi deposto na invasão do Iraque.

Até 2013, YPG e YPJ expulsaram as forças governamentais de diversas áreas e poucos conflitos ocorreram com o ELS. A posição mantida foi de neutralidade. Entretanto, Rojava seguia sendo ameaçado pela Turquia, que considera o PKK uma organização terrorista e o combate há 30 anos. Por não aceitar áreas libertadas em suas fronteiras, o governo de Ancara fechou suas fronteiras e declarou embargo, além de reprimir qualquer demonstração de solidariedade no território turco.

Além disso, o Curdistão do Iraque, comandado por Barzani, devido sua pouca influência entre os curdos sírios, também não viu com bons olhos o projeto político de Rojava, principalmente a medida que os conselhos populares não pararam de crescer. A rivalidade persiste entre as lideranças curdas com projetos diferentes para a população e o fato de Barzani ser aliado da Turquia também são complicadores. Cercado por forças hostis e com um embargo econômico, restou à Rojava a autossuficiência.

Com a preparação e organização conduzidos pelos partidários do Confederalismo Democrático, quando as estruturas estatais desapareceram da região, a situação não se encaminhou para o caos. Para coordenar os grupos foi criado o Tev-Dem (Tevgera Civaka Demokratik, Movimento para uma Sociedade Democrática, em tradução), uma coalização de indivíduos e coletivos com o objetivo de implementar o Confederalismo Democrático. O Tev-Dem formou um sistema de conselhos populares baseado na democracia direta, a partir de grupos, assembleias, comitês e comunas, para abarcar todos aspectos possíveis da vida: mulheres, economia, saúde, educação, entre outros.

Ao mesmo tempo, conforme se afastaram os elementos revolucionários do conflito na Síria, o controle passou às mãos dos jihadistas. Deste modo, em meados de 2013, os grupos islamitas lançaram ataques sistemáticos contra o território curdo, o qual ficou vulnerável a medida que o governo sírio deslocou suas tropas para proteger suas cidades mais ricas e importantes. Até então se mantendo à margem do conflito, os curdos passaram a formar milícias de autodefesa para controlar seus territórios e implantar um processo autogestionário de transformação cultural e social.

As instabilidades na região continuaram durante todo 2013. Ataques-químicos nos subúrbios de Damasco ceifaram a vida de dezenas de civis sem que a autoria fosse conhecida. A Liga Árabe e o ocidente trataram logo de responsabilizar Assad. Rússia defendeu enfaticamente que o ataque se tratava de uma farsa da oposição para

incriminar o governo sírio. O jornalista Seymour Hersh, por sua vez, acusa o Estado da Turquia de ter arquitetado o ataque e contado com a complacência dos EUA e o Reino Unido.⁹⁰

Estados Unidos e Rússia chegaram a um acordo para eliminar o arsenal tóxico do regime sírio. Foi neste mesmo período que a Organização do Estado Islâmico ganhou destaque por suas ações, tanto na Síria quanto no Iraque. No Iraque, no Paquistão, na Líbia e na Tunísia grandes fugas de prisioneiros foram organizadas, e como principal responsável foi apontada a al-Qaeda. Concomitantemente, um golpe militar no Egito derrubou o governo eleito da Irmandade Muçulmana, provocando um duro golpe na via do islamismo democrático. O que também levou o Qatar a se afastar da guerra na Síria.

Na Síria, os grupos jihadistas são de longe o maior perigo para os curdos. Durante 2013, os ataques da Frente al-Nusra e da OEI foram constantes. Eles se concentravam em ataques a outros grupos rebeldes ao invés de atacarem o Assad. Os combatentes se concentraram nos cantões de Cizire e Kobane. Assim como os curdos, a OEI parecia mais preocupada em garantir controle territorial do que derrubar o governo.

A OEI adotou a partir de 2014 uma estratégia de retaguarda, preocupando-se mais em controlar os territórios que ocupava após os conflitos do que com Assad. A esta altura, este grupo contava com combatentes estrangeiros de todo o mundo – chechenos, daguestaneses, paquistaneses, tadjiques, chineses, uzbeques, indonésios, malaios, e até mesmo norte-americanos e europeus –. Os conflitos entre as forças do Hezbollah e a OEI se intensificaram. Algumas cidades, como Homs, foram recuperadas por Damasco com a ajuda dos combatentes xiitas após invasão da OEI.

As forças do PYD e as milícias YPG e YPJ – exército das mulheres curdas – entraram na batalha para se defenderem dos ataques jihadistas. Com a experiência e confiança que ganharam com as batalhas, os grupos de combate cresceram. Apoiados por milicianos turcos experientes, os curdos passaram a vencer diversas batalhas e conquistar todos os territórios de maioria curda atacados pelo jihad.

A luta entre os curdos e as forças da Organização do Estado Islâmico era desigual. A OEI superava os combatentes curdos em número e em armamento. Contavam com armas pesadas, tanques, artilharia, em sua maioria capturados do peshmerga, das forças iraquianas, ou recebidos de seus aliados, Qatar e Turquia; já as forças curdas, o YPG e o

⁹⁰ Em: <<https://www.lrb.co.uk/v36/n08/seymour-m-hersh/the-red-line-and-the-rat-line>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

YPJ, por sua vez, contavam com armamentos leves, antigas AK-47 e projeteis antitanque RPG, além de não contarem com o apoio de nenhuma potencia regional ou internacional. Contavam apenas com a solidariedade popular e conseguiam repelir, com muitos sacrifícios, os jihadistas.

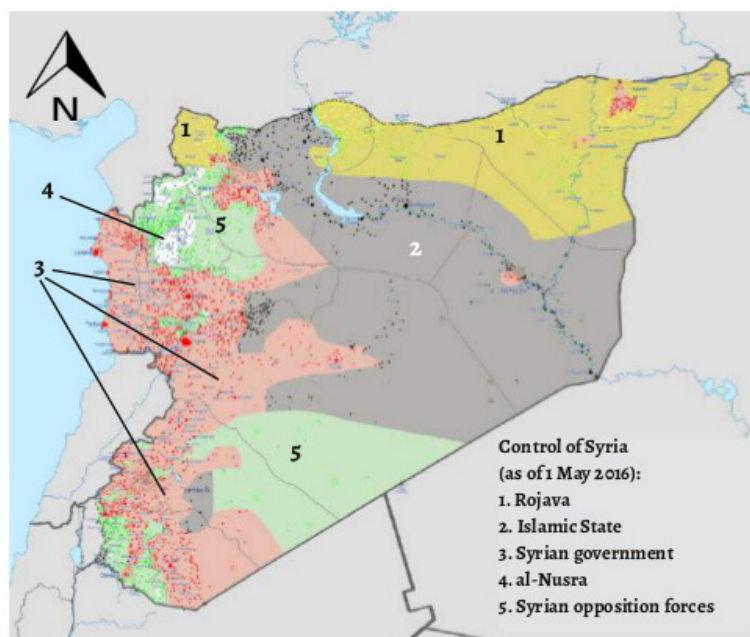
Em agosto, a Organização do Estado Islâmico proclamou um “califado” englobando seus territórios na Síria e no Iraque. Em setembro, uma coalizão liderada pelos EUA passou a bombardear as posições do Estado Islâmico.

Os revolucionários de Rojava também intervieram na região iraquiana do Sinjar. Quando, em 2014, essa região habitada por minoria yazidi, foi abandonada pelo peshmerga, acabaram ficando à mercê dos ataques da OEI. Os fundamentalistas islâmicos massacraram a população e capturaram mulheres para vendê-las como escravas sexuais. Neste momento, as forças do YPG e YPJ penetraram o território iraquiano e lutaram contra a OEI, ao mesmo tempo abrindo um corredor humanitário pelo qual cerca de 100.000 yazidis conseguiram fugir para Rojava.⁹¹

A OEI não perdoou este fato, e meses depois proferiu um ataque a Kobane, na Síria, com força total. Enviaram suas tropas de elite, chechenos e daguestaneses, calejados de lutas contra a Rússia, armados com melhor armamento disponível, incluindo tanques e morteiros. Foi quando no Iraque, Mossul, cidade de quase 2 milhões de habitantes, caiu nas mãos do grupo sunita em 2 dias. Kobane tem pouco mais de 60 mil habitantes, mas com os refugiados recém-chegados, somava quase 300 mil civis. E então, cerca de 9 mil milicianos da OEI participaram da investida contra 2 mil guerrilheiros e guerrilheiras do YPJ e YPG.

91 THAROOR. A U.S.-designated terrorist group is saving Yazidis and battling the Islamic State, 2014. Em: <<https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/08/11/a-u-s-designated-terrorist-group-is-saving-yazidis-and-battling-the-islamic-state/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

Mapa 1: Conflitos na Síria: países divididos em diferentes territórios sob controle de diferentes grupos, como curdos, OEI, oposição e governo sírio



Fonte: Corporate Watch, 2016.

Nada permitia supor que Kobane resistiria: mal armados, muitas vezes restavam atos de heroísmo, como morrer para manter sua posição, ou como no caso de combatentes do YPJ (exercito feminino) que se sacrificaram com explosivos se jogando em baixo dos tanques para deter seus avanços. Algumas unidades do ELS se uniram às milícias curdas. EUA, liderando uma coalização internacional, participa bombardeando bases da OEI, mas de forma limitada, haja vista a pressão diplomática exercida pela Turquia para evitar apoio à Rojava. Todos esses atos somados fazem com que a cidade resista.

OEI foi ganhando terreno, e no começo de novembro controlava 60% da cidade de Kobane. Na ocasião, chegaram os peshmerga para proteger a cidade, trazendo importantes armamentos pesados para auxiliar a derrotar os blindados da OEI. Então os bombardeios contra o grupo sunita se intensificam, de modo que aos poucos a cidade se recuperam. Assim, após meses, em 27 de janeiro de 2015, Kobane é declara vitoriosa. As forças da OEI finalmente se retiraram.

Ainda em 2014 foi declarada a Autonomia Democrática e proclamada a criação de 3 cantões: Efrin, Kobane e Cizire, cada um com independência para tomar suas decisões. Também foram criadas as Autoadministrações Democrática (AD), uma espécie de corpo executivo para pôr em prática as decisões. Assim, estabeleceu-se 3 cantões independentes na região norte da Síria, conhecida até então como Rojava – em 2017, após um processo democrático decidiu que o território passaria a se chamar Federação Democrática do Norte da Síria, o motivo elencado era contemplar as demais minorias presentes na área e não impor uma identidade curda.⁹²

Em outros cantões a situação não foi tão desesperadora como em Kobane. Em Efrin houve certa tranquilidade, sendo o principal problema a chegada de cerca de 500 mil refugiados da guerra, procurando uma área tranquila. Em Cizire, até a vitória de Kobane, os combates contra os jihadistas não haviam sido tão importantes, mas a partir daquele momento, YPG e YPJ aproveitaram para recuperar terrenos perdidos. Foi neste cantão que pode ser observado a mudança mais radical na relações sociais e onde puderam ser percebidos os frutos do processo revolucionário.

3.2.1. O confederalismo democrático

O confederalismo democrático tem sido o formato político adotado nos cantões curdos, cuja principal característica é a autogestão territorial e econômica. Neste modelo, a tomada de decisões é realizada através da democracia direta, ou seja, assembleias locais e regionais que se estruturam de baixo para cima. O desaparecimento do Estado que forneceu as condições para que um novo modelo de sociedade se desenvolvesse.

O processo de tomada de decisão funciona da seguinte forma: conselhos populares, criados pelo Tev-Dem, estão na base da democracia direta, na qual todos participam (ou ao menos podem participar) em igualdade de condições e o consenso é a prioridade. A ideia não é ser um espaço de disputa pelo poder, como os parlamentos burgueses, mas onde se busca chegar a acordos que integrem todas as posições.

Os conselhos populares são estruturas federativas das quais a menor unidade é a comuna. São estas que têm total legitimidade na tomada de decisões, tratando-se dos órgãos mais importantes. O objetivo principal é a descentralização do poder político em

⁹² Em: <<https://resistenciacurda.wordpress.com/2017/01/08/rojava-ou-norte-da-siria/>> Acesso em: 08 novembro 2017.

espaços de participação direta. Essas comunas podem compreender uma vizinhança, uma rua ou uma vila. Geralmente, podem participar de 2 dezenas a 2 centenas de pessoas, fazendo-se o esforço para que o número não seja tão grande e que todos possam participar, de modo que a assembleia seja eficiente. No caso de uma comuna ser frequentada por muitos membros, ela se divide: a intenção é que o maior número de pessoas participem.

Há um sistema de cotas para garantir a participação de todos os grupos sociais, inclusive as minorias que tradicionalmente ficavam fora dos espaços de tomada de decisão (mulheres, jovens, minorias religiosas e étnicas), em todos os níveis dos Conselhos Populares. É necessário paridade de gênero em todas as reuniões, sendo o mínimo de presentes para cada gênero de 45%; para as minorias presentes na comuna, o mínimo é de 10%.

Nas comunas se discutem e procuram-se resolver os problemas em todos os temas possíveis: gestão de recursos, segurança, política, economia, litígios⁹³. As decisões devem ser tomadas, a priori, por consenso, mas também pode-se realizar votações para tomar decisões, desde que estas não sejam impostas às minorias.

São as próprias comunas que executam e decidem quem concretizará as decisões. Sem o poder estatal, todas as funções necessárias para vida cotidiana e administração dos cantões passaram a ser autogeridas, ou seja, executadas pela própria população.

Cada comuna elege ao menos 2 presidentes, é o sistema de coliderança desenvolvido pelos curdos, assim, não existem cargos pessoais, são sempre duais. Em cada cantão é eleito um copresidente e uma copresidenta. A paridade de gênero é obrigatória, todo cargo deve ser compartilhado entre um homem e uma mulher. O perfil deve privilegiar uma diversidade sociocultural, de modo que as pessoas escolhidas devam ser, preferencialmente, de diferentes religiões, etnias, tribos, idades. Os cargos representativos e delegados são rotativos, embora sem prazo fixo.

Os temas que necessitem ser coordenados por mais de uma comuna, como defesa do território, distribuição de energia, projetos que terão um alcance territorial maior que o da própria comuna, devem ter a coordenação compartilhada em uma estrutura federada com os seguintes níveis: 1) comuna; 2) distrito (urbano) ou comunidades de vilas; 3) cidade; 4) cantão.

O primeiro nível de coordenação, a comuna, depende se a área é uma zona rural

93 Litígios são as pendências pertinentes a uma ação. São as divergências entre as partes (autor e réu) que compõem um processo judicial.

ou urbana. Na zona urbana, o conselho de escala distrital é composto por 8 comunas; na zona rural, o conselho de comunidades de vilas é composto entre 7 e 10 vilas.

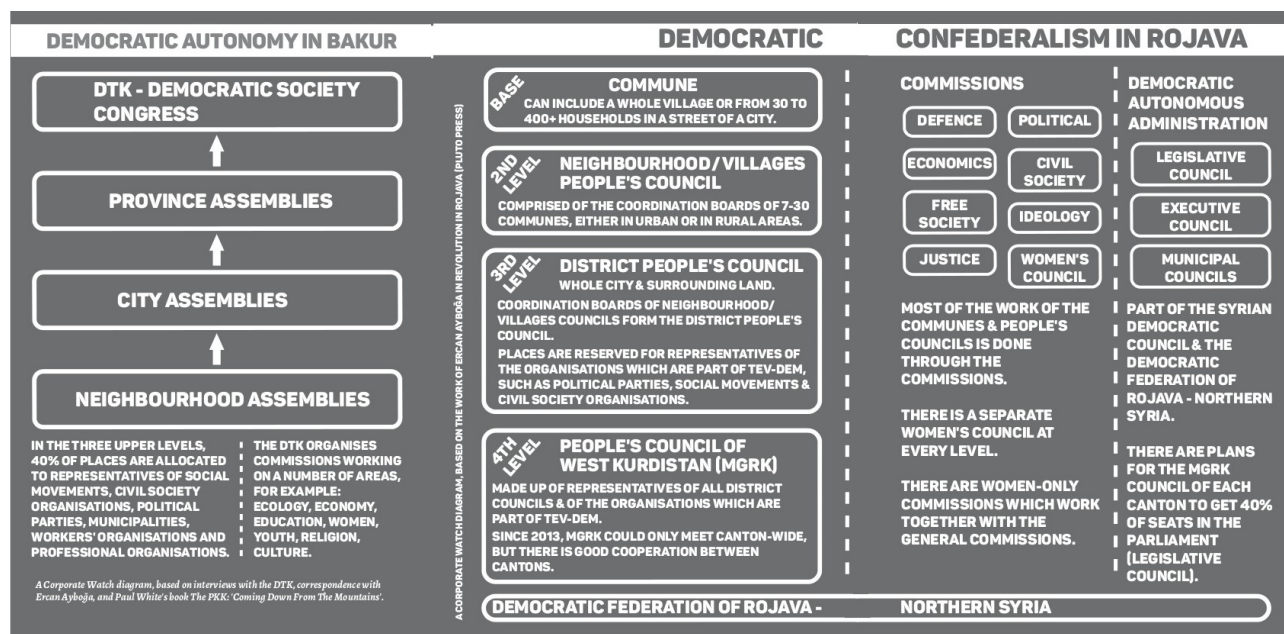
Acima dos conselhos dos distritos estão os conselhos de cidades. Esses conselhos elegem dois copresidentes e delegados que irão para o conselho de cidade, entretanto, como são poucos os escolhidos e o conselho de distrito não tem vínculo direto com a base, as comunas também elegem delegados para o conselho de cidades, que chegam a contar com 2 centenas de representantes. Além dos delegados territoriais, também há representantes de partidos, sindicatos, cooperativas, grupos de juventude e de mulheres, de minorias étnicas e o que mais considerarem necessário.

Enquanto nos parlamentos se procura preencher o maior número de vagas para poder executar um projeto de poder, nos conselhos populares se busca a maior participação e diversidade de modo a se chegar em consensos reais.

O nível mais elevado é o conselho do cantão, chamado de Assembleia do Povo. Neste conselho se reúnem os delegados do conselho de cidades e delegados eleitos diretamente pela comuna, além da presença de representantes de diferentes organizações e grupos, como em todas as esferas.

Os delegados dos conselhos tem mandatos, mas não são representantes com liberdade de decisão, pois devem transmitir as decisões de um conselho inferior. Um dos pontos mais importantes decorre da ideia de descentralização do poder político do Confederalismo Democrático. O objetivo é de que haja o máximo de autonomia dos menores grupos, tentando-se eliminar a possibilidade de que em um nível de coordenação os delegados tomem decisões com as quais os níveis inferiores não estejam de acordo. Por isso é importante que as comunas tenham liberdade de aplicar os acordos determinados nos conselhos superiores.

Ilustração 6: Infográfico simplificado mostra funcionamento do sistema democrático do Norte da Síria



Fonte: Corporate Watch, 2016.

Sem a possibilidade do consenso, a decisão majoritária é válida, no entanto, cabe as comunas aplicarem ou não esta decisão. Por exemplo, quando em 2014 se discutiu se as forças de segurança poderiam portar armas na patrulha, não havia margem para consenso no conselho, e o porte de armas foi aprovado pela maioria, no entanto, na ocasião, 3 comunas discordaram da decisão e ficou estabelecido que não se poderia patrulhar armado em seus limites.⁹⁴ Há também ocasiões que os derrotados optam por aplicar aquilo que a maioria decidiu. As lideranças curdas do confederalismo acreditam que para se chegar a grandes objetivos é preciso contar com a colaboração ativa de todos, ou, pelo menos, da grande maioria, daí a importância de se procurar alcançar consensos: uma ferramenta que obrigue uma minoria a acatar a vontade da maioria não ajuda neste processo.

São criadas comissões associadas a todos os níveis dos conselhos populares. A elas cabem gerir aspectos concretos, como a criação de cooperativas, defesa, temas relacionados a jovens ou infraestrutura. Por exemplo, a comissão de ecologia trata do saneamento urbano na comuna. A comuna é o nível onde as comissões têm um papel mais central. Cada uma dessas comissões se inter-relaciona com outras que estejam trabalhando no mesmo âmbito em outras comunas ou níveis dos conselhos populares.

⁹⁴ VÂZQUEZ, Jordi. et al., 2016, p. 121 – 135.

Outro órgão, já citado, é o Supremo Conselho Curdo (SCC), o único órgão que compreende todo território de Rojava: 50% dele é composto pelo PYD e outros grupos envolvidos no projeto do Confederalismo Democrático; os outros 50% são compostos por grupos curdos aliados a Barzani. Este órgão não faz parte do projeto do Confederalismo Democrático, sendo uma plataforma criada para reunir diferentes tendências de partidos curdos e evitar confronto entre elas. Entretanto, não tem nenhuma relevância política na tomada de decisões em Rojava.

Para completar a estrutura dos conselhos populares, em 2014 foi criada a Autoadministração Democrática (DSA), uma estrutura executiva, paralela a estrutura de participação direta, mas fiscalizada por esta. O objetivo é assumir tarefas executivas, administrativas e algumas funções de proposição legislativa – mas não deliberativa –, como, por exemplo, a redação de uma constituinte provisória, a chamada Carta de Contrato Social. A DSA propõem políticas que são analisadas pelos conselhos populares, de modo que ela tem um caráter mais técnico.

Cada cantão escolhe sua própria DSA, dois copresidentes e 22 ministérios. Os indivíduos que compõem os ministérios são escolhidos pelas Assembleias Populares. As principais tarefas dos DSA são em campos que envolvem a totalidade dos cantões: defesa, saúde, relações exteriores, tendo sido criados ministérios para cada um desses campos de trabalho. As deliberações são executadas sob a supervisão da Assembleia do Povo.

Em suma, as principais diferenças entre a Autoadministração Democrática e o Estado são duas. Primeiro, o poder legítimo é sempre mantido pela organização de base, por exemplo, as decisões tomadas pelo SCC ou DSA tem de serem aprovadas por 2/3 da comuna e cada decisão tomada pode ser rejeitada por algum cantão. Além disso, o YPG está sob controle das comunas, ou seja, o uso legítimo da força é descentralizado, enquanto o Estado requer a centralização e monopólio da violência.

A Carta do Contrato Social estabelece uma dualidade de poderes entre a democracia direta e uma democracia parlamentarista com sufrágio universal e secreto, a qual deveria substituir o SCC. Além disso, o Tev-Dem tem representações permanentes em estruturas parlamentares. Esta contradição é justificada pelo fato de que por ser um processo ainda embrionário, reconhece-se que os Conselhos Populares ainda não conseguem assumir a administração e gestão de todos campos de atividade de forma direta. Para isto, deve-se ir aumentando a politização da sociedade para se fortalecer as comunas, até que essas estruturas representativas se tornem desnecessárias. Além

disso, ainda não se efetivou a criação da maioria dos órgãos que dispõem a Carta devido as dificuldades da guerra.

O Confederalismo Democrático é um processo permanente de evolução, não um projeto social determinado, sua proposição é justamente buscar soluções para os problemas que surgem de modo dinâmico. As organizações civis e de trabalho independentes são permitidas e desejadas, pois ajudam a manter o poder nas bases.

Nós, o povo das Regiões Autônomas Democráticas de Efrin, Kobane e Cizire, uma confederação livre de curdos, árabes, assírios, caldeus, arameus, armênios e chechenos solenemente declamamos e estabelecemos esta Carta, que foi redigida de acordo com os princípios da Autonomia Democrática. Na busca por liberdade, justiça, dignidade e democracia e guiada pelos princípios da igualdade e sustentabilidade ambiental, a Carta proclama um novo contrato social, baseado na coexistência mútua e pacífica e na compreensão entre todos os componentes da sociedade. Protege os direitos e as liberdades humanas fundamentais e reafirma o direito dos povos à autodeterminação. Sob a Carta, nós, o povo das Regiões Autônomas, nos unimos no espírito da reconciliação, do pluralismo e da participação democrática para que todos se expressem livremente na vida pública. Construindo uma sociedade livre de autoritarismo, militarismo, centralismo e da intervenção da autoridade religiosa nos assuntos públicos, a Carta reconhece a integridade territorial da Síria e aspira a manter a paz doméstica e internacional.⁹⁵

Economia

A economia nos cantões também já demonstra sinais de transformações. Como visto, a economia estava limitada à produção de grãos e à extração de petróleo. Nos cantões, as únicas indústrias presentes estavam nas mãos do governo e foram ocupadas pelas Comunas quando este fugiu.

Houve, anteriormente, um processo de expropriação das terras curdas pelo Estado, portanto a grande maioria dos curdos é da classe trabalhadora e vivia em condições generalizadas de pobreza. Os curdos abastados viviam na capital e já eram ligados ao regime. As principais dificuldades giravam em torno do problema da destruição generalizada das infraestruturas, como estradas, equipamentos de fornecimento de água, eletricidade, entre outros, e a chegada massiva de refugiados da guerra, os quais

⁹⁵ Em: <<https://peaceinkurdistancampaign.com/charter-of-the-social-contract/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

procuraram as terras curdas em busca de proteção. Efrin, por exemplo, passou de 450 mil para 1 milhão de habitantes em meados de 2014. Até 2014, calculava-se que já viviam 4,6 milhões de pessoas no Curdistão Sírio⁹⁶. Ainda assim, todos os refugiados foram acolhidos e tratados em pé de igualdade com o restante da população.

A maioria do tecido econômico existente ainda é baseado no modelo capitalista, mas há vontade política para que isso mude. O modelo proposto em Rojava é o da “economia social”, definido enquanto a “ciência que busca assegurar as necessidades da comunidade longe do monopólio dos meios de produção”⁹⁷. Propõem, para isso, a produção no âmbito comunitário, se distanciando tanto da produção centralizada do Estado socialista quanto do livre mercado capitalista.

Acreditam em um modelo de autossuficiência, cuja principal preocupação é a satisfação das necessidades mínimas da população em escala local. Além disso, a produção deve estar em harmonia com o meio ambiente, baseando-se em critérios ecológicos. Procura-se ter em mente que a economia não é neutra e deve se assentar em valores éticos como a liberdade e a justiça. Assim, os curdos rechaçam “o modelo capitalista que consome o meio ambiente e empobrece a população”⁹⁸. O modelo de Rojava é uma resposta ao neoliberalismo da modernidade capitalista e ao capitalismo de Estado do socialismo real. Trata-se, novamente, de um processo, e não de um modelo fechado, misturando conceitos de diversas teorias. Os 3 conceitos principais são: “comunidade, propriedade privada baseada no uso e cooperativas”⁹⁹.

Em 2012, o Plano Econômico do Povo (PEP) foi implementado, baseado nos textos de Abdullah Ocalan e nas experiências do Curdistão do Norte, na Turquia. O regime tradicional de propriedade privada da terra também foi abandonado no final de 2012: todas as terras, edifícios e infraestruturas passaram a ser propriedade formal dos Conselhos Populares. O princípio aplicado é de “propriedade de uso”, que significa que se uma casa está sendo utilizada por uma pessoa ou grupo, estes têm legítimo direito de propriedade de uso por prazo indefinido.

A “propriedade de uso” também implica que os direitos de transmissão, de cessão e a capacidade de venda dessa propriedade estão nas mãos das comunas. Por sua vez, uma comuna não pode expropriar uma propriedade que esteja legitimamente sendo utilizada. Ocalan acreditava que este modelo evitaria especulação e acumulação de

96 GLAVIN, 2014. Em: <<http://ottawacitizen.com/opinion/columnists/iraq-and-syria-too-little-too-late>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

97 VÁZQUEZ, Jordi. et al., 2016, p. 129 – 135.

98 KNAPP, 2015 apud Ibidem, p. 131.

99 Ibidem, p.129 – 135.

capital que levasse à exploração.

Portanto, a partir de 2012, todas propriedades que não estavam em uso passaram a ser propriedade comunal. As comunas podem outorgar o direito de uso a outros indivíduos ou cooperativas com o fim de assegurar a todos o mínimo de autossuficiência econômica e maximizar o uso dos recursos materiais da comunidade. Hoje, 75% das propriedades são comunais, e 25% particulares em Efrin, segundo Yousef.¹⁰⁰

O centro da “economia social” são as cooperativas, as quais foram criadas para desenvolver as atividades mais variadas, com o objetivo de satisfazer as necessidades da comunidade. Os membros das cooperativas são proprietários dos meios de produção, mas respondem perante a comuna. O que é produzido é distribuído entre a comunidade até atender as necessidades de todos, enquanto os excedentes têm seus destinos definidos pelas estruturas de decisão comunal.

As cooperativas coordenam entre si e com as comissões e ministérios da economia para assegurar a máxima cooperação entre eles. As empresas e negócios que não são cooperativas, mas que colaboram com a comuna, são mantidos. No entanto, cabe ressaltar que não existem grandes empresas, sendo a maioria das empresas privadas muito pequenas.

Existe um processo de expansão do modelo cooperativo, com academias, seminários e debates orientados para estimular a conversão. Comunas gerenciam os recursos comuns, de modo que os meios de produção sejam dados aos membros mais pobres e seja assegurada uma justa distribuição do combustível, do pão, da energia, e outros recursos básicos e/ou escassos.

A descentralização favorece este processo, já que no âmbito da comuna todos se conhecem e sabem da situação dos demais. Muitas vezes, diversos trabalhos são feitos de maneira voluntária, como fornecimento de água e limpeza das ruas, mas a intenção é assegurar um salário para esses trabalhadores tão logo haja alguma capacidade financeira. Os salários variam da necessidade do indivíduo, de modo que um trabalhador com família tem uma remuneração maior do que um solteiro.

O comércio e as empresas privadas permitidas são regulamentadas em termos de produção ecológica e satisfação das necessidades comunais. Em Efrin, por questões ambientais, foram proibidas as criações de novas usinas de processamento de azeite ou fundição de chumbo. Os preços são controlados conforme as necessidades da população pelas comissões econômicas dos cantões. A premissa básica é de que as necessidades

¹⁰⁰Ibidem, p. 132.

da sociedade são sempre mais importantes que benefícios econômicos particulares.

Este modelo teve êxito em Efrin e Cizire, com a criação de uma grande quantidade de cooperativas; em Kobane, por conta da guerra, não se pôde avançar muito neste quesito. Em Cizire foi colocado em funcionamento cerca de 200 poços de petróleo, com a criação de cooperativas para assegurar o necessário para consumo local. Cooperativas agrícolas também foram criadas nas terras anteriormente expropriadas por Assad. A melhoria mais significativa se deu por conta da diversificação da economia, com a criação de fábricas de sabão, de materiais de construção, têxteis, moinhos, entre outros.

Em Rojava, os cantões não instituíram impostos, contanto com ingresso fruto da venda de combustível, com preço inferior ao da água e tarifas alfandegárias na fronteira com Iraque. Há projetos para implementação de um sistema de imposto inspirado em modelos de acordos econômicos com o Estado, como o do País Basco, e de orçamentos participativos. Basicamente se inspiram no conceito das funções de arrecadação de impostos e de legislação sobre estes, de forma que retornem para as instituições locais e que, do total arrecadado, uma parte consensual se destine à instituição central para contribuir com gastos das funções não descentralizadas.

70% dos valores arrecadados atualmente são gastos na guerra, o que limita o desenvolvimento dos objetivos sociais. O restante do orçamento se utiliza para serviços considerados básicos e a construção de infraestrutura e apoio às cooperativas. A produção econômica tem por objetivo ser ecológica e respeitar o meio ambiente. Assim, atividades industriais como produção de sabão ou metalurgia são limitadas a níveis que sejam sustentáveis.

No âmbito ecológico, ainda há muito ser feito, tanto por necessidade de educar a população, quanto pela ausência de meios técnicos para seguir em frente com uma produção industrial ecológica.

Nenhuma moeda própria foi criada, utilizando-se a libra síria. Transações monetárias foram reduzidas de forma drástica, finanças como negócios foram reduzidas. São permitidas às instituições bancárias a transferência de crédito, mas benefícios derivados do capital financeiro, juros e especulação são proibidos. O sistema bancário mantido é descentralizado e existe exclusivamente para a poupança e para ajudar as comunas a iniciar projetos.

Claro que todas essas transformações não são feitas sem conflitos, mas os curdos também tem investido em seus próprios métodos para lidar com eles. É através da promoção de valores como antifundamentalismo e a busca por uma justiça restauradora

que esse caminho tem sido traçado.

Em Rojava, ou melhor, Norte da Síria, a diversidade de identidades é enorme. Convivem diferentes nacionalidades, com uma maioria curda representando 65% e os demais, 35%, sendo formados por árabes, assírios, caldeus, chechenos, armênios e outras minorias. Também é considerada a existência das tribos enquanto estruturas tradicionais baseadas nos laços familiares e que representem mais um eixo de diversidade, como islâmicos xiitas, judeus, cristãos, árabes e yazidis.

Rojava poderia ser potencialmente uma fonte de conflitos, mas com grande esforço foi possível evitá-los. Vale lembrar que o território acolheu todos refugiados de guerra e os conferiu os mesmos direitos que o restante da população. Trata-se de uma política de pluralismo e tolerância radical. Desde o começo da revolução trabalhou-se para que a população passível de ter apoiado o regime de Assad, ou tivesse sido favorecida por este, não fosse vítima de vingança. A ideia é a de que a população civil, fosse ela de qualquer nacionalidade, não teria culpa das injustiças vividas pelas minorias.

Para se resolver os conflitos inter-étnicos ou interreligiosos foram constituídos conselhos para se chegar a consensos e soluções não-violentas. Tais conselhos buscam reunir aqueles envolvidos em litígios relacionados a brigas entre diferentes grupos sociais e trazê-los para o diálogo, evitando assim o confronto. O objetivo é de se chegar a uma solução satisfatória para as partes e propor uma restauração da coesão social. Mecanismos como as cotas, por exemplo, servem para alcançar esse objetivo.

Não foi permitida a criação de grupos armados para além do YPG e YPJ, os quais são concebidas como as forças de proteção de toda a população. Dentro do YPG são encontrados agrupamentos de árabes ou assírios, mas os objetivos de todos é o mesmo: proteger a população, seja de qual grupo social for, dos ataques externos. Esta proibição foi importante pra evitar que conflitos étnicos ou religiosos se desdobrassem em confrontos armados, ao mesmo tempo que se criou um sentimento de solidariedade para se proteger do inimigo externo, sendo este o ISIS ou o Estado Sírio.

O resultado tem sido bastante positivo e até o momento a coesão social foi mantida. Os únicos conflitos se deram geralmente em assentamentos árabes que vinham de um processo de arabização e que são hostis a uma revolução curda. Esta concepção pode ser encontrada nas palavras de Saleh Muslim:

Temos uma estratégia, não vemos os grupos como minorias. São habitantes originais da região. Se o número é grande ou pequeno, para nós, não é

importante, vivem conosco por centenas de anos. Compartilhamos nossa comunidade e nossa cultura com eles. Juntos melhoramos a civilização.¹⁰¹

Autodefesa

Finalmente, a autodefesa ocupa um espaço central na resistência dos curdos. Dentro do projeto do Confederalismo Democrático, a autodefesa é um ponto extremamente importante. Todos, no plano individual e coletivo, devem ser capazes de se defender de uma agressão. O uso da violência é legítimo quando for para coibir um ataque. Assim, a descentralização da autodefesa é uma ferramenta contra a coerção da população e o monopólio político da violência. São as comunas que se organizam para se defender.

A entidade responsável pela defesa é o YPG. Este começou a se formar em 2004, após os distúrbios de Qamishlo, por jovens curdos ligados ao PYD que queriam se defender da repressão. Mas foi só em 2011 que entraram em campo, para só no ano seguinte, 2012, se apresentarem formalmente.

No começo, era um grupo armado curdo a serviço do PYD, mas desde 2012 esta milícia responde aos cantões, possuindo uma composição plural. O objetivo é defender a população de Rojava. Calcula-se que são compostos por 65 mil pessoas, sendo entre 7 e 10 mil mulheres. Além disso, as mulheres têm seu próprio exército, o YPJ.

Suas condições materiais são precárias, possuindo velhas AK-47 e alguns 4x4. Não tem armamento pesado, nem tanques, nem blindados, nem capacetes à prova de balas. Sem ajuda internacional¹⁰², o armamento que dispõem é adquirido no mercado negro. Para suprir esta carência, eles têm produzido suas próprias armas, transformando caminhões de lixo em blindados e fazendo bombas com botijões de gás de cozinha.

Estão sob ordens de estruturas policiais descentralizadas. Cada brigada está ligada a uma comuna, distrito ou cantão. Em serviços fora da jurisdição original, respondem perante a estrutura pertinente ao novo marco de operações e sob ordens da brigada da localidade. Esta descentralização confere superioridade bélica à YPG em relação aos seus adversários, devido sua flexibilidade operacional e liberdade de ação.

Dentro do território, tem funções limitadas na autodefesa, não podendo intervir em assuntos internos e nem podendo ser utilizados para interesses políticos. Só podem agir

101 Em: <<https://www.kurdishquestion.com/article/3061-exclusive-interview-with-pyd-co-chair-salih-muslim-rojava-will-establish-a-new-civilisation>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

102A entrega de armas por parte dos EUA aos curdos de Rojava se deu de forma residual, se centrando no governo do Curdistão iraquiano, os partidários de Barzani.

no caso de ameaça à vida da população. No território de Rojava ainda restam unidades do exército governista, em bairros de Qamishlo, onde vivem simpatizantes do regime. Portanto, atuam só quando não há mais nenhuma via pacífica para resolução de conflitos.

Essas milícias romperam com a hierarquização dos exércitos clássicos. As unidades escolhem seus próprios comandantes de forma democrática e estes são revogáveis, além disso, os comandantes não tem privilégios específicos, convivendo com os demais milicianos e não estando isentos de trabalho de manutenção, como cavar trincheiras.

Os YPG são compostos primordialmente por voluntários e a autodisciplina impera no âmbito interno. Os voluntários podem ingressar ou abandonar o YPG de forma livre, mas as funções que desempenharão são determinadas conforme as necessidades do momento. Devido à intensidade dos ataques dos jihadistas, em julho de 2014 foi convocada nos cantões uma mobilização geral. Na prática, a mobilização geral se definia como obrigatoriedade de que cada família definisse um membro jovem para se alistar, mas essas condições variam. Em Cizire, o serviço dura 6 meses, em Kobane dura 12.

Estão previstas várias situações que autorizam o não cumprimento do serviço obrigatório, como no caso de existir apenas um membro jovem na família. Os jovens recrutados desta forma são destinados para proteger suas próprias cidades e povoados, e não podem ser deslocados para outros lugares ou frentes de batalha. Desta forma, só entrarão em combate se os locais de onde são originários forem atacados.

Se alguém não comparece ao recrutamento não é buscado em sua residência, embora seja conduzido ao escritório de recrutamento caso seja parado em algum checkpoint. É uma campanha de recrutamento sob condições muito distintas do recrutamento imposto pelos governos estatais. De qualquer forma, a maior parte do YPG é de voluntários, só uma pequena fração foi recrutada nesse sistema.¹⁰³

A formação também é bastante diferente: tem aulas de história, gênero, resolução de conflitos não-violentos, assim não aprendem apenas a usar armas, mas tem também uma ênfase na educação política. Os graduados nas academias do YPG fazem um juramento no qual prometem defender o paradigma de uma sociedade democrática, ecológica e livre do patriarcado.

A mente é a melhor arma, e os homens estão no meio da batalha. A

¹⁰³ DANISH IMMIGRATION SERVICE, 2015. SYRIA Update on Military Service, Mandatory SelfDefence Duty and Recruitment to the YPG. Em: <<https://www.nyidanmark.dk/NR/rdonlyres/D2CD3A2F-402C-439C-9CD3-62EA255ED546/0/SyrienFFMrapport2015.pdf>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

libertação das mulheres e especialmente a batalha contra a identidade masculina e patriarcal de alguém é uma das batalhas mais árduas que há para se combater e ser socialmente eficiente. As YPG e YPJ estão inteiramente comprometidas com valores humanitários como a libertação das mulheres, a coexistência de todos os grupos e uma vida na democracia de base, para além da modernidade capitalista.¹⁰⁴

Há também os Asayish, cujo significado em curdo é “segurança”: uma força de ordem civil que cumpre as tarefas policiais, mas eles mesmos fogem do termo “polícia”, o qual entendem como uma instituição de controle social. Os asayish são um órgão de proteção civil e estão ligados aos conselhos populares. Seus membros são eleitos por estes por tempo determinado. Suas funções são temporárias.

Têm suas próprias assembleias, nas quais são escolhidas as autoridades e tomadas as decisões. Rompem com a especialização da gestão e utilização legítima da força. Para isto, querem que toda população tenha formação de asayish durante ao menos 6 semanas em algum momento da vida. Acreditam que se cada um for capaz de se autodefender e tiver os conhecimentos para resolver conflitos, já não será mais necessário um corpo especializado. Querem que todos sejam capazes de praticar a autodefesa e de intervir em situações nas quais em outras sociedades só a polícia poderia fazê-lo. Portanto, seu objetivo final é que os asayish não sejam mais necessários como organismo.

Sua formação principal também se dá em resolução de conflitos não violentos e teoria feminista. Aprender a usar armas e responder a uma agressão é só a parte final do treinamento. Sua função principal é a gestão dos postos de fiscalização das estradas, revistando veículos e identidades para evitar a entrada de terroristas ou carros-bomba nas cidades. Estes postos têm sido alvos numerosos de ataques por parte das forças jihadistas.

Atuam em conflitos civis e crimes comuns como roubos e assassinatos. Em cidades com maior tráfego de veículos, como Qamishlo, também desempenha uma função gestora. São encarregados de atuar em um primeiro momento, tendo função paliativa, não resolutive: as soluções permanentes contam com outras estruturas baseadas na justiça restaurativa.

A justiça e a resolução permanente de conflitos são competências do sistema de conselhos judiciais ligados aos Conselhos Populares. Os Conselhos Populares são

104 VÁZQUEZ, Jordi. et al., 2016, p. 142 – 143.

competentes para resolver conflitos de todo o tipo, onde os casos são discutidos e as soluções são buscadas com base no consenso e na compensação, além da adoção de medidas para proteger as vítimas. Muitas vezes dependendo da complexidade do litígio é difícil resolvê-lo através de uma reunião ordinária da comuna.

Após o início da revolução em Rojava, em 2012, o sistema jurídico sírio se tornou obsoleto. Assim como foi importante afastar os funcionários do regime ditatorial de Baath, era também crucial se pensar como seria a nova forma de justiça. Em qualquer sociedade onde haja dominação e exploração, os crimes continuam a acontecer, ainda que em um nível mais baixo.

O fundamento do novo sistema judicial são os Comitês de Paz e Consenso. Estes já haviam sido criados nos anos 90 por ativistas curdos em cidades da Síria com maioria curda. Sob o regime Baath os comitês funcionavam na clandestinidade por serem uma ameaça ao monopólio da justiça pelo Estado. Mesmo com o aumento da repressão a partir de 2000, especialmente 2004, eles conseguiram se manter na ativa, embora em números menores. Após a libertação de localidades em Rojava em 2012, os lugares que já haviam tido experiências com os Comitês de Paz e Consenso não se converteram em “caos” e confusão em relação aos casos civis e crimes.

A estrutura do sistema judicial funciona da seguinte maneira: quando as cidades e vilas são libertas criam-se os conselhos judiciais regionais por iniciativa do Tev-Dem. Os conselhos de justiça reúnem juizes, advogados, promotores, juristas e outros profissionais que romperam com o regime central. Comunas também fazem parte dos comitês elegendo seus delegados.

As três regiões de maioria curda foram denominados cantões em janeiro de 2014. A maior das três é Cizire, cujo conselho conta com 11 membros e compreende vários conselhos distritais; Em Kobane e Efrin, os conselhos têm 7 membros. Estes conselhos de justiça estão coordenados com os Conselhos Populares.

O nível mais baixo desse novo sistema é composto pelos Comitês de Paz e Consenso, criados no âmbito da cidade, bairro e até mesmo da rua. Solucionam casos com base no consenso, quando não chegam a um acordo o caso sobe para o próximo nível. Casos difíceis, como assassinatos, são tratados diretamente nos níveis superiores.

Na comuna, os Comitês de Paz e Consenso tem estrutura dual: os comitês gerais são responsáveis por conflitos e crimes; as comissões de mulheres são responsáveis por casos de violência patriarcal, matrimônio forçado, poligamia e outras questões relacionadas ao gênero. As comissões estão ligadas diretamente à organização de

mulheres YJA-STAR.

Um nível acima, na cidade principal de cada região, estão os tribunais populares (dadgeha hiel), que funcionam graças aos conselhos de justiça. Os juízes membros (dadger) podem ser propostos pelos conselhos de justiça ou por qualquer pessoa, não havendo requisito mínimo. Os conselhos populares de nível regional (Serê Kaniyê, Qamishlo, Amuda, Derika Hemko, Hesîçe, Efrin, Kobane) discutem os candidatos e escolhem 7 para cada zona. Os eleitos não precisam ser juristas, e podem ser escolhidos mesmo sem nenhuma experiência. O mais importante é que os escolhidos possam representar os interesses da sociedade.

Encerrado o caso, uma das partes pode recorrer e levar o caso ao tribunal de apelações (dadgeha istinaf). Há 4 destes em Rojava, dois em Cizire, um em Efrin, um em Kobane. Neste nível, os juízes precisam ser juristas. Aqueles que querem dar continuidade em um próximo nível, chegam ao tribunal regional (dadgeha neqit), um para cobrir os três cantões.

O tribunal constitucional (dadgeha hevoeyman), contando com sete juízes, é onde se cuida do Contrato Social e outras leis importantes para que elas sejam respeitadas nos procedimentos e decisões do governo.

Em cada região, os advogados (dizgeri) e outros promotores trabalham pelo interesse comum. No topo está o parlamento judicial (meclisa adalet), um para cada cantão. Formado por 23 pessoas: 3 representantes do ministério da justiça; 11 dos conselhos de justiça, 7 do tribunal constitucional e 2 da associação de advogados. Um membro deve assumir a função de porta-voz.

A função do parlamento judicial é fazer com que o sistema de lei se acomode às necessidades dessa sociedade em processo de democratização e extremamente mutável. A prioridade é a reconstrução do sistema judicial, o qual por ora ainda é um esqueleto, faltando muitos detalhes. As dificuldades se dão por conta de que é necessário desenvolver novas bases jurídicas para o Contrato Social e ao mesmo tempo é preciso ter suporte das leis sírias existentes, haja vista que ainda não existem leis para abarcar todos os casos. Inclusive nem sempre se é preciso criar uma lei nova: toda lei síria é analisada e tem seus elementos antidemocráticos eliminados e trocados por novos, quando é possível.

Os parlamentos judiciais dão pareceres quanto a pendências técnicas e questões administrativas, os problemas levantados pelos advogados também são discutidos e soluções são desenvolvidas. Até o momento o trabalho nos parlamentos judiciais têm se

desenvolvido por meio de muitas discussões, mas sem grandes conflitos. Os debates que precisam de maior aprofundamentos são postergados em sua maioria para serem discutidos em tempos de paz, que espera-se que venham a prevalecer.

Em meados de 2012, em Qamishlo, foi fundada uma escola de juristas para os três cantões de Rojava. Um novo sistema judicial requer muitos profissionais e pessoas de apoio. Os cursos de formação básica duram cerca de 4 meses.

Os resultados do novo sistema legal já são visíveis. O novo sistema aboliu a pena de morte, a pena de prisão perpétua, máximo de 20 anos, só pode ser aplicada em caso de assassinato, tortura ou terrorismo – até meados de 2014 só havia sido aplicada 2 vezes em Cizire: para um caso de feminicídio e para o assassinato e tortura de um membro das Asayish.

A detenção e a prisão são consideradas a última opção. A pessoa presa não deve ser tratada como um criminoso, mas como alguém a ser reabilitado. Entre 2012 e 2014, como resultado do novo sistema judicial e da auto-organização da sociedade, os crimes diminuíram sensivelmente, embora cifrar exatas sejam difíceis. A maior parte dos crimes se concentram nas periferias urbanas.

No Curdistão iraquiano, os assassinatos de honra continuam comuns, mas em Rojava, devido ao trabalho do movimento das mulheres, esses crimes foram bastante reduzidos.¹⁰⁵

Educação

No campo da educação, foi desenvolvido um novo paradigma, baseado na democracia de base, economia ecológica e emancipação de gênero. Janet Biehl¹⁰⁶, presente em outubro de 2014 no cantão de Cizire, fez algumas observações sobre o novo modelo em visita a duas academias de Rojava.

O primeiro embate foi a língua na qual as aulas seriam administradas. Durante 4 décadas de governo Assad, as crianças curdas tiveram que aprender e estudar em árabe, pois a língua curda e seu ensinamento foi proibido. Assim que os curdos da Síria tiveram controle de sua comunidade, reestabeleceram o ensinamento de sua língua. A primeira escola aberta foi a de Shid Fewzi, em Efrin, seguida de outras em Kobane e Cizire. Em agosto de 2014, em Cizire já havia 670 escolas com 3 mil professores dando aula em

¹⁰⁵Ibidem, p. 136 – 153.

¹⁰⁶Ibidem.

curdo para 49 mil estudantes.

A Academia da Mesopotâmia (Akademiya Mezopotamya), Qamislo, é a única instituição de ensino superior de Rojava. Seu foco são as Ciências Sociais. O regime de Assad não permitia instituições de ensino superior em áreas curdas. Biehl participou de reunião com vários membros da academia, como Rojda Firat (reitora), e os professores Adnan Hasan, Dorsin Akif, Medya Doz, Mehmod Kalê, Murat Tolhildan, Serhat Mosis e Xelil Hussein. Eles contaram que o desafio enfrentado é convencer as pessoas de que não precisavam viajar ao exterior para receber uma boa educação. A equipe tem trabalhado para recuperar a autoestima e lembrar que muito do que ocorreu na História se passou no Oriente Médio, e que há muito conhecimento que foi produzido ali.

O período letivo é dividido em 3 com duração entre 3 e 4 meses. Parte-se das disciplinas mais gerais em direção às especializações. O programa compõem-se principalmente de disciplinas de História e Sociologia. Matérias consideradas essenciais, haja vista que a existência dos curdos sempre foi colocada em dúvida e seus sacrifícios nunca reconhecidos. O propósito é escrever uma nova história. O programa de Sociologia procura superar os positivismos e desenvolver uma alternativa sociocientífica para o século XXI, a qual Ocalan chama de “sociologia da liberdade”. Os estudantes no final do curso elegem um problema social concreto, investigam-no e escrevem uma tese com proposições de como solucioná-lo.

A pedagogia dos curdos recusa a transmissão unidirecional de informação. Não se separa estritamente professores de alunos. Os professores não são necessariamente catedráticos, mas sim pessoas cuja experiência lhes proporciona conhecimentos para compartilhar. Existem provas, mas estas não medem o conhecimento, mas servem como recordações, diálogos. Janet disse que a experiência fez com que ela se recordasse das ideias pedagógicas do filósofo americano John Dewey (1858 – 1952), o qual foi crítico das estratégias tradicionais de transmissão do conhecimento que colocavam o aluno em uma posição passiva.

O ensino ressalta que todas as pessoas são sujeitos e o objetivo é que os estudantes saiam capazes de educar a si mesmos. A meta da academia não é profissionalizar, mas formar pessoas equilibradas. Diferente do modo autoritário e nacionalista que o regime Baath tratava o ensino, o foco é ajudar a criar indivíduos livres.

Em Rojava não se trata de escolher uma profissão e ficar rico, mas despertar em cada aluno o potencial para enriquecer a sociedade. Janet destaca que embora nada seja falado pelos curdos a respeito de Dewey, seus ensinamentos influenciaram várias escolas, uma

das mais bem sucedidas foi a Gaddard College, no centro de Vermont, na qual durante os anos 70 um dos professores foi Bookchin, uma inspiração e influência de Abdullah Ocalan e do Confederalismo Democrático.¹⁰⁷

Saúde

A saúde é a situação mais complicada. A carência de recursos, embargo e destruição da guerra trazem grandes prejuízos para esta área. Ainda há hospitais controlados pelo Estado sírio, um em Qamislo e outro em Derika Hemko, mas o regime paga apenas o salário dos médicos, de modo que as demais necessidades são cobertas pela autoadministração. Ainda assim, esses hospitais atendem a um número baixo da população, uma vez que não há fundos para pagar médicos especializados nem materiais o suficiente.

A maior parte dos atendimentos ocorrem nos centros médicos criados pelo Tev-Dem, por meio das comunas ou conselhos. Originalmente havia cerca de 700 médicos em Rojava, hoje há pouco mais de 1 centena para uma população de mais de 4,5 milhões de pessoas. Soma-se a esta centena, mais 190 médicos do Crescente Vermelho Curdo (Heyva Sor a Kurdistâne), os quais trabalham voluntariamente e a maioria ainda não completou o curso de medicina.

Faltam médicos especializados, não há nenhum neurocirurgião para casos de traumatismo por tiros na cabeça, situação comum em contexto de guerra. A maioria dos hospitais e infraestruturas médicas foram destruídas pela guerra. O hospital Serê Kaniyê, por exemplo, esteve instalado por um tempo em uma fábrica de fosfato, uma vez que o edifício original foi destruído.

O principal problema é a ausência de medicamentos por conta do embargo. A maioria dos remédios são conseguidos por contrabando ou comboio de ajuda humanitária que conseguem cruzar a fronteira com o Iraque ou a Turquia sem serem pegos pela fiscalização. Faltam também ambulâncias, atualmente restam cerca de trinta em situação precária, com poucos equipamentos e não adaptadas para transporte fora de estrada, o que necessário na área.¹⁰⁸

Falta também banco de sangue. Durante as baixas, são feitos anúncios para doação imediata de sangue. Os equipamentos médicos foram destruídos ou saqueados.

¹⁰⁷Ibidem, p. 154 – 163.

¹⁰⁸Ibidem.

Outro problema foi o deslocamento de refugiados de guerra, que aumentaram a pressão por medicamentos e cuidados médicos. Vale destacar que mesmo os prisioneiros da OEI receberam tratamento.

O objetivo do sistema é atender a todos, independente da etnia ou religião, pois creem em um sistema de custo zero ou custo muito baixo. Os conselhos populares criam, financiam e gerenciam as instituições de saúde básicas onde se realizam a maior parte dos cuidados. Às vezes, quando o paciente tem condições de pagar, cobra-se por alguns serviços.

Há vontade para se mudar o enfoque clássico, como políticas pensadas em diminuir o estresse e reorganizar as cidades para que elas contem com 70% de áreas verdes. Além de criar um sistema de saúde moderno e gratuito, os curdos acreditam que difundir os conhecimentos sobre tratamentos e prevenção, de modo que deixem de ser atribuições apenas dos especialistas, é um meio de promover saúde: mais conscientes de como funciona a saúde, as doenças seriam reduzidas, acreditam. Também querem mudar o estilo de vida, o qual dentro do capitalismo isola as pessoas e as desconecta da natureza.

O papel das mulheres

Por fim, vale destacar o papel central das mulheres confederalistas na luta dos curdos de Rojava. O papel das mulheres é uma das características mais importantes do atual processo vivenciado em Rojava: é transversal à revolução e influencia em todos os aspectos dela.

O feminismo é um conceito presente em todas as áreas sociais de Rojava influenciadas pelo movimento do Confederalismo Democrático. Surpreende ver um processo de empoderamento feminino em uma região como Oriente Médio, palco de muitas das práticas patriarcais mais extremas. Tais processos são resultados direto do movimento de libertação curda do PKK e suas mulheres, tal como do projeto de Abdullah Ocalan. Para o Confederalismo Democrático, o feminismo é a coluna vertebral de todo processo revolucionário. Uma revolução que não transforma a raiz do status das mulheres não é uma revolução, uma vez que deixa intacta as relações de poder sobre metade da população.

As mulheres são agentes principais na economia, na sociedade e na história. A opressão das mulheres tem envolvimento direto do Estado, portanto, sem uma luta por

autonomia democrática e contra o poder estatal, a libertação das mulheres não é possível. Empoderamento feminino e a destruição do patriarcado se consolida em todos os níveis: político, produtivo, educativo, militar.

Ilustração 7: Guerrilheira do YPJ chama por solidariedade: “O que nós temos aqui é uma séria revolução das mulheres. Vocês precisam deixar seus países e vir aqui.”

“What we have here is a very serious women's revolution. You have to leave your countries and come here.”

A woman from the HPC providing community self defence in Rojava. Communes in Rojava organise self defence independent of the security forces of Asayiş and YPJ/YPG. Photo by Jo Magpie, March 2016.

End notes

1. <https://cooperativeconomy.info/economy-rojava/womens-co-operatives-in-rojava>
2. Killing the dominant male: Instituting the Third Major Sexual Rupture against the dominant male, Abdullah Öcalan - <http://www.pkkonline.com/en/index.php?sys=article&artID=230>



Fonte: Corporate Watch, 2016.

Na área de autodefesa, destaca-se a Yekineyên Parastina Jinêou (Unidade de Defesa das Mulheres – YPJ), a contraparte feminina do YPG, com estrutura própria e autonomia. Foi formado em 2012 para o empoderamento e para demonstrar a capacidade das mulheres de assumir as tarefas militares no mesmo patamar que os homens.

O YPJ tem código de funcionamento interno próprio, e procura se estruturar da forma mais democrática possível. Além da formação militar, há cursos de formação política, social, de feminismo, etc. Ganharam respeito da sociedade aos poucos, de

acordo a valentia e determinação demonstrada pelas batalhas que ocorriam. Muitas mulheres, especialmente jovens, se unem às guerrilhas como forma de escapar dos ambientes tradicionais familiares. Veem o YPJ como espaço de libertação pessoal e coletiva.

As mulheres do YPJ acreditam que um dia uma organização como a sua não será mais necessário, e mulheres estarão integradas dentro do YPJ, sem que isso pressuponha uma renúncia às suas demandas, mas que isto ainda não está próximo.

Não lutamos apenas contra o ISIS, lutamos para mudar a mentalidade e para demonstrar o poder das mulheres em todo o mundo. Nós, da YPJ, estamos em guerra em Rojava por necessidade. Nossas ideias vão além de Rojava. Queremos lutar em escala global. Queremos que o mundo nos conheça por nossas ideias, não por nossas armas.¹⁰⁹

¹⁰⁹ Ibidem, p. 178.

Conclusão

O povo curdo está há centenas de anos assentado no Oriente Médio, antes dessa região sonhar em ostentar essa alcunha. Como característica mais relevante deste povo, está sua resiliência: os curdos não se adaptam apenas aos mais diversos tipos de ambiente, ocupando regiões montanhosas, planícies e áreas desérticas, como também a diferentes tipos de governo. Já viveram sob reinados, califados, impérios, democracias, ditaduras, Estados confessionais e laicos, entre outros.

Isso demonstra que para além de um desejo subjetivo nacionalista de ter um território soberano, a história dos curdos tem sido marcada pela sua resistência sempre que a autonomia de seu território é colocada em risco. Deste modo, viver ou não sob um califado ou qualquer outro tipo de entidade é uma questão, para o povo curdo, sempre menor do que a possibilidade real de conduzir seu território e economia, decidindo o que plantar e o que produzir.

Durante sua trajetória, a maior parte dos conflitos envolvendo o povo curdo foram consequências de invasões e imposições de agentes externos. Também é notável como se trata de uma população que aprendeu com todos esses confrontos, fato marcado pela autocrítica e mudança de perspectiva e estratégia política em diversos momentos. A força da população curda não pôde ser contida nem com sua violenta divisão em 4 Estados diferentes, embora, como demonstrou o estudo, tenha provocado diferenciações e projetos políticos antagônicos.

A tentativa de criação de um Estado nos moldes ocidentais por parte dos curdos iraquianos, neste sentido tanto das forças do PDK quanto do UPK, são uma prova que mesmo agindo dentro das regras do jogo democrático, não existe nenhuma garantia que a comunidade Internacional irá ouvir sua demanda. Até mesmo a realização de um simples plebiscito proposto por Barzani colocou diversos países contra os interesses curdos. Em uma perspectiva interna, as forças institucionais do Barzani não demonstraram também superioridade bélica em relação às forças do YPG e YPJ, mesmo eles contando com apoio e armamento de potências como EUA e Inglaterra.

De certo modo, isto traz legitimidade para a postura do PKK, que abriu mão de ilusões diplomáticas e travou desde o início violentos embates com o Estado da Turquia. É preciso frisar, inclusive, que as autocríticas e mudanças de posicionamento do PKK no decorrer dos anos sempre derivaram de lições retiradas da própria história da questão curda, haja vista as traições e golpes que os curdos vinham acumulando desde o fim da

Primeira Guerra Mundial.

A perspectiva do confederalismo democrático se mostrou um importante recurso dos curdos e um exemplo de democracia radical para inspirar ativistas e militantes em todo o mundo. A insistência na autonomia do povo, na democracia direta, no envolvimento massivo e democrático com a política criaram um povo forte capaz de resistir ao mais violento dos desertos. Foi a perspectiva que permitiu um exército feminino dentro de uma região marcada pelo patriarcalismo e opressão às mulheres.

Além disso, as ações deste grupo político e seus aliados, PYD e PJK, e também da Organização do Estado Islâmico – reservada as diferenças abissais entre esses dois grupos – marcaram um novo período para os conflitos territoriais e geopolíticos no mundo. A apropriação e proclamação de território autônomos, dentro de uma perspectiva de secessão que se dá *de facto*, ou seja, através da própria apropriação do território em vez de um processo institucional e burocrático, causou transformações no mapa do Oriente Médio abrindo uma conjuntura no qual o desenho das fronteiras não permanecia o mesmo semana após semana.

Neste contexto, também vale destacar o papel dos Estados Unidos da América. A invasão do Iraque e a política externa de indução da democracia falhou e trouxe um cenário de violência, violação de direitos e barbárie, o qual enfraqueceu os poderes hegemônicos regionais e abriu a possibilidade para que outros agrupamentos oprimidos, seja de minorias religiosas, étnicas e/ou políticas passassem também a intervir, dando origem a diversas guerras civis.

Foi neste momento que os curdos encontraram terreno para quase um século depois de perderem seus territórios, construírem seu território livre e autônomo. A guerra, ao mesmo tempo que permitiu que os curdos tomassem pelas mãos o seu destino, foi também causadora de instabilidade e por atrasar os avanços da revolução que ocorreu nas áreas curdas na Síria.

O fracasso das políticas norte-americanas de George W. Bush é explicado pelo historiador Peter Demant (2014) em 6 pontos:

- a) a ausência de legitimidade, decorrente da ausência de apoio por parte de importantes países, como Alemanha, França, China e Rússia - ainda que das duas últimas sempre se espere uma oposição axiomática. Na época, Kofi Annan, secretário geral da ONU, alegou que do ponto de vista Carta das Nações Unidas a guerra no Iraque - assim como a própria doutrina da "guerra preventiva" - foi ilegal;
- b) a inteligência questionável, a qual baseou-se em informações incorretas sobre

ADMs e a ligação entre Saddam e a al-Qaeda; c) ausência de planejamento e recursos, expressa pela quantidade mínima de despesas e o fraco planejamento para os dias após a derrubada do regime; d) o não-estabelecimento de um poder brando (é um termo usado na teoria de relações internacionais para descrever a habilidade de um corpo político, como um Estado, para influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos políticos por meios culturais ou ideológicos) para neutralizar a instabilidade da queda do regime, e a subestimação do antiocidentalismo, o qual os intervencionistas acreditavam decorrer única e exclusivamente da propaganda dos regimes que substituiriam; e) a seletividade interesseira, que despertou questionamentos do que porquê intervir no Iraque por causa de ADMs e não Israel, ou denunciar os crimes contra os direitos humanos do Iraque enquanto se alinha com a Arábia Saudita; f) a desmoralização doméstica, ou seja, conforme o estabelecimento das promessas do pré-guerra se tornavam mais distantes e onerosos, o apoio da população norte-americana à guerra foi caindo drasticamente.¹¹⁰

Esses 6 pontos também são evocados pelo historiador para explicar os empecilhos para a invasão da Síria, quase uma década depois, por parte dos norte-americanos para derrubar o outro regime ba'athista, liderado por Assad. O fracasso dessas intervenções, no Iraque e na Síria, em algum nível se relaciona com os avanços dos projetos dos grupos curdos nestes países, e também com o califado autoproclamado pela OEI.

De qualquer forma, o que é dissimulado pela Guerra do Iraque e seus desdobramentos, é a crescente influência norte-americana na região do Golfo desde o fim da Segunda Guerra Mundial, e antes disso, pelos ingleses, desde o fim do Império Otomano.¹¹¹

Existe também o embate direto com Turquia, Síria, Iraque e Irã. Os curdos que vivem dentro dessas fronteiras ocupam áreas ricas em ouro, cobre e petróleo, como no caso da Turquia para os primeiros recursos, e o Irã e Iraque, para o último. Vivem também em locais ricos em mananciais de água, provenientes dos rios Tigres e Eufrates, um recurso em escassez e fonte de soberania em diversas partes do Oriente Médio.

Esses países repelem com violência, há décadas, qualquer tentativa de insurreição dos curdos, se aproveitando da situação de vulnerabilidade para se apropriar de seu trabalho, impondo os serviços braçais e mais precários nas zonas em que eles vivem.

Com a derrota da Organização do Estado Islâmico, até o término desta dissertação o conflito dos curdos se encontrava em impasses nos territórios e grupos políticos

¹¹⁰ DEMANT, 2014.

¹¹¹ HARLING & YASIN, 2013.

conformados após todos esses anos de guerra civil.

Barzani renunciou ao seu cargo após a pressão que sofreu por ter levado até o fim o plebiscito, no qual o “sim” pela separação venceu com mais de 90%. O Iraque impôs perda de território ao grupo, e por fim os poderes de Barzani foram repartidos pelo parlamento curdo.¹¹²

No Norte da Síria, a situação não foi muito diferente. A medida que as forças de Assad derrotaram a OEI e reconquistaram os territórios nas mãos da oposição síria, medidas e ameaças para recuperar o território autônomo dos curdos foram anunciadas. A queda de Raqa, que foi capital do califado no noroeste da Síria, marcou o fim da OEI. Na operação, o Exército sírio foi apoiado pela Rússia. A recuperação de Deir Ezzor, cidade rica em petróleo, coincidiu com o avanço da oposição síria e pelas milícias curdas. Aparentemente não coordenada, a ação forçou a debandada da OEI. O que estava em jogo para tal coincidência é a corrida para ver quem expulsa primeiro os jihadistas da Síria e garante um controle estratégico via comunicações pelo vale em direção ao Iraque.¹¹³

As perspectivas dos curdos tanto no Iraque quanto na Síria não são as mais otimistas. Enquanto os curdos até então liderados por Barzani passam a sofrer sanções do Estado iraquiano; na Síria, a recente derrota da OEI e a recuperação de diversas cidades pelas forças pró-Assad podem significar um momento de recuo para os militantes curdos caso um apoio internacionalista forte não ecoe. Esse apoio não é apenas necessário, como também é merecido: durante os dias de terror da OEI, as forças do YPG e YPJ serviram como bastião da esperança na região.

Nenhuma outra força enfrentou tão bravamente os grupos jihadistas por terra como os curdos, de modo que não é exagero afirmar que boa parte dos créditos pela derrota do grupo extremista islâmico se devem a eles. No momento em que os exércitos do Iraque e da Síria estavam mais desmobilizados e enfraquecidos, foram os curdos, com pouquíssimos recursos além do próprio desejo por conduzir sua terra, que resistiram e não permitiram que seus territórios foram tomados. Para não trair a própria História, agora novamente as forças do ocidente e do oriente se reúnem para impedir que este povo garanta seu território, uma tragédia que marca mais um golpe proferido contra essa minoria.

O presente estudo, que procurou geografiar e demonstrar os conflitos envolvendo os

112 Parlamento curdo repartirá poderes do presidente Barzani. Em: <<https://istoe.com.br/parlamento-curdo-repartira-poderes-do-presidente-barzani/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

113 SANZ, 2013. Exército sírio expulsa o Estado Islâmico de seu último grande bastião. Em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/03/internacional/1509698773_037152.html>. Acesso em: 08 novembro 2017.

curdos na atualidade teve como maior sustentáculo a obra de Raffestin, a qual garantiu as ferramentas necessárias para se pensar a geografia política do Oriente Médio em uma perspectiva que não é mais marcada apenas pelos conflitos entre Estados, mas pelo surgimento de diversos atores paraestatais que vivem o território e criam estratégias para manter o controle sobre ele. Entre esses atores, destacam-se os revolucionários do confederalismo democrático, os quais buscam por uma nova racionalidade para tratar seu território: longe da guerra, da exploração e da destruição ambiental.

Os princípios deste grupo, que são sintetizados por Ocalan (2015), trazem elementos não apenas para solução dos problemas curdos, como de todo Oriente Médio, dentro da perspectiva de um confederalismo radical, que reconheça as nacionalidades ali existentes, e ao mesmo tempo seja democrático e tolerante, celebrando a diversidade, a qual é um elemento típico e que sempre esteve presente na região:

Princípios do confederalismo democrático

1. O direito de autodeterminação dos povos inclui o direito a um Estado próprio. No entanto, a fundação de um Estado não aumenta a liberdade de um povo. O sistema das Nações Unidas, que é baseado em Estados-nação, tem permanecido ineficiente. Além disso, os Estados-nação tornaram-se sérios obstáculos para qualquer desenvolvimento social. O Confederalismo Democrático é o paradigma contrastante das pessoas oprimidas.
2. O Confederalismo Democrático é um paradigma social sem Estado. Ele não é controlado por um Estado. Ao mesmo tempo, o Confederalismo Democrático é o modelo cultural e organizacional de uma nação democrática.
3. O Confederalismo Democrático se baseia na participação popular. Seus processos de tomada de decisão se dão nas comunidades. Os níveis mais altos de decisão só servem à coordenação e implantação da vontade das comunidades, que enviam seus delegados às assembleias gerais. Pelo limitado espaço de tempo, estas são instituições tanto porta-vozes quanto executivas. No entanto, o poder de decisão cabe às instituições de base locais.
4. No Oriente Médio, a democracia não pode ser imposta pelo sistema capitalista e seus poderes imperialistas, que só prejudicam a democracia. A propagação da democracia de base é fundamental. É a única abordagem que pode lidar com diversos grupos étnicos, religiões e diferenças de classe. Ela também caminha junto com a estrutura social tradicional da confederação.

5. O Confederalismo Democrático no Curdistão é também um movimento antinacionalista. Destina-se à realização do direito de autodefesa dos povos pelo avanço da democracia em todas as partes do Curdistão, sem questionar as fronteiras políticas existentes. O movimento pretende estabelecer estruturas federativas no Irã, Turquia, Síria e Iraque, abertas para todos os curdos e, ao mesmo tempo, formar uma confederação comum para todas as quatro partes do Curdistão.¹¹⁴

¹¹⁴ OÇALAN, 2015, p. 13 – 14.

Referências

AKCELRUD, Isaac. O oriente médio – Origem histórica dos conflitos. Imperialismo e petróleo. Judeus, árabes, curdos e persas. São Paulo: Atual, 1986.

BALANDIER, Georges. Anthropologie politique. Paris: PUF, 1967. p. 43.

BAVA, Silvio Caccia. Editorial: Primavera árabe, 2011. Em: <<http://diplomatie.org.br/primavera-arabe/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

CHOMSKY, Noam. Terrorismo, a arma dos poderosos, 2001. Em: <<http://diplomatie.org.br/terrorismo-a-arma-dos-poderosos/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

COLE, Juan. Os xiitas cortejados pelos EUA, 2003. Em: <<http://diplomatie.org.br/os-xiitas-cortejados-pelos-eua/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

Corporate Watch. Struggles for autonomy in kurdistan and corporate complicity in the repression of social movements in Rojava and Bakur. London: Corporate Watch Cooperative Ltd, 2016. Em: <<https://corporatewatch.org/struggles-for-autonomy-in-kurdistan/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

CORREA, Roberto Lôbato. Região e Organização Espacial. São Paulo: Editora Ática, 1990.

CORREIA. Iraque: incertezas em torno do referendo no Curdistão, 2017. Em: <<https://esquerdaonline.com.br/2017/09/21/iraque-incertezas-em-torno-do-referendo-no-curdista/>> Acesso em: 08 novembro 2017.

Danish Immigration Service. Syria - Military service, mandatory self-defence duty and recruitment to the YPG. Copenhagen: 2015. Em: <<https://www.nyidanmark.dk/NR/rdonlyres/D2CD3A2F-402C-439C-9CD3-62EA255ED546/0/SyrienFFMrapport2015.pdf>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

DEMANT, Peter. Imperialismo e guerra civil no mundo árabe: a tragédia síria. Parte I: a virada antiintervencionista. São Paulo: FFLCH, 2014.

DEMANT, Peter. Imperialismo e guerra civil no mundo árabe: a tragédia síria. Parte II: aporias e consequências da falta de intervir. São Paulo: FFLCH, 2014.

DUNFORD, Daniel & STYLIANOU, Nassos & RODGERS, Lucy. As imagens e gráficos que mostram o que sobrou de Mossul após a feroz ofensiva para expulsar o Estado Islâmico, 2017. Em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-40894309>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

ESPINOSA. Iraque anuncia retomada de região dominada por curdos desde 2014, 2017. Em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/18/internacional/1508318670_332361.html>.

Acesso em: 08 novembro 2017.

ESPINOSA. "Nós, árabes, estamos sendo discriminados", 2014. Em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/15/internacional/1402856111_146347.html>.

Acesso em: 08 novembro 2017.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1987, p. 88-97.

GLAVIN, Terry. In Iraq and Syria, it's too little, too late, 2014. Em:

<<http://ottawacitizen.com/opinion/columnists/iraq-and-syria-too-little-too-late>>. Acesso em:

08 novembro 2017.

GRESH, Alain. Editorial: Objetivo: Bagdá, 2002. Disponível em:

<<http://diplomatie.org.br/objetivo-bagda>>. Acesso em: 27 de jul. 2017.

GRESH, Alain. Crimes e mentiras de uma "guerra de libertação", 2003. Em:

<<http://diplomatie.org.br/crimes-e-mentiras-de-uma-guerra-de-libertacao-2/>>. Acesso

em: 08 novembro 2017.

GRESH, Alain. As revoluções árabes e o caso da Síria, 2012. Em:

<<http://diplomatie.org.br/as-revolucoes-arabes-e-o-caso-da-siria/>>. Acesso em: 08

novembro 2017.

HARLING, Peter & YASIN, Hamid. Dez anos depois, o que aconteceu com o Iraque?, 2013. Disponível em: <<http://diplomatie.org.br/dez-anos-depois-o-que-aconteceu-com-o-iraque/>>.

Acesso em: 09 novembro 2011.

HASSAN, Hassan. Maliki's war on Al Qaeda is tainted by sectarian politics, 2014.

Em: <<http://www.thenational.ae/thenationalconversation/comment/malikis-war-on-al-qaeda-is-tainted-by-sectarian-politics>>.

Acesso em: 08 novembro 2017.

LAURENS, Henry. Guerra arbitrária: A partilha do Oriente Médio, 2003. Disponível

em: <<http://diplomatie.org.br/a-partilha-do-orient-medio/>>. Acesso em: 27 de jul. 2017.

National Geographic Society (U.S.) Book Division. Atlas of the Middle East. Washington: National Geographic Society, 2006.

NEZAN, Kendal. Curdistão: Uma frágil primavera curda no Iraque, 2001. Disponível

em: <<http://diplomatie.org.br/uma-fragil-primavera-curda-no-iraque/>>. Acesso em: 27 de

jul. 2017.

OCALAN, Abdullah. Guerra e paz no Curdistão: perspectivas para uma solução

política da questão curda. International Initiative, 2008.

OCALAN, Abdullah. Confederalismo Democrático. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2016.

PIOT, Oliver. Oriente Médio: Encontro com a guerrilha curda, 2008. Disponível em: <<http://diplomatie.org.br/encontro-com-a-guerrilha-curda/>>. Acesso em: 27 de jul. 2017.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RAMONET, Ignácio. A era da guerra perpétua, 2003. Em: <<http://diplomatie.org.br/a-era-da-guerra-perpetua>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

VÀZQUEZ, Jordi. et al. A Revolução Ignorada: Liberação da mulher, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

SANZ, Juan Carlos. Exército sírio expulsa o Estado Islâmico de seu último grande bastião, 2017. Em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/03/internacional/1509698773_037152.html>.

Acesso em: 08 novembro 2017.

SÉRÉNI. Ecos de uma guerra por petróleo, 2013. Em: <<http://diplomatie.org.br/ecos-de-uma-guerra-por-petroleo/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

SHERIDAN, Kerry. Iraq Death Toll Reaches 500,000 Since Start Of U.S.-Led Invasion, New Study Says, 2013. Em: <http://www.huffingtonpost.com/2013/10/15/iraq-death-toll_n_4102855.html>. Acesso em: 08 novembro 2017.

SILVA, Edilson Adão C. Oriente Medio – A gênese das fronteiras. São Paulo: Editora Zouk, 2003.

THAROOR. Ishaan. A U.S.-designated terrorist group is saving Yazidis and battling the Islamic State, 2014. Em:

<<https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/08/11/a-u-s-designated-terrorist-group-is-saving-yazidis-and-battling-the-islamic-state/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

VERCUEIL, Julien. Funesta rivalidade entre a Al-Qaeda e a Organização do Estado Islâmico, 2015. Em: <<http://diplomatie.org.br/funesta-rivalidade-entre-a-al-qaeda-e-a-organizacao-do-estado-islamico/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

VERRIER, Michel. Iraque: Qual autonomia para os curdos?, 2004. Disponível em: <<http://diplomatie.org.br/qual-autonomia-para-os-curdos/>>. Acesso em: 27 de jul. 2017.

VERRIER, Michel. Questão curda: Paisagens antes da guerra, 2002. Disponível em: <<http://diplomatie.org.br/paisagens-antes-da-guerra>>. Acesso em: 08 novembro

2017.

WHITAKER, Brian. Revealed: Al-Qaida plan to seize control of Iraq, 2005. Em: <<https://www.theguardian.com/world/2005/oct/13/alqaida.iraq/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

ZENOBIÊ. Slogans da intifada síria, 2011. Em: <<http://diplomatie.org.br/slogans-da-intifada-siria/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

Sites:

Al Jazeera, 2015. Em: <<http://www.aljazeera.com/news/2015/06/isil-controls-syria-land-area-150601131558568.html>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

Anistia Internacional, 2007. Em: <<https://www.amnesty.org/en/library/asset/MDE14/014/2007/en/ca1182c2-d3a6-11dd-a329-2f46302a8cc6/mde140142007es.pdf>>. Acesso em: 05 junho 2017.

Enciclopedia Kurdistanica. <<http://www.kurdistanica.com/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

Enciclopedia Britânica. <<https://global.britannica.com/place/Kurdistan>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

<http://www.gutenberg.org/files/1170/1170-h/1170-h.htm#link2H_4_0026>. Acesso em: 08 novembro 2017.

Exame. “Arqueólogos mostram evolução de sociedades mesopotâmicas.” <<https://exame.abril.com.br/ciencia/arqueologos-mostram-evolucao-de-sociedades-mesopotamicas/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

IstoÉ. Parlamento curdo repartirá poderes do presidente Barzani. Em: <<https://istoe.com.br/parlamento-curdo-repartira-poderes-do-presidente-barzani/>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

Em: <<https://www.kurdishquestion.com/article/3061-exclusive-interview-with-pyd-co-chair-salih-muslim-rojava-will-establish-a-new-civilisation>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

<https://wwi.lib.byu.edu/index.php/Sykes-Picot_Agreement>. Acesso em: 08 novembro de 2017.

Em: <<https://www.lrb.co.uk/v36/n08/seymour-m-hersh/the-red-line-and-the-rat-line>>. Acesso em: 08 novembro 2017.

Em: <<https://peaceinkurdistancampaign.com/charter-of-the-social-contract/>>.

Acesso em: 08 novembro 2017.

Em: <<https://resistenciacurda.wordpress.com/2017/01/08/rojava-ou-norte-da-siria/>>

Acesso em: 08 novembro 2017.

<<https://www.wsj.com/articles/SB1000142405270230387760457738048067757564>

[6](#)>. Acesso em: 08 novembro 2017.